

BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outros esboços — 2.ª edição.
- 2 — Pandá Calogeras: O Marquez de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — Alcides Gentil: As idéas de Alberto Torres (synthese com indice copiosivo).
- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação — 3.ª edição (aumentada).
- 6 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822) — Trad. de Afonso de E. Taunay — 2.ª ed.
- 6 — Baptista Pereira: Vultos e episódios do Brasil.
- 7 — Baptista Pereira: Directrices de Itay Barbosa — (Segundo textos esboçados).
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil — 1.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 2.ª edição (illustrada).
- 11 — Luiz da Câmara Cascudo: O Cande d'Eu — Vol. illustrado.
- 12 — Wendell Wy Pisto: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotezipo — Vol. illustrado.
- 13 — Vicente Lleixo Cardoso: A margem da Historia do Brasil.
- 4 — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira — 2.ª edição.
- 5 — Pandá Calogeras: Da Regencia á queda de Rozas — 3.º volume (da serie "Relações Exteriores do Brasil").
- 6 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 7 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 8 — Visconde de Taunay: Pedro II. — 2.ª Ed.
- 9 — Afonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVII). — 2.ª Ed.
- 10 — Alberto de Faria: Mauá (com tres illustrações fóra do texto).
- 1 — Baptista Pereira: Pelo Brazil Maior.
- 2 — E. Rouquette-Pinto: Ensaio de Antropologia Brasileira.
- 3 — Eurístico de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — Pandá Calogeras: Problemas de administração.
- 25 — Mario Matroquim: A lingua de Nordeste.
- 26 — Alberto Rangel: Ramos e Perspectivas.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Facilitas.
- 28 — General Coulo de Magalhães: Viagem at Araguaya — 4.ª edição.
- 29 — José do Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. illustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na etise actual.
- 32 — C. de Mello-Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio — Ed. illustrada (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Anyane Costa: Introdução á Archeologia Brasileira — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. Sampaio: Phytogeographia do Brasil — Ed. illustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: Primeiras Povoadores do Brasil — (Ed. illustrada).
- 38 — Itay Barbosa: Mocidade e Exilio (Cartas inéditas. Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe) — Ed. illustrada.
- 39 — E. Rouquette-Pinto: Rondonia — 3.ª edição (aumentada e illustrada).
- 40 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 1.º Tomo — Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição illustrada (com 18 gravuras).
- 41 — José-Maria Beijo: A intelligencia do Brasil.
- 42 — Pandá Calogeras: Formação Historica do Brasil — 3.ª edição (com 3 mappas fóra do texto).
- 43 — A. Saboya Lima: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — Estevão Pinto: Os Indigenas do Nordeste (com 16 gravuras e mappas) — 1.º volume.
- 46 — Basílio de Magalhães: Expansão Geographica do Brasil Colonial.

- 46 — Renato Mendonça: A Influência africana no português do Brasil — Ed. Ilustrada.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Moul.
- 48 — Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas bahianos.
- 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil — Ed. Ilustrada (com 60 gravuras e mapas).
- 50 — Mario Travassos: Projecção Continental do Brasil — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.ª edição ampliada.
- 51 — Octavio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Tupy-guarany.
- 53 — A. J. do Sampaio: Biogeographia dynamica.
- 54 — Antonio Gontijo do Carvalho — Calogeras.
- 55 — Hildebrando Accloly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Exilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Traducção, prefacio e notas de Gantão Penola.
- 57 — Flausino Rodrigues Valle: Elementos do Folk-lare musical Brasileiro.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — Emilio Rivinseau: A vida dos Indios Guaycurús — Edição Ilustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleiss) — Edição Ilustrada.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição Ilustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: Na Planicie Amazonica - 4.ª edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Sobrados e Mucambas — Decadencia patriarcal rural no Brasil — Ed. Ilustrada.
- 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 66 — Primitivo Moneyr: A Instrucção e o Imperio (Subsidios para a historia da educaçao no Brasil) — 1823-1863 — 1.º volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 1.º tomo — Traducção e notas de Clodo Ribeiro Lessa.
- 69 — Prado Maia: Atravez da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Affonso Arinos de Mello Franco Conceição de Civilização Brasileira.
- 71 — F. C. Hochne — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuções).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira — Machado de Assis — (Estudo Critico-Biographico) — Edição Ilustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — Estudos Historicos e Politicos — (Res Nostra...) — 2.ª edição.
- 75 — Affonso A. de Freitas: Vocabulario Nheengatú (veracultado pelo portuguez fado em S. Paulo) — Lingua Tupy-guarany. (com 3 illustrações fura do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: Historia secreta do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento á abdicação de Pedro I" — Edição Ilustrada.
- 77 — C. de Mello-Leitão: Zoologia do Brasil — Edição Ilustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 2.º tomo — Traducção e notas de Clodo Ribeiro Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinimabá — Sua vida e sua actuação na politica nacional — 1840-1859.
- 80 — Oswaldo R. Cabral: Santa Catharina — Edição Ilustrada.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Batalha de Primeiro Imperio — Frei Caneca — Ed. Ilustrada.
- 82 — C. de Mello-Leitão: O Brasil Vista Pelos Ingleses.
- 83 — Pedro Culmon: Historia Social do Brasil — 2.º Tomo — Espirito da Sociedade Imperial.
- 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição Ilustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Cotegipe e o Tempo — Ed. Ilustrada.
- 86 — Aurelio Pinheiro: A Margem do Amazonas — Ed. Ilustrada.
- 87 — Primitivo Moneyr: A Instrucção e o Imperio — (Subsidios para a Historia da Educaçao no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino 185-1888.
- 88 — Helio Lobo: Um Varão da Republica: Fernando Lobo.

- 89 — Coronel A. Lourival de Mouta: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 90 — Alfredo Ellis Junior: A Evolução da Economia Paulista e suas Causas — Edição Ilustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco.
- 92 — Almirante Antonio Alves Camarã: Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil — 2.ª edição ilustrada.
- 93 — Seraphim Leite: Páginas de História do Brasil.
- 94 — Salomão de Vasconcellos: O Fico — Minas e os Mineiros da Independência — Edição Ilustrada.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1855-1866 — Trad. de Edgar Süsskind de Mendonça — Edição Ilustrada.
- 96 — Osório da Rocha Diniz: A Política que convem ao Brasil.
- 97 — Lima Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição Ilustrada.
- 98 — Fernando de Azevedo: A Educação Publica em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).
- 99 — C. de Mello-Leitão: A Biologia no Brasil.
- 100 — Roberto Simonsen: História Económica do Brasil — Ed. Ilustrada em 2 tomos — 700 e 100-A.
- 101 — Herbert Baldus: Ensaio de Etnologia Brasileira. — Edição Ilustrada.
- 102 — S. Feres Abreu: A riqueza mineral do Brasil — Edição Ilustrada.
- 103 — Souza Carneiro: Myths Africanos no Brasil. — Edição Ilustrada.
- 104 — Araújo Lima — Amazonia — A Terra e o Homem — (Introdução á Antropogeographia) — 2.ª edição.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: A Provincia — 2.ª edição.
- 106 — A. C. Tavares Bastos: O Valle do Amazonas — 2.ª edição.
- 107 — Luis da Cunha Casaco: O Marquez de Olinda e seu tempo (1793-1870) — Edição Ilustrada.
- 108 — Padre Antonio Vieira: Por Brasil e Portugal — Sermões commentados por Pedro Calmon.
- 109 — Georges Rueders: D. Pedro II e o Cande de Gobineau (Correspondencia Inedita).
- 110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.
- 111 — Washington Luiz: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.ª edição.
- 112 — Evêvão Pinto: Os Indígenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).
- 113 — Gastão Cruls: A Amazonia qua er vi — Obidos-Tumuc-Humac — Prefacio de Roquette-Pinto — Ilustrado. 2.ª edição.
- 114 — Carlos Süsskind de Mendonça: Sylvio Ramero — Sua Formação Intellectual — 1851-1880 — Com uma indicação bibliographica — edição Ilustrada.
- 115 — A. C. Tavares Bastos — Cartas do Solitario — 3.ª edição.
- 116 — Agner Augusto de Miranda — Estudos Piahyenses — Edição Ilustrada.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: Tratado Descriptivo do Brasil em 1587 — Commentarios de Francisco Adolpho Vaihagen — 3.ª Edição.
- 118 — Von Spix e Von Martius: Atravez da Bahia — Excerptos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Edição Ilustrada.
- 120 — Pedro Calmon: O Rei Philospho — Vida de D. Pedro II — Edição Ilustrada.
- 121 — Primitivo Moneyr: A Instrução e a Imperio (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil) 3.º volume — 1854-1889.
- 122 — Fernando Saboya de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America.
- 123 — Hermann Wütjen: O Dominio Colonial Halliendez no Brasil — Um Capitulo da Historia Colonial do Seculo XVII — Tradução de Pedro Ceão Uchôa Cavalcanti.
- 124 — Dulz Noton: A Corte de Portugal no Brasil — Notas, documentos e cartas diplomaticas da Imperatriz Leopoldina — Edição Ilustrada.
- 125 — João Dornas Filho: O Padroado e a Igreja Brasileiro.
- 125 e 125-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagens pelas Provincias de Ria de Janeiro e Minas Gerases — em 2 tomos — Edição Ilustrada. Tradução e Notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.

**Visitantes do
Brasil Colonial**
(Seculos XVI-XVIII)

384

SERIE 5.^a — BRASILIANA — VOL. 19
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

AFFONSO DE E. TAUNAY
da Academia Brasileira

VISITANTES
DO BRASIL
COLONIAL
(Seculos XVI-XVIII)

2.^a EDIÇÃO



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Porto Alegre

1938

Bibliographia do traductor: publicações em volume

FICÇÃO

Leonor de Avila, romance brasileiro seccentista (Chronica do tempo dos Philippes).

HISTORIA DO BRASIL

Grandes vultos da Independencia Brasileira

Na Bahia colonial

Na Bahia de Dom João VI

Rio de Janeiro de antanho

Señal Rey Nosso Senhor

No Brasil imperial

A gloria dos Andradas

Do Reino ao Imperio

Vizinhos e vizinhanças

Santa Catharina nos annos primeiros

A grande vida de Fernão Dias Paes

Viajantes do Brasil colonial

Do Brasilino rebus pluribus

No Brasil de 1840

Em Santa Catharina colonial

A propagação da cultura cafeeira no Brasil

Subsidios para a historia do café no Brasil colonial

HISTORIA DE S. PAULO

Na era das bandeiras

A gloria das bandeiras

Historia Geral das Bandeiras Paulistas — Tomos de I a VII

Indios! Ouro! Pedras!

Um grande bandeirante: Bartholomeu Paes de Abreu

Collectanea de documentos da antiga cartographia paulista

Ensaio de carta geral das bandeiras paulistas

Estudos de Historia paulista

Antigos aspectos paulistas

Terra bandeirante

TRADUÇÕES

A Retirada da Laguna

A segunda viagem de Saint Hilaire a S. Paulo

HISTORIA DA CIDADE DE S. PAULO

S. Paulo nos primeiros annos

S. Paulo no seculo XVI

Historia seccentista da Villa de S. Paulo — Tomos de I a IV

Historia da villa de S. Paulo no seculo XVIII

Historia da cidade de S. Paulo no seculo XVIII — Tomos I a III.

Piratinga

Non ducor duco

Historia antiga da Abbadia de S. Paulo — 1598-1772.

HISTORIA DA ARTE, DA SCIENCIA E DA LITTERATURA NO BRASIL

A missão artistica de 1816

Niclaus A. Taunny. Documentos sobre sua vida e sua obra

A vida gloriosa e tragica de Bartholomeu de Gusmão

Bartholomeu de Gusmão e sua prioridade acrostica

Zoologia phantastica do Brasil

Monstros e monstrenhos do Brasil

Pedro Taques e seu tempo

Escriptores coloniales

Martim Francisco III

LINGUISTICA

Lexico de termos technicos e scientificos

Lexico de lacunas

Vocabulario de omissões

Collectanea de falhas

Reparos ao Diccionario de Candido de Figueiredo

A terminologia scientifica e os grandes dictionarios portuguezes insufficientes e deficientes dos grandes dictionarios portuguezes inopios scientificos e vocabular das grandes dictionarios portuguezes

ASSUMPTOS SCIENTIFICOS

Ensaio de bibliographia referente ao Brasil e ás sciencias naturaes (em collaboração). 1.ª parte: litteratura brasileira

Ensaio de Bibliographia (2.ª parte: litteratura estrangeira).

EM PREPARAÇÃO

Historia Geral das Bandeiras Paulistas (tomo VIII)

Subsidios para a historia do café no Brasil imperial

Guanabara

REEDIÇÕES COMMENTADAS

Pedro Taques:

Nobiliarchia paulistana

Informação sobre as minas de S. Paulo

Historia da capitania de S. Vicente.

Frel Gaspar da Madre de Deus: Memorias para a historia da capitania de S. Vicente

Antonio: Cultura e opulencia do Brasil

Bartholomeu de Gusmão: obras completas.

A Francisco Teixeira da Silva Telles

*homenagem de amizade fraterna e
do mais alto apreço ao character, á
intelligencia, á cultura e á bondade.*

Algumas linhas de prefacio

Nos capitulos de que se compõe este desvalioso trabalho procurei compendiar o que deixaram dito diversos navegadores estrangeiros visitantes do Brasil nos seculos XVI, XVII e XVIII em suas relações de jornada maritima.

Tem alguns destes viajantes grande renome como se dá com Oliver van Noord, por exemplo. Outros menos conhecidos são. Passam alguns ainda aos olhos do publico como extranhos. E ainda dous ha, Ricardo Fleckno e Oliver van Noord autores de narrativas que rarissimos brasileiros terão lido.

Publicados estes estudos no Jornal do Commercio em diversos millesimos afastados e recentes agora os coordeno em livro.

Da maior importancia para a historia, sobretudo dos costumes de nossa terra, são os depoimentos xeno-brasileiros, es-

cusado é recordal-o. Divulgal-os pareceu-me, desde muito, obra meritoria.

Assim com o volume, cuja impressão hoje se enceta, entrego ao publico o oitavo tomo de uma serie que consta de um livro sobre o Brasil, em geral, dous sobre a Bahia, dous sobre o Rio de Janeiro um sexto sobre S. Paulo e um setimo sobre Santa Catharina, todos elles referentes ao periodo colonial salva quanto a um ou outro pequeno trecho.

S. Paulo, 20 de novembro de 1932.

AFFONSO DE E. TAUNAY.

INDICE

OLIVER VAN NOORD (1599)	15
RICARDO FLECKNO (1648)	33
DE LA FLOTTE (1757)	85
J. G. SEMPLE LISLE (1797)	147

Oliver van Noord
(1599)

O primeiro batavo circumnavegador do Globo. Sua tentativa frustrada de arribada ao Rio de Janeiro. Seu encontro com Pedro Taques. Notas relativas á sua biographia. Os diversos Pedro Taques.

EM sua continua preocupação das coisas do Brasil, lembrou-nos Felix Pacheco uma referencia, em tempo algures lida, a um nome de grande prestigio em nossos fastos literarios coloniaes: Pedro Taques. E teve a gentileza carinhosa de avivar as suas reminiscencias, dahi colimando magnifico resultado que nos permite offerecer aos leitores um depoimento curioso dos nossos annos quinhentistas. E queremos crel-o jánaís apresentado, na integra, em lingua portugueza.

E ainda documento este que só é consultavel por frequentadores de bibliothecas ricas, pois provém de um destes cimeios de que se achava cheia a livraria esplendida do amigo inesquecivel e illustre.

Prende-se este depoimento á memoria de um dos mais illustres marinheiros hollandezes, Oliver van Noord, o primeiro de sua nação que realizou uma viagem circumna-

vigatoria. E o quarto, em ordem chronologica, fechador do periodo oceanico universal após Fernão de Magalhães, Drake e Cavendish.

Das suas façanhas maritimas e militares ha na celebre collecção de Hu'sius (*Sammlung von Sechs und zwanzig Schiffahrten in verschieden fremde Länder*) um relato que a nossa Bibliotheca Nacional possui, num dos seus mais preciosos cinelios, a *Kurtze und Warhafftige beschreibung der Wunderbaren Schiffart Olivarii van Noort* (1599).

De tal viagem fez-se uma narrativa em francez, a *Description du pénible voyage fait autour de l'Unizers par Oliver van Noord* (Amsterdam 1602 in folio) que a nossa Bibliotheca não possuia em 1881 por occasião de sua famosa Exposição de Historia do Brasil.

Diz-nos Yan de Almeida Prado que ha dois annos viu o livro no mercado de Paris por dois mil e quinhentos francos.

Não nos foi dado ter em mãos o volume das façanhas de Oliver van Noord. Fez-nos Felix Pacheco a fineza de fornecer-nos copia das paginas correspondentes á frustrada arribada quinhentista do famoso corsario batavo ás aguas guanabarinas de onde zarpou, desilludido da possibilidade de auferir quaesquer proveitos do desembarque no Rio de Janeiro.

Nascido em Utrecht em 1568, conta-nos o inesgotavel e providencial Larousse e morto nas vizinhanças de

1611, foi Oliver van Noord o primeiro marítimo da nação batava que deu a volta ao Globo.

Desde os annos da adolescencia consagrou-se á carreira maritima.

Depois de haver effectuado diversas viagens em que angariou boa reputação de proficiencia e coragem recebeu de alguns armadores ricos, e commerciantes, seus compatriotas, a incumbencia do commando de grande expedição de corso ao Pacifico, com o fito do assalto e do saque ás cidades hespanholas.

A 13 de Novembro de 1598 singrou das aguas holandezas commandando dois navios de alto bordo e dois hiates, com uma tripulação total de 248 homens.

Pelo caminho devia tratar de fazer o maior damno possible aos portuguezes tambem, se se lhe separasse o ensejo de presa rica e facil.

Foi o que o levou a assaltar a ilha do Principe no golfo de Guiné. Sahi-lhe porém o trunfo ás avessas. Bravamente repellido pela guarnição lusa, perdeu trinta e um homens mortos e tratou de zarpar para os mares do Brasil.

Foi ter á barra do Rio de Janeiro, onde pretendeu entrar em communicação com os portuguezes.

Examinemos, porém, o proprio texto do pirata que appareceu na Guanabara em 1599.

“A 9 do dito mez (de maio) entrámos no Rio de Javeiro (sic) lançando ferro fora da Bahia, onde nosso

cabo se rompeu, num fundo que deitou ferro, com 9 braças para fora do Norte.

O vento de leste estava bastante aspero quando entrámos vindo á frente o *Dobacrt*, que deitou ferro, com 9 braças para fora do castello que se acha na costa norte da barra em frente da qual se acha a cidade de *Javeiro*.

Ha ahí um estreito que uma vez atravessado permite entrar num mar espaçoso do qual saham (sic) alguns rios.

O General (O'iver van Noord) despachou um esca-ler com um piloto chamado Barent Jansen e dois marinheiros. Dizia este piloto que ali era bem conhecido porque por lá passara havia quatro ou cinco annos. Pensava obter lá com facilidade refrescos mas não soube ir a terra por causa da irroetuosidade sahinte deste Estreito.

No dia seguinte pela manhã, appareceu-nos grande canôa tripulada por sete ou oito homens com um portuguez, falando bem o flamengo e chamado Pedro Tacq (sic), ali chegado com o Governador da Bahia e mais duzentos ou trezentos soldados. Este Pedro Tacq dizia que o Governador o enviara para descobrir que espécie de homens eramos, á vista do que lhe respondemos sermos flamengos, desejosos de obter algumas frutas ou refrescos em troca de dinheiro ou mercadorias. Queríamos bem com elles negociar. Depois que o General lhe demonstrou muita amisade voltou com a sua canôa para a praia, promettendo incontinentemente de tudo dar parte ao Governador.

No dia dez, depois de meio-dia, voltou na mesma canôa o dito portuguez que só trouxe umas cincoenta ou sessenta laranjas, demonstração evidente das intenções do Governador para conosco.

O General e o Conselho de Guerra considerando que os portuguezes o que queriam era eternisar as negociações conosco, assim como o proprio Pedro Tacq nos avisara, advertindo-nos que nada receberiamos da terra, se não o prendessemos a bordo; os ditos General e Conselho de Guerra resolveram prendê-lo, em companhia de um mestiço e dois escravos, despachando a canôa com os quatro tripulantes portadores de uma carta de Pedro Tacq ao Governador, para que mandasse á esquadra frutas em troca de dinheiro ou mercadorias, ainda aquella noite.

Na manhã de onze não vimos canôa, nem coisa alguma perto de nós, mas divisámos varios individuos que em bateis iam da fortaleza á cidade. Resolveu o General aprestar tres escaleres para angariarem frutas de que tinhamos grande falta. Tripulações por uns 60 ou 70 homens aportaram, pelo lado sul, a uma argra junto a alta montanha, chamada o Pão de Assucar, porque o portuguez (Pedro Taques) nos avisou que lá havia muitas frutas.

Chegando a terra verificaram os nossos que ali estava muita gente emboscada. Assim como espiões foram despachados dois homens que incontinenti se viram surpreendidos e aprisionados.

Desfecharam os portuguezes muitas flechas sobre os escaleres, tantas que feriram bem uns sete ou oito homens. O navio *Concordia* que escoltava os nossos botes foi obrigado a retirar-se, pelos disparos da fortaleza que vigia a bahia. Dali deram dois tiros de peça (um dos quaes abateu a cabeça de um homem) espedaçando os principaes cabos da enxarcia. Voltaram os escaleres a bordo, tendo perdidos os dois homens acima mencionados que foram prisioneiros para o Rio de Janeiro.

O General voltando a bordo (s. c. da capitanea) escreveu uma carta ao Governador perguntando-lhe se não queria trocar os nossos homens por aquelles que elle conservava presos.

A carta levou-a um escravo nadando para terra. Quasi ao cair da noite aproximaram-se de nós os da fortaleza com uma bandeira de paz, agitando-a para que a vissemos. Incontinenti mandamos tambem um escaler com uma bandeirola branca e um portuguez.

Perguntaram-nos onde queriamos que levassen os nossos aprisionados. Respondemos-lhes positivamente que a bordo dos navios; tambem queriamos entregar os seus.

A' noite houve terrivel tempestade do Sul e grande risco de serem os nossos navios atirados sobre os rochedos.

No dia 12 pela alvorada vimos uma bandeira branca no lugar prefixado. O General mandou um escaler com gente nossa e um portuguez mestiço. Com elle vol-

tou o nosso piloto Barent Jansen; os portuguezes nos dirigiam palavras muito amistosas affirmando que nos venderiam frutas e leitões em abundancia. Mas o Portuguez que prenderamos avisou-nos que não deviamos acreditar em taes promessas.

Mandou então o General ao Portuguez, que ainda estava preso, com os outros escravos, ordenando ao Quartel Mestre que não largasse da fateixa. Por causa da agitação do mar elles não souberam aportar á praia. Um dos nossos caços de esquadra certo Guilherme Potter, de Delft, poz-se nú e nadou para terra em companhia do Portuguez, sem que ninguem de tal o incumbisse. Chegando á praia foi o nosso homem preso por uns indios que da parte dos Portuguezes sahiram do matto e o capturaram. A' vista de tal o nosso escaler, largando a fateixa, tratou de fugir abandonando o cabo preso.

Neste mesmo dia mandou o General dar um tiro de peça como signal á esquadra de caçar ancoras, sahindo para fora da barra com a maré.

Tinhamos tido aqui, geralmente, ventos muito variaveis e muita chuva. Zarpámos para a Ilha de S. Sebastião no rumo de Oeste e O. S. OO bordejando a costa".

A série dos aliás insignificantes incidentes aqui relatados são outros tantos depoimentos relativos aos processos então correntes nos contactos entre os representantes das nações, naquella época em que se não havia ainda estabelecido o fundamento do Direito das Gentes. Neri Grotius ainda adolescente compuzera o seu famoso *De*

jure belli et pacis, o código das relações internacionaes elementares, naquellas idades atrasadas, em que o homem era mais *homini lupus* do que hoje, valha a verdade.

Dubio papel parece ter representado, nestes acontecimentos relatados pela narrativa da viagem de Noord, o portuguez *Pedro Tacq* que tanto sabia falar o flamengo. Quem seria? Apenas o secretario de um Governador Geral do Brasil o illustre Dom Francisco de Souza. Era portuguez mas filho de belga, dahi a facilidade com que se exprimia na lingua paterna.

Sobre elle largamente escreveu um seu terno, o linhagista illustre de S. Paulo e seu homonymo, autor da *Nobiliarchia paulistana*.

Este nome de Taques é a provavel lusitanização... de patronymico flamengo, como se deu com o Lems de Martim Lems, tambem filho dos Paizes Baixos, aporтугuezado para Leme.

Fazia o commercio com que estreitas relações houvesse entre portuguezes e flamengos, dahi o facto de vermos em Portugal, casado com portugueza e ascendente dos Taques brasileiros, o flamengo Francisco Taques Pompeu, brabanção cujos nomes seriam certamente outros em sua lingua materna.

A respeito deste ancestre, relata-nos o linhagista da *Nobiliarchia*:

“Francisco Taques Pompeo, natural de Brabante, dos Estados de Flandres, da nobilissima familia do seu appellido, passou a Portugal por causa do commercio, e

fez assento na villa de Setubal, onde casou com D. Iñez Rodrigues, natural da mesma villa, e foram moradores no çapal da freguezia de S. Julião.

Assim se vê dos autos de *genre* na camara patriarchal de Lisboa, processados no anno de 1696 por parte de Pedro Taques de Almeida (capitão-mor governador da Capitania de S. Vicente).

Do matrimonio de Francisco Taques Pompeu e D. Iñez Rodrigues nasceram sómente 2 filhos: D. Francisca Taques, e Pedro Taques. Deste faremos abaixo menção, porque nelle principiou em S. Paulo esta familia de Taques.

D. Francisca Taques em vida de seus paes foi casada em Setubal com Reinaldo João, fidalgo de Allemanha, que teve a honra de ser pagem do real estandarte de El-Rei D. Sebastião.

Achando-se em Setubal, teve este allemão umas differenças com Fernão Velho, fidalgo da casa real, e temendo-se a morte ao dito allemão lhe seguiu a vida por decreto o mesmo monarcha. Porém Fernão Velho, que era cava'heiro portuguez, preocupado mais dos estímulos do brio que attento ao respeito do real decreto, tirou a vida ao fidalgo allemão, fazendo-o expirar com duas balas, que lhe meteu pelo postição da camara em que se achara muito descansado em sua casa.

Esta culpa foi commettida publicamente, de dia, em Setubal. Informada a Majestade pelos écos da viuva D. Francisca Taques (que logo se poz em Lisboa, para na

piedade do monarcha achar a recta justiça contra o aggressor), o mandou prender; porém refugiu-se o reo no convento das freiras de Jesus da villa de Setubal.

Procedeu a justiça com as costumadas providencias que em taes casos admite a immuniidade, porém sem effeito, porque as religiosas tinham occultado a Fernão Velho, no inferno da atafona. Deu-se conta a el-rei que, mandando as ordens com a potestade de principe soberano, não tiveram as freiras outro remedio que para lançar fóra o delinquente, o qual, sendo preso e processado, foi finalmente na praça publica de Lisboa, degolado em cadafalso, e depois esquartejado o cadaver. Em cumprimento da sentença lhe foran entulhadas de sal as suas casas em Setubal para memoria do caso. Com esta infelicidade não procreou D. Francisca Taques, como tudo consta do mesmo instrumento.

Pedro Taques (irmão unico de D. Francisca Taques) passou ao Brasil feito secretario deste Estado, em companhia de D. Francisco de Souza, setimo governador geral do mesmo Estado em 1591. Depois de residir na cidade da Bahia até 1598, teve D. Francisco de Souza ordem de el-rei Felipe de Castella para passar a S. Paulo a fazer entaboar as novas minas de ouro, que já os paulistas Afonso Sardinha e Pedro Sardinha, seu filho haviam descoberto em 1597 na serra de Jaguanimbaba (hoje se conhece pela nomenclatura de Mantiqueira), e na de Jaragoá e Vuturuna; e com effeito se achou D. Francisco de Sou-

za em S. Paulo em Novembro de 1599 e com elle o secretario Pedro Taques.

Em Julho de 1602 se recolheu de São Paulo D. Francisco para o reino, donde voltou em 1609 feito governador e administrador geral das minas de ouro e prata, descobertas e por descobrir das tres capitancias do Espirito Santo, do Rio de Janeiro e de São Paulo as quaes ficaram separadas da jurisdicção do governo geral da Bahia por provisão do rei Fe'ippe, passada em Lerma aos 15 de Junho de 1608.

Em S. Paulo casou Pedro Taques com D. Anna de Proença, natural de S. Paulo, filha de Antonio de Proença moço da camara do infante D. Luiz, entre 213 moços da camara que teve o dito infante, que foi Duque de Beja, por mercê de seu pae El-rei D. Manuel.

Pedro Taques falleceu em S. Paulo com muito avançada idade, tendo occupado todo o tempo no real serviço; porque, acabando o de secretario de Estado do Brasil em 1602, em que se recolheu para o reino D. Francisco de Souza, serviu os cargos honrosos da Republica.

Voltando em 1609, D. Francisco de Souza, com os poderes de que já fizemos menção, deu a Pedro Taques o officio de juiz dos orphãos da villa de S. Paulo, vitalicio por provisão datada em 6 de Junho de 1609.

Este, como fica dito, falleceu em S. Paulo com testamento a 26 de Outubro de 1644. Teve o primeiro Pedro Taques, na extrema velhice, o grande desgosto de ver o seu primogenito assassinado em 1640, á falsa fé e numa rixa

nascida da politicagem, por Fernão de Camargo, alcunhado o *Tigre*.

Delle procede immensa descendencia em que se contam muitos dos maiores nomes do bandeirantismo.

Varios outros Pedro Taques homonymos deste patriarcha houve no Brasil. Os dois nomes se radicaram e do modo mais estreito aos fastos paulistas, porque a elles se appoz o indelevel sinete da obra litteraria do grande linhagista, admiravel e providencial chronista dos bandeirantes seus conterraneos Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714-1777) o autor da *Nobiliarchia paulistana*, da *Historia da capitania de S. Vicente*, da *Informação sobre as minas de S. Paulo*, da *Historia da Expulsão dos jesuitas de seus collegios de São Paulo* e outros trabalhos esparsos e fragmentarios.

Trabalhador formidavel teve a mais dura das sortes e ao seu espolio livresco ainda perseguiu a crueldade do destino pela mão dos plagiarios e aproveitadores. Dispersou-se o enorme acervo de seus escriptos, perdendo-se por exemplo dois terços daquella enorme obra a que consagra a vida, a *Nobiliarchia paulistana*. O que resta encheu mil e trezentas paginas da *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, de um sem numero de informes valiosissimos!

Veio o linhagista a ser o quarto dos Pedro Taques brasileiros.

Foi o primeiro aquelle de quem fala o relato de van Noord, secretario do grande Governador Geral D. Francisco de Souza; o segundo o filho deste, morto sem descen-

dencia no episodio inicial da longa e sanguinolentissima luta intestina seiscentista de São Paulo, intitulada dos Pires e Camargos; o terceiro um sobrinho deste segundo, por linha varonil; o capitão mór Governador da Capitania de S. Vicente e procurador da Corôa, Pedro Taques de Almeida, homem do maior relevo historico paulista; o quarto, o neto, por linha materna, deste terceiro: o linhagista autor da *Nobiliarchia Paulistana*.

Outros Pedro Taques occorrem em nossos fastos, menos conhecidos comtudo. Assim por exemplo um segundo Pedro Taques de Almeida, lente da Universidade de Coimbra e depois benedictino, neto do primeiro possuidor destes nomes.

Delle disse o primo genealogista: sendo oppositor muitos annos na Universidade de Coimbra, nella soube estabelecer um perpetuo louvor pelo merecimento da litteratura, com que se fez estimado entre os oppositores do seu tempo. Nas ostentações de 1735 obteve honrosissimas informações dos vogaes; porém podendo mais que o merecimento proprio o respeito alheio ficou preterido, assim como muitos outros benemeritos oppositores que se seguiram depois delle, sendo Taques o mais antigo entre todos. Veio o Dr. Taques a Lisboa, fallou ao primeiro ministro de Estado o Cardeal da Motta, que o recebeu benignamente e lhe deu boas esperanças. Sendo, porém, despachado outro para a cadeira que lhe pertencia por patrocínio de Frei Gaspar Moscoso, representou esta injustiça ao dito Cardeal que, instruido da magoada queixa

que lhe assistia, assegurou-lhe que Sua Majestade lhe conferia a mercê de beca para a Bahia; que a accettesse, beijando a mão a Sua Majestade pela mercê.

Porém, Pedro Taques, que já se achava com avançados annos, reflectindo bem nesta materia, achou que era melhor o asylo de uma religião.

Assim destinou o coo, porque no mesmo dia em que Sua Majestade lhe havia segurado a mercê da beca recebeu pelo correio uma honrosissima carta do Revmo. D. abbadc-geral de Tibaens, em que lhe offerecia a illustre cogula do patriarcha S. Bento.

Abraçou este acaso o Dr. Taques, e por não faltar á politica foi se despedir de Sua Eminencia, que, com apparencias de sentimento, lhe quiz voltar a resolução.

Immediatamente partiu para Tibaens, onde recebeu o habito, e depois de professo e ordenado logo de presbytero foi mandado residir no mosteiro de S. Bento da Saude da Côrte de Lisboa. Nelle passou alguns annos como sacrificio da sua obediencia, porque a sua austera e bem religiosa vida se não accommodava com o estrondo da grandeza daquelles claustros. Pediu e conseguiu o Revmo. Dr. Fr. Pedro da Conceição Taques a mudança para Tibaens, onde se lhe conferiu o pesado ministerio de pedagogo dos noviços”.

Ainda nos fastos de S. Paulo setecentista encontramos Pedro Taques Pires homem de enorme prestigio em torno de quem se agruparam os seus cidadãos, lutando contra a invasão crescente da influencia reinol nos negocios politi-

cos municipaes. Defendeu bravamente a autonomia da Camara de S. Paulo a ponto de ser encarcerado pela prepotencia dos delegados regios.

E' um nome, pois, sumamente popular nos annaes paulistas este de Pedro Taques que ainda se fez lembrado nos annos imperiaes pela actuação de Pedro Taques de Almeida Alvim, homem de notavel intelligencia e real valor como jornalista e pamphletario (1824-1870) primeiro redactor-chefe do *Correio Paulistano*.

Ricardo Fleckno
(1648)

I

Suas obras e viagens. As aggressões que soffreu, sobretudo de Dryden. Seus defensores. A sua lucta em prol da moralisação do palco inglez. Factos de sua biographia. Peregrinação pelo Continente europeu. Asylo generoso de Bruxellas.

NÃO é muito o que se sabe da vida de Ricardo Fleckno, o jesuita irlandez do seculo XVII que foi homem de letras e viajante assaz conhecido.

Prende-se o seu nome á historia do Brasil pelo facto de que em 1648 permaneceu no Rio de Janeiro varios mezes, deixando da sua estada em terra brasileira umas tantas paginas hoje sobremodo raras.

Sabe-se que Fleckno nasceu pelas vizinhanças do anno de 1600. Sua morte é que indiscutivelmente data de 1678.

Dizem os biographos que a sua principal notoriedade provém do facto de haver sido a sua personalidade litteraria uma especie de cabeça de turco para as satiras de grande poeta: John Dryden.

Graças a esta particularidade, teria escapado o seu nome ao irremediável olvido o que, entre parentheses, não é circunstancia glorificadora de quem quer que seja.

Assim succedeu a Fleckno o mesmo que entre os Francezes se passou com Chapelain. Cottin e outras victimas dos sarcasmos de Boileau. Nas letras lusitanas tal caos é comparavel, *servatis servandis*, á ogeriza de Bocage pelo nosso Caldas Barbosa.

Parece contudo que nas palavras depreciativas de Dryden entraram excessiva acrimonia e verdadeira injustiça.

Teve Fleckno, quasi seculo e meio após sua morte, um defensor dos meritos na pessoa de Roberto Southey, o nosso illustre historiador do Brasil, que na sua *Omniana* proclamou a grave injustiça de que fôra o jesuita victima.

As palavras de Southey induziram um erudito allemão, A. Lohr, em 1905, a fazer uma revisão do processo de Fleckno tentame que, segundo estamos informados, redundou em tal ou qual rehabilitação do nosso loyolista. Havia aliás indiscutivel indice positivo do espirito de Fleckno certo epigramma sobremodo vehemente e engraçado, pelo qual respondera aos ataques de Dryden e de outros inimigos.

Segundo parece nessas aggressões muita coisa é devida ao espirito jingoista inglez, em relação á França, se nos é permittido o emprego anachronico, por antecipação, de expressão nativista recente.

Na segunda metade do seculo XVII mantinha o theatro inglez um nivel sobremodo baixo; ao publico só interessavam as mais grosseiras saloiadas.

Fleckno, que muito viajara no continente e residira largo tempo em França, indignava-se com essa feição boçal do theatro britannico e constantemente sobre ella allegava a superioridade do palco francez, então prestigiado pela gloria de Molière.

Rudemente atacando a immoralidade da scena ingleza entendeu Fleckno offerecer aos compatriotas composições comicas da sua lavra, inspiradas pelo feitio molieresco, como por exemplo: *Love's dominion*, titulo bem pouco proprio para a obra de um sacerdote: *Démoiselles á la mode* e *Sir W. Davenant's voyage to the other world*.

A principal aggressão de Dryden veio a ser, aliás, posterior ao fallecimento de Fleckno. E' a conhecida "mac fleckno" publicada em 1682.

Mais apropriadamente, quer nos parecer devia esta diatribe intitular-se O' Fleckno, pois como lembramos era irlandez o jesuita e o Mac se applica mais a escossezes do que aos filhos da "verde Erin".

Seja como fôr, nem Fleckno mereceu ser tão depreciado nem pode ser tido á conta de escriptor de destaque. Delle se dirá que se apresenta como autor muito mais notavel, pela abundancia do que pelo talento.

Em materia de opiniões politicas e religiosas, parece que algo deixou a desejar o nosso jesuita, pois apesar de realista dos quatro costados e das convicções catholi-

cas, foi dos louvaminheiros de Cromwell acerca de quem escreveu: *As idéas de Sua Alteza Oliveiros*, verdade é que quando já o famoso Lord Protector desaparecera.

No anno immediato, dava-se a mudança do regime com a restauração de Carlos II e Fleckno empunhava novamente a lyra para celebrar a enthronização do terceiro Stuart, publicando os seus *Retratos heroicos*.

Gabar-se-ia quiçá de poder dizer como outro vate de sua nação, e contemporaneo seu: era-lhe muito mais facil o terreno da ficção do que o da realidade.

Foi o livro de Fleckno impresso em Londres, sem data, mas sabe-se que sahiu pelos annos de 1655.

Traz titulo muito de accordo com o derramado feiçio do tempo: *Relação de dez annos de viagem na Europa, Asia, Africa e America, tudo por meio de cartas occasionalmente escriptas, de logar em logar, a diversas personalidades fidalgas, e continuadas até o anno actual, por Ricardo Fleckno, com diversas outras peças historicas moraes e poeticas do mesmo autor.*

A folha de rosto, da edição suppomos que unica do livrinho, apresenta os seguintes dizeres:

A Relation of Ten Years Travells in Europe, Asia, Affrique, and America. All by way of Letters occasionally written to divers noble Personages, from place to place; And continued to this present year, with divers other Historical, Moral, and Poetical pieces of the same Author.

A esta miscellanea itinero-historico-moral-poetica como talvez, segundo o mesmo gosto da época, a classificaria

o nosso bom jesuita, condecorou o seu autor com o velho distico do *haec olim meminisse juvabit*. Abriu-a com a dedicatoria cordial e arreouhada do homem que ama e pratica a amizade: Dirige-se "a todas as personalidades fidalgas mencionadas nas epistolas que se seguem".

A esta multiplicidade de padrinhos invoca:

"A vós, e com os melhores motivos, dedico estas cartas, a quem as escrevi e devoto a minha pessoa".

Explicando tão notavel latitude de affectos continua cheio de arreouhos: "porque enquanto outros se mostram sequiosos de prazeres, ambiciosos de honras, cubiçosos de riqueza, todos vós fostes para mim todo o meu Prazer, toda a minha Honra, toda a minha Fortuna! E a minha Ambição nunca foi serão vós!" Homem amabilissimo...

Tanta hypertrophia affectiva queria porén: explical-o, provinha da gratidão: "jámais houvera quem tanto de amigos, merecera" isto bem o sabiam os seus inimigos.

Em aviso aos leitores, "aos gentis leitores", affirma o nosso jesuita que não escreve para se glorificar e sim apenas para satisfazer a curiosidade de varios nobres amigos, desejosos de conhecerem o que elle observara em tanta terra longinqua, e exotica. Dentre elles especial menção devia ao Marquez de Newcastle, versejador *grand seigneur* que lhe tributava sincera admiração.

Isto a julgarmos pelos versos com que lhe acclamava o estro:

Flecknoe thy verses are too high for me!
...thy poetic flame is so much higher
Where it should warm it consumes us with thy fire.
Thy vast fancy does embrace all things...

Um testemunho de tão alta valia, naquelles tempos em que a Academia Franceza se enchia de *grands sci-gneurs*, desprezando Pascal, Descartes e Molière, não podia deixar de ser agradabilissima ao nosso autor, alheio á vaidade e á vangloria.

Assim lisonjeadissimo lhe desfechou mil amabilidades lembrando-lhe que Cicero dissera: *laus est laudari a laudabili viro*.

A serie de cartas de viagem de Fleckno em nosso cimelio compõe-se de trinta e dois numeros.

Sahindo da Inglaterra, em 1640, passou-se o jesuita para Gand, de onde, em 42, se transferiu a Bruxellas.

Muitos maus dias corriam na Inglaterra quando Fleckno se decidiu a partir para o Continente. Maus para quem quer que fosse, sobretudo para um catholico e ainda mais sacerdote e por cima de tudo jesuita.

Iam começar os annos do Longo Parlamento e da Grande Revolução, epilogados pela scena patibular de 30 de Janeiro de 1643 e o famoso *Remember!* do pobre Carlos I.

Tambem, escrevendo de Gand, ao Coronel William Evers, a explicar-lhe as razões para a travessia do Mar do Norte dizia-lhe Fleckno: "diversas aves ha que fogem

quando o inverno e as tormentas surgem e uma dellas sou eu, a tanto incitado pelos prognosticos observados na Inglaterra”.

No anno seguinte, ao saber da decapitação do infeliz Conde de Strafford, — o primeiro ministro que, abandonado pelo real amo subira ao cadafalso a dizer “aprendei a confiar nos principes” — commentava Fleckno em outra carta, e impressionadissimo, o terrivel acontecimento.

A um Lord cujo nome não menciona, contava que o fim tão tragico de Thomas Wentworth logo lhe arrebatara a Musa. E esta lhe dictara o epitaphio do desventurado ministro.

*“Ao ver no cadafalso tal cabeça tombar,
Sómente para garantir a de seu Rei
Percebi o aviso dos Parcs de tal victima
Que aquella cabeça cortada para elles é o mais sinistro
[prognostico!”*

A esta epigraphia reveladora de pequeno talento seguia-se um ensaio sobre o character do nobre conde, “o maior ministro que da nação ingleza jamais nascera. Com a sua morte de martyr attingira sua illustre casa os pinaculos da gloria”.

Pavorosos dias previa Fleckno para a Inglaterra, “todas as leis do reino subvertidas, o Rei a perder a sua autoridade e o Reino transformado em Democracia”.

De Gand via enonne immigração de ing'ezes fugidos á guerra civil. Era uma desolação o encontro com estes compatriotas, uns a lhe contarem o saque de suas casas, outros a recusa de pagamento por parte de seus rendeiros, alguns mais o sequestro dos bens e assim por diante. Assim não podendo a tanta miseria remediar resolvera ir para Antuerpia, na sua vida de Bias, a levar os bens consigo num pequeno e unico *porte manteaux*.

Mas em Bruxellas teve a fortuna de ser com a maior amizade tratado por illustres e opulentas personalidades. Entre outras: a Marqueza de Bergues "mãe de duas damas incomparaveis, a duqueza de Lorena e Mademoiselle de Beauvais.

Gaba immenso o jesuita a hospitalidade da alta fidalguia bruxelleza. Por toda a parte offerencia mesa franca ao exilado, movida pelo espirito da solidariedade catholica, acirrada pelo acto de se tratar de homem duplamente perseguido como sacerdote e como jesuita.

Que paraíso aquella Bruxellas com a sua nobreza opulenta e castellã!

Que fidalgas illustres e cultas! Mademoiselle de Beauvais cheia das maiores qualidades esta, então, era verdadeiro prodigio! Não se lhe afigurava uma mulher e sim a propria encarnação da virtude.

II

Irrequietude de Fleckno. Ida a Roma em missão diplomatica mallograda. Viagem a Constantinopla, a Hespanha e a Portugal. Estada em Lisboa.

MAS era irrequieto o nosso homem. Cansava-o a immobildade! Em 1644, escrevendo a um amigo, falava-lhe que se admiraria ao saber que brevemente “partiria, para a Italia, e seu correspondente, deixando a permanencia deliciosa de Bruxellas, onde ninguem vivia como elle”. Pois assim se dava. Desejava conhecer a França e a capital do catholicismo.

Voltaria, porém, certamente, áquella terra generosissima de Flandres.

De accordo com este plano seguiu em direcção a Paris e em sua viagem a Roma frequentemente escreveu á querida protectora Mademoiselle de Beauvais.

Paris atordoou-o com a sua vida febricitante: ali o viandante numa semana perdia, com o barulho e a agitação, mais do que poderia recobrar, em annos de solidão acetica.

O que, porém, revela a inopia observativa do nosso Fleckro é a admiração provocada pela enorme abundância dos restaurantes parisienses. Tal lhe foi a principal impressão da capital franceza, de cujos edificios e instituições nada fala, aliás. De Paris seguiu para Lyon, Avignon e Marselha "deliciosa jornada, feita em excellente companhia, com vinhos capazes de tentar um Nazareno e carnes e caças em condições de perverter um franciscano".

De Marselha teve Fleckno a mais agradável impressão. Impressionou-o a cidade da *Canebière* e da *bouillabaisse* muito mais do que Paris, ao que parece. Esplendido lhe pareceu o espectáculo diario do *footing*, nos caes; entre dez e meia noite alli passeavam as marselhezas acompanhadas de seus cortejadores e a pretexto de ouvirem musica.

Não havia em França mais bellas mulheres nem tão bem postas e ricamente vestidas.

De Marselha embarcou o jesuita para Genova. Mas viajar no Mediterraneo era, naquelle tempo, comprar bilhete de loteria cujo premio podia vir a ser uma permanencia bem pouco risonha, em perspectiva nos carcerees barbarescos de Argel e Tunis.

Seu navio, alarmado pe'o apparecimento de uma barca de piratas argelinos, refugiou-se em Monaco, durate cinco dias.

Do Principe monegasco conta o viajante que era magnifico musicista, vivendo em sumptuoso palacio. Tão

amavel o nobre ancestre dos futuros socios dos Blanc, que forneceu ao ignacino a propria falúa para a travessia a Genova.

Deslumbrado com o aspecto da *Côte d'Azur* e da Riviera perfumadora do Mediterraneo, graças ao aroma das essencias de seus pomares, ainda mais se impressionou o nosso itinerante com a majestade architectural da grande cidade portuaria, pelos italianos alcunhada "la superba".

O palacio Doria e a villa Palaviccini deixaram-no assombrado. Mas o que mais o abalou foi observar a tyrannia do regime sob o qual vivia o povo genovez.

Nos gonfalões da sua republica inscrevia-se *Libertas* e no entanto "a Nobreza ali só deixava aos villões uma unica liberdade: a de se enforcar".

A proposito de taes processos governamentais expande-se o autor em observações bem nescias para provar esta formidavel verdade: engendra a Tyrannia os abusos e as revoluções.

De Genova seguiu Fleckno, por terra, visitando Lucca, Pisa, Florença, Sienna, etc.

Chegando á capital catholica noticiava em carta á querida Mademoiselle de Beauvais que de Bruxellas a Roma fizera a viagem quasi de graça havendo gasto uma insignificancia de 22 *pistolas* apenas; tal a generosidade dos seus hospedeiros.

Em Roma, occupou-se de grande negocio diplomático, da missão que recebera de suas protectoras de Bru-

xellas: a Marqueza de Bergues e suas filhas. Tratava-se de escabroso caso relativo á annullação de um casamento do Duque Carlos IV da Lorena, com sua prima Nicole e consequente reconhecimento da validade de um matrimonio realizado com Beatriz de Cusance, filha da Marqueza. Arguiam de bigamia aquelle turbulentissimo personagem, avido, como raros, de dinheiro e gozos, frequentemente os mais baixos, que foi Carlos IV.

Era bem o typo acabado de um daquelles caudilhos de seu tempo, da guerra dos Trinta Annos, no genero de Mansfeld e de Wallenstein. Bravo com as armas pouco se lhe dava, senhor de um ducadosinho como a Lorena, de assanhar as iras formidaveis de um Richelieu.

Politico versatil como raros, ainda mais voluvel se mostrava em amores. Casado aos dezeseite annos com a prima, por ambição de recolher a herança do sogro e tio, não tardara em desfeitear a pobre princesa. Em 1637 a repudiava para desposar a bella Beatriz de Cusance, viuva do Principe de Cantecroix.

Allegava que se casara menor e constrangido senão totalmente tolhido em sua liberdade. Quem o aconselhara a se recasar fóra um jesuita, o Padre Cheminot, confessor accommodaticio. Mas o Papa Urbano VIII bradara-lhe logo o *Non possumus* retumbante, secular, atemorizador de reis e principes immoraes é inclinados á bigamia. Pouco se lhe dera a Carlos IV de Lorena a repulsa pontificia. Continuara a viver com Beatriz, que o acompanhava nos transe da vida, agitadissima em que,

por diversas vezes, perdera e tornara a ganhar o seu ducado. A maledicencia dos tempos a alcunhara: “mulher de campanha”.

Anonymo e expressivo epitaphio resume a vida de turbulencia, aventuras, vicissitudes as mais varias e volubildade extrema em politica e em amores, que foi a do Duque Carlos IV de Lorena:

*Ci git un pauvre duc sans terres
Qui fut jusqu'à ses derniers jours
Peu fidèle dans ses amours
Et moins fidèle dans ses guerres.*

Na época que attingimos, da chegada de Fleckno a Roma, vivia ainda o Duque Carlos em harmonia relativa com a sua *mulher de campanha*.

Ia o seu emissario tentar a legalisação de um consorcio que as autoridades ecclesiasticas tinham como sacrilego.

Escrevendo á sua querida Mademoiselle de Beauvais explicava o jesuita, com pormenores, o escabroso facto, relatando, a tal proposito, scenas de um naturalismo de notavel crueza.

Los Reyes no tienen parientes costumava majestaticamente afirmar a grande Isabel a Catholica: Nada os attinge.

Tal o commentario decorrente da frescura com que o jesuita relatava á Duqueza de Lorena os factos pelos

quaes o Conde de Vaudemont, pae de Carlos IV, forçara o filho a casar-se com a princeza Nicole para mais tarde a elle empossar do ducado desta. Deste conjuncto forçado viera o natural aborrecimento e consqquente separação.

Apesar das esperanças a principio nutridas em pro do desfecho favoravel para as pretensões de seus amigos encontrou o jesuita irlandez a mais absoluta recusa por parte da Santa Sé. Em nova carta, tambem endereçada a Mademoiselle de Beauvais, traçava umas tantas irreverencias a proposito da influencia que certa dama da aristocracia romana exercia sobre Innocencio X: a famosissima, tristemente famosa Olympia, aliás cunhada do Pontifice. Irreverencias estas que certamente escaparam ao censor do volume...

Ainda de Roma escrevia Fleckno a um artigo inglez commentando as noticias, cada vez mais graves, da Revolução. Para a Patria augurava os terriveis dias que aliás dentro em breve lhe chegariam.

Por completo, mallogrou-se-lhe a missão diplomatica.

Dois annos mais tarde, em 1647, escrevia a Lord Thomas Somerset, contando-lhe que estivera na Asia.

Visitara algumas ilhas do Dodecanesio chegando até Constantinopla ("uma das mais nobres cidades que jamais vira").

Encantara-o o aspecto da turba nas ruas da metropole ottomana, aquella multidão, vestindo sedas multico-

res e usando turbantes de encantadora polychromia. "Parecia-me estar a passear em jardins de tulipas dos mais variegados canteiros. Tal aspecto differia completamente de todas as cidades européas, cujas ruas apresentavam ares mortuarios, com os seus transeuntes todos lugubres e como vestidos de luto".

Nada mais de interessante soube Fleckno relatar ao seu correspondente a respeito da sua passagem rapidissima pela antiga capital dos basileus, agora sede do Imperio dos Padishás.

Tres semanas esteve o ignacino em Constantinopla de onde regressou a Marselha, passando, dahi, por via maritima, á Hespanha e Portugal.

Bellos sustos lhe valeu esta travessia. Por duas vezes escapou-lhe o navio de cair em poder de corsarios barbarescos. Felizmente teve o bom encontro de duas naus de guerra hollandezas destinadas á policia do Mediterraneo.

Para bordo de uma dellas transferiu-se, prudentemente, a convite de um Vice-Almirante. E assim foi ter a Lisboa.

Chegando a Portugal passou por espião e teve bastantes difficuldades com a policia. Valeu-lhe poder invocar os seus talentos musicaes, sendo D. João IV, como se sabe, notavel melomano. Assim, depois de severo exame, foi-lhe concedido apresentar-se a El-Rei.

Deu-lhe o recém-enthronisado Bragança a impressão de mero lavrador abastado, sem prosapia alguma,

nem gosto pelo fausto. Semanalmente ia á caça e diariamente, de modo apaixonado, fazia musica. A bellicosissima Rainha D. Luiza de Guzman, esta sim, era rainha! Pelos ares majestosos revelava-se a ambiciosa mulher que ao marido instigara a revoltar-se contra o jugo hespanhol a bradar-lhe: Antes morrer rei do que vegetar longamente, duque!

Apreciava muito a pintura e habilmente manejava os pinceis.

De Lisboa gabava-se Fleckno a Mademoiselle de Beauvais que já se podia considerar viajante inter-continental. Estivera em terras da Asia. E nas "cimereas plagas". Faltavam-lhe as da Africa e America, para contentar uma vaidadezinha assaz infantil.

Não tardaria que a satisfizesse. Impressões de Lisboa nenhuma nos inculca. Elogios elevados faz comtudo ao Principe do Brasil, o mallogrado adolescente discipulo de Antonio Vieira, "principe alto e esguio, de grandes esperanças, espirito, coragem e instrucção".

Pouco depois annunciava Fleckno a Mademoiselle de Beauvais que ia partir para a Africa e o Brasil a ver areas na primeira e florestas na segunda.

Não só aprovara D. João IV tal proposito como lhe mandara dar 200 coroas de "*ajuda de custa*". Instigara ao jesuita a idéa de tal jornada o desespero de conhecer "novos ceus e novas terras, a curiosidade de atravessar a Equinoxial e ver as raridades do Brasil encontradas em Lisboa".

Estava no Tejo, de verga d'alto, uma das frotas do Brasil. Bella occasião para visitar a Africa e a America!

Assim, apressou-se em aceitar o convite do nosso famoso Salvador Correia de Sá e Benevides, General daquella esquadra. Partiu pois para os mares equinoxiaes e as terras selvagens do outro hemispherio.

Largou Salvador de Lisboa, a 15 de Agosto de 1647, chegando ao Rio a 16 de Janeiro de 1648.

Da jornada atlantica do nosso Fleckno resultou uma relação de viagem mediocre, vinte e quatro paginas de pequenino formato de seu livrinho, contribuição assaz insignificante, mas pittoresca, para a bibliographia brasileira.

Tal relato bem justifica, a nosso ver, as zargunchadas desferidas por Dryden contra o seu autor.

E' com effeito mais do que pobre o que elle alli deixou.

No Brasil, sempre no Rio de Janeiro, ficou o jesuita um semestre, voltando á Europa, em Agosto de 1648, na frota de D. Rodrigo de Alencastro.

Em 1650, estava em Lisboa, e neste mesmo anno ainda surgiu em Bruxellas, de onde, grato á antiga amizade, foi ter á Côrte da Duqueza de Lorena, em duplicata, pois Nicole ainda vivia. Brevemente seria Beatriz de Cusance supplantada por terceira dama.

Era o nosso Carlos IV voluvel, *aymant et amé*...

III

A extrema raridade do livro de Fleckno. Carta sobre a travessia do Atlantico. Elogios a respeito do passadio de bordo. Viagem desinteressante. Chegada á Guanabara.

O livrinho de viagens de Fleckno, impresso em 1655, é hoje uma das maiores raridades bibliographicas brasileiras. Em nosso paiz ao que parece delle só existe um exemplar. Pertence á Bibliotheca do Itamaraty e fez parte da livraria do Barão do Rio Branco.

Nelle se ostenta o bello *ex-libris* do grande chanceler, com o seu famoso distico patriotico do "ubique patriæ memor", e o seu brazão nobiliarchico.

A parte referente á viagem do autor ao Brasil traduziu-a, a nosso convite, para os projectados *Annaes do Itamaraty*, a Exma. Sra. D. Anna Eulalia Monteiro de Barros, distintissima funcionaria da Bibliotheca do Ministerio das Relações Exteriores, senhora tão culta quanto dedicada ao serviço, como, aliás, vi todas as suas dignas companheiras de trabalho; é-me muito grato lembrar-o.

Conhecedora das subtilezas da lingua ingleza e da perfeita correspondencia dos valores deste idioma e do nosso portuguez, verteu, com summa felicidade, a phrase sensaborona e antiquada do bom Fleckno.

E' a contribuição minguada, para a nossa bibliographia xeno-brasileira, mas muito longe de ser despidianda.

Basta recordar que o jesuita irlandez foi quiçá o primeiro viajante exótico que sobre o Rio de Janeiro escreveu umas linhas de impressão.

Nas primeiras paginas do relato alguns pormenores curiosos occorrem como, por exemplo, as gabolices do conforto do nosso jesuita, na nau em que singrava o oceano. Conforto, no seu dizer, quasi sybaritico.

Emfim esta questão subordina-se como todas as mais ao adagio universal do *tempora mutantur*.

Conforto num galeão da carreira do Brasil, em meados do seculo XVII?! Quanta relatividade!

CARTA XXIII

A MESMA (ILLE. DE BEAUVAIS)

ANNO DE 48

Da sua viagem maritima de Lisboa aos Brasis

“Algumas semanas após nos havermos posto á vela, de Lisboa, arribamos á Madeira, (uma das ilhas da Afri-

ca), desembarcámos no Funchal onde fomos gentilmente acolhidos por negociantes dalli, cada qual mais empenhado em se mostrar hospitaleiro para comnosco, e ser o primeiro a nos receber ou a mais nos divertir, (tal o feitio dos lugares onde reina a abundancia e raros se mostram os estrangeiros).

Aqui permanecemos quatro ou cinco dias, festejados e regalados quotidianamente e presenteados no momento da partida com as especiarias da Ilha, onde se fazem as melhores gulodices do mundo, tanto enxutas quanto licorosas, pois a canna de açucar aqui cresce em grande abundancia e os vinhos sobrepujam em generosidade tudo quanto jamais provei.

Proseguimos na jornada e vogando mais uns dias avistamos as Canarias ou Ilhas Afortunadas, e, á sombra do Pico de Teneriffe, detivemo-nos alguns dias de calmaria. E' este um dos mais elevados cumes da terra, todo coroadado de verdura e cuja ascensão, tão suave se apresenta, que os constructores de Badel poderiam, singelamente, ter erguido aqui a sua torre, a salvo do Diluvio.

Se mais alto um pouco se alevantasse não poderiamos conceber melhor caminho, ou mais aprazivel, para o Céu.

Costeamos então a Africa até as Ilhas de Cabo Verde, que cruzámos sem a ellas aportar, tendo ali o ar a fama de insalubre, e, nesta estação, de infeccioso.

Finalmente navegando para o Oeste, em direcção aos Brasis, abandonando então todos os contactos do mar com a terra, de brisas comununs e refluxo de ondas tivemos o melhor cruzeiro imaginavel, sem tempestades, nem ventos (os quaes, certamente, nestes mares sopram da terra) tendo a brisa apenas após o nosso longo percurso sufficiente hausto para inflar o nosso velame.

E' tão puro o ar que a comparação do deleite que nos proporciona é penosa, em relação ao que respiravamos em terra, abafado, suffocante, prejudicial, polluido no seu percurso pelas immundicies, (sendo poucos os paizes como a Arabia que proporcionam emanações mais suaves do que nós), ao passo que do mar elle vem puro, como que coado e purificado pelos raios do sol, para depois passar aos sentidos.

Quanto aos demais prazeres, não gozaveis em terra dos nossos ao passo que tínhamos alguns marítimos que aos vossos equivalem. Para começar com os mais incriveis, citar-vos-ei a caça e a altanaria, juntamente com a pesca, de que continuamente nos regalamos por mais de um mez.

Ficou a nossa nau repleta de dourados ou peixes brilhantes (semelhantes aos golfinhos) á caça dos peixes voadores que surgiam acima das ondas, estrebuchando na ansia de escapar aos saltos que davam os golfinhos para os alcançarem, até que arduamente perseguidos, já como presa garantida, na imminencia de serem devorados, os pobres usavam das asas e fugindo a um perigo

arrostavam outro, pois um bando de aves marinhas (as *Boobys*, dos ingleses) seguiam-nos a róta, continuamente esvoaçando na expectativa de alguma presa.

Ao avistarem os peixes voadores, baixavam e cada qual, marcando o seu, investia com eles sem os falhar. Quanto á pesca, aos nossos marujos só cabia escolher os "dourados" (como faria o caçador a um veado), e fisingal-os com o arpão, pontaria que nunca erram.

Isto nos forneceu peixe fresco, todo o tempo, sendo a carne de tal pescado excellente, firme e aspera, como a do salmão, ao qual muito se assemelha em tamanho.

Estranho era observar-lhe as cores das escamas, depois de capturado. Ia-lhes esmaecendo o colorido, assim como quando a morte ganha vantagem sobre a vida (ou como no crepusculo varia a cor do ceo) até que morto se tornasse negro, como que envergando o proprio luto, visto como a vida o adornára com tão ricos e faiscantes matizes.

Apanhamos outra qualidade de peixe, os chamados Tubarão ou Tuberon (sic), pretos e tão grandes quanto o nosso Bôto com dentes enormes insertos numa queixada immensa e tão vorazes que em segundos devorariam um braço ou uma perna de qualquer pessoa a quem surpreendessem nadando.

A' cabeça destes animaes adherem uns peixinhos chamados "Pilotos". E o fazem com tanta insistencia que não ha força que dali os aparte; têm grande cabeça, corpo longo e excellente carne.

Nem tão pouco nos faltaram os gozos dos jardins pois o oceano, num percurso de muitas centenas de milhas, cobrira-se de vegetação espessa entre a qual o nosso barco difficilmente navegava, e vegetação semeada de flores brancas e róxas, semelhantes ao nosso *Crocus*, o que lhe dava apparencia das mais apraziveis (sic).

Mudando de horizonte contemplavamos o pôr do sol que nos proporcionava diversas formas e figuras, como scenarios de carnaval e de theatro realçados por luzes que as ampliavam e reflectiam de modo resplandecente.

Quanto a outras commoçidades e delicadezas que possuís em Terra, tambem não nos faltaram em nossos Camarotes, tão grandes quanto os vossos quartos, nossas Camas tão commoças, passadiços tão espaçosos quanto as vossas Galerias, Cosinhas e Adegas tão leni sortidas quanto as vossas.

Porcos em abundancia, carneiros em rebanho, aves de toda a especie, era do que dispunhamos. Continuamente, viviamos em festa, pois nem a musica nos faltou aos divertimentos.

Contavamos, na maruja, além de excellente par de trombeteiros, alguns violeiros, no som de cujos instrumentos dançavam, com frequencia e grande satisfação, os passageiros.

Assim, dormindo, començo, bebendo e folgando, fizmos esta viagem, a salvo de tempestades, livres de

piratas e inimigos até á altura do Cabo de Santo Agostinho onde avistamos terra e tres ou quatro veleiros hollandezes de Pernambuco.

De sua approximação nos arreceando, fizemos novamente rumo ao alto mar. Mas nesta mesma noite, um deles nos alcançou e alarmou-nos como se toda a frota nos tivesse vindo ao encalço, surgindo-nos por todo o lado, com luzes no mastro grande e no centro do barco, o que dizem ser o signal de reunir de suas esquadras.

Finalmente pela manhã afastaram-se para voltarem á tarde esforçando-se como aves de rapina em abocanhar a nossa Caravela e o Patacho, (que levavamos como pintos sob as nossas asas) até que á altura da Bahia, desanimando encontrar o resto da frota, nos deixaram. Assim seguimos a nossa rota para o Rio.

Sondavamos a cada momento por termos como ariscada esta costa, de 35 braças de fundo, continuamente, e cruzamos o Cabo Frio (assim chamado pelo frio excessivo que ahi reina, apesar de se achar na zona torrida e o clima de ambos os lados ser extremamente quente). Afinal chegamos á bacia do porto de S. Sebastião onde nas proximidades de uma ilhota deitamos ferros, tendo empreendido em menos de tres mezes, deduzida a estadia na Africa, uma viagem quasi que aos Antipodas, com quatro naus e mais de quatrocentos homens. Apenas perderamos um homem, durante toda a travessia. Aqui tambem deitarei a ancora até reencetar a minha jornada".

IV

Informações tolas. Inopia de pormenores.
O valor venal do livro de Fleckno. Texto
integral da obra referente ao Brasil.

DAS informações que Fleckno dá do Brasil algumas são verdadeiramente sandias como a da insalubridade das aguas da Guanabara, envenenadas pela presença de innumerous baiacús! Elle proprio experimentara tal facto tendo sahido vertiginoso de um banho de mar!

Não menos inepta a informação de que no nosso paiz "muito maior do que a Europa" apenas havia dois grandes rios e quatro ou cinco portos accessiveis, num littoral "tornado impraticavel pelos rochedos e floresta densa". Igualmente magistral a affirmação de que a nossa pobre preguiça, coberta de escamas, como o rhinoceronte, possui a flexibilidade das serpentes e em materia de inesthetica nem o Demonio lhe leva a palma "feia e assustadora" como se mostra.

Como fonte informativa, então, as novidades ministradas pelo *iguacino inlandez* aos seus nobres correspondentes epistolares e leitores europeus bem pouco merecem fé: Assim quanto ao mamão "fruta que jamais amadurece bastante para ser comda crua"; ao cajú, adherente ao cajueiro por intermedio da castanha! á mandioca transformada em arvore; ao ananaz divisivel em gonios como a laranja. E assim por diante.

As suas noticias sobre os nossos indios são de pasmosa insignificancia, a descripção do Rio de Janeiro de desoladora inopia, tão resumida é e tão falha de interesse! Dos costumes cariocas seiscentistas nem palavra... Quanta sensaboria naquellas poucas paginas do nosso itinerante ultramarino e infra-equinoxial, visitante de terras dos quatro continentes dos Dois Mundos!, das cimmericas e outras plagas...

Tem o leitor o direito de indagar: que viu este homem em seis mezes de permanencia no Brasil? A que ponto chegaria a sua incapacidade receptiva ante o espectaculo de uma natureza tão prodigiosamente diversa daquella a que se habituara até á sua idade madura?

Mas, julgue o leitor por si o que vale a contribuição do mestre Ricardo Fleckno á bibliographia xeno-brasileira seiscentista, illustrada por obras notabilissimas, magistraes, de um Barlaeus e de um João de Laet, de um Piso e de um Maregraff.

E numa época em que a Companhia de Jesus se achava em terras brasileiras representada pelo genio de

Antonio Vieira, e a intelligencia de Simão de Vasconcellos, numa centuria em que os filhos de Santo Ignacio dispunham na sua Provincia do Brasil de homens do enorme valor de Andreoni-Antonil, de João Felipe Bettendori, Alexandre de Gusmão, Samuel Fritz e tantos mais.

O livrinho de Ricardo Fleckno figurou na magnifica brasiliana de Alfredo de Carvalho. Dahi a referencia que a seu respeito encontrámos na *Bibliotheca exotica brasileira*, publicada pelo distinto sabedor de nossas cousas que foi Eduardo Tavares, infelizmente do mundo desaparecido prematuramente, muito antes de concluir a sua bella obra de resuscitamento do illustre conterraneo.

Que destino terá levado este exemplar? José Carlos Rodrigues não possuia o livrinho do jesuita irlandez. Pelo menos não o menciona a sua monumental *Bibliotheca Brasiliense*. No catalogo numero 465 datado de 1925 dos famosos antiquarios londrinos, de livros, manuscritos, estampas e autographos, os Srs. Maggs Bros, surge-nos um volume de Fleckno (cf. *Bibliotheca Americana et Philippina*, IV, pag. 109). Devemos esta informação ao presado amigo Sr. Nicolau Duarte Silva, joven e apaixonado sabedor, já muito enfronhado nas particularidades da bibliographia brasileira.

Affirmam os commentarios que acompanham o item do catalogo londrino que o livrinho de Fleckno data de 1654 e foi impressão do autor. Del'e fazem menção

Bartlett (770) e Sabin (24.864) informes novos que nos ministram os irmãos Maggs, sobre a biographia do nosso viajante.

Chamam elles a attenção para a circumstancia de que Fleckno se gaba de muito se haver, em Roma, occupado de arte. De sua estada na capital do mundo catholico existe interessante depoimento, o do famoso André Marvell, um daquelles republicanos irreductiveis, no genero do illustre Edmundo Ludlow, que formavam no primeiro plano dos pro-homens da Grande Revolução Inglesa.

Inimigo acerrimo do anglicanismo e do absolutismo, secretario particular de Cromwell, sobretudo para a lingua latina, dos poucos fora que inconvenivelmente se recusaram a adherir á Restauração monkiana de 1660. Debalde procurara Carlos II chamal-o á causa monarchica, acenando-lhe com magnificas vantagens. Viria a morrer dezoito annos após a enthronização do Stuart, sempre irreductivel.

Escriptor satyrico de grandê verve temiam-lhe os contemporaneos, e muito, a pena aceradissima. Foi Fleckno uma das suas victimas; a seu respeito escreveu umas tantas paginas repassadas de sarcasmo, "Fleckno and english Priest at Rome".

Depois de lhe ridiculisar a extrema magreza, senão o estado esqueletico, descreve-lhe a penuria do alojamento, num quartinho minusculo, alcandorado no patamar do sexto piso de um predio de alto pé direito. Mas

onde se mostra impiedoso é ao revelar as manifestações da auto-atrãia do nosso poeta viajante; da auto-admiração pelo que entendia ser a opulencia de seu estro.

E o desespero com que procurava, a todo mundo, inculcar a sublimidade da sua poesia, recitando-a, a cada momento, a quanto infeliz compatriota lhe cahia ás unhas. Era, ao que parece, um desses terriveis poetas abotoantes dos seus ouvintes, levando-os a um estado de vacuidade cerebral pela catadupa atordoadora dos versos e o vigor dos solavancos instigadores da attenção das victimas.

Recorda o commentador londrino os topicos de Marvell sobre o nosso Fleckno a lembrar "his appetite for reciting his own poetry".

Assim foi provavelmente o impenitente sarcasta republicano o precursor de Dryden na faina do arrazamento da reputação literaria do nosso visitante do Rio de Janeiro em 1648.

Figurou o livrinho de Fleckno na bibliotheca soberba de Alfredo de Carvalho, dispersa, no Recife, em 1916, como acima dissemos.

Causou naquelle tempo grande estranheza aos bibliophilos nacionaes a elevação dos preços do catalogo dessa *Bibliotheca Brasiliense Selecta*. Exorbitantes! Pedía o encarregado da venda do illustre erudito recém-fallecido, pelos "Dez annos de viagem", do nosso jesuita, a somma "colossal" de cincoenta mil réis!

Nove annos mais tarde as tres libras desta offerta subiam a vinte e uma em mãos de Maggs Bros.

De 1925 para os nossos dias houve, como ninguem ignora, prodigiosa aita dos preços das obras antigas sobre o Brasil. Os vinte e um soberanos de 1925 não pagarão mais hoje, certamente, um exemplar do *Ten years* do ignacino irlandez. Trinta libras valerá talvez... É quando apparecer... Esta enorme subida de todas as cotações deixou-a ha pouco Felix Pacheco documentada com esmagadora abundancia de provas no seu magistral estudo sobre o valor dos cimelios da collecção José Carlos Rodrigues e da nossa Bibliotheca Nacional, em geral.

Artigo em que se não sabe o que mais apreciar, se a segurança do bibliophilo eruditissimo, se a justeza dos conceitos, se o bom gosto do *connoisseur*.

Não nos foi possível colleccionar as referencias bibliographicas das grandes obras geraes, como as de Sabin, por exemplo, a respeito do cimelio do Itamaraty, que, comtudo, em virtude do millesimo de seu apparecimento, não deve estar incluído na *Americana vetustissima* de HARRISSE.

Rodrigues delle se não occupa pelo facto de que só catalogou os livros de sua bibliotheca, hoje collecção Benedicto Ottoni da nossa Bibliotheca Nacional.

Vejamos, porém, o que Ricardo Fleckno deixou escripto sobre a sua passagem pelo Brasil, ou mais exactamente da sua permanencia no Rio de Janeiro, e do que lá lhe ensinaram, ou impingiram, sobre assumptos brasileiros.

DA NOSSA CHEGADA A S. SEBASTIAO OU RIO
DE JANEIRO NO BRASIL

Uma vez ancorados, os nossos marujos pescaram a anzol uma especie de peixes semelhantes aos nossos peixes-cabra. Faltava-lhes sómente as orelhas. Têm os ventres brancos e xadrezados, inflando como bexigas, cheias de vento, ao serem lançadas ao convés. Asseguraram-nos os portuguezes que eram francamente venenosos, estando o mar cheio de outros peixes tão venenosos que se tornam as aguas insalubres como eu proprio verifiquei banhando-me, pois das ondas sahi tonto e mal disposto, ao passo que, em outros mares, sentia-me mais forte e vigoroso.

Neste entretimentos, havendo o Forte dado á cidade o signal da nossa chegada, e os portuguezes tendo-nos por amigos, foram-nos despachadas diversas embarcações e canoas a saudar-nos, com provisões frescas e as frutas do paiz.

O verão daqui é o nosso inverno de lá.

A' tarde chegaram os pilotos afim de conduzir-nos para dentro da bahia; ancorámos então sob a leve brisa que toda a noite sopra do mar e toda a manhã da terra.

Entrámos na bahia por entre dois rochedos possantes, distantes um do outro de algumas milhas (um pela sua forma é denominado o Pão de Açucar). Ao avançarmos, passando algumas milhas além do Forte que

defende a barra, deparou-se-nos a mais seductora paizagem do mundo, o Lago do Rio, de umas vinte e tantas milhas de extensão, todo salpicado de ilhas verdejantes, algumas de uma milha, outras mais, outras menos, e a cidade erecta á esquerda, umas tres milhas além do Forte, num sitio onde a bahia offerece segurança a muitos milhares de naus.

Ao desembarcar, encontrei commodos para mim ar-
rumados pelos padres da Companhia, com dois *molatos* (sic) ou crestiços de negros para servir-me, com a minha dieta preparado nas suas proprias cozinhas proximas á minha morada.

Tudo isto não sei se por ordem do Rei ou recommendação do Governador (que viera connosco) ou se graças á caridade dos bons padres; o certo é que fui tão extraordinariamente accommodado, como por dinheiro algum poderia pagal-o, pois aqui não existem, como em nossa terra, hospedarias ou albergues. Os que frequentam estas paragens são os mercadores, hospedados pelos seus correspondentes ou marinheiros, que permanecem a bordo; homem algum havendo ainda empreendido tal travessia movido pela simples curiosidade.

DO BRASIL EM GERAL

O Brasil, confinado pelo Oceano de um lado, e os rios das Amazonas e de Plato (sic) do outro, é um vas-

to continente, muito maior do que a Europa. Tem clima quente e humido, devido ás chuvas abundantes e continuas; no entanto, á excepção dos dois rios que o limitam, não existem outros caudaes no paiz que possam produzir humidade por evaporação. Apenas quatro ou cinco portos, entre os quaes aquelle em que fundeámos lhe dão accesso. O resto do litoral torna-se impraticavel pelos rochedos e a floresta densa que se prolonga por centenas de milhas. Parece esta terra muito mais destinada á habitação futura do homem do que já ter sido habitada anteriormente.

DA CIDADE

Está a cidade de São Sebastião situada numa planicie de algumas milhas de comprimento, limitada nas duas extremidades por montanhas; na parte interna fronteira ao Lago, habitam e dominam os frades Benedictinos e na parte externa, junto ao mar, os padres da Companhia.

A cidade antiga erguia-se sobre o morro (como testemunham as ruinas das casas e a Igreja grande) até que para a comodidade do trafico e o transporte das mercadorias foi aos poucos baixando para a planicie, são os edificios pouco elevados e as ruas (tres ou quatro apenas) todas orientadas para o mar. A umas duas milhas da cidade, estende-se grande planicie, cuja vegetação ora é rasteira, ora florestal e ora ainda campestre. Passada

tal planura descobre-se uma região tão absolutamente diversa das nossas que nem uma só arvore, ou planta, passaro ou qualquer outro animal, apresenta semelhança com os da Europa. Por este motivo falarei um pouco de cada uma destas particularidades.

DA TERRA

A terra quasi toda coberta de mattas e com o solo virgem desde a criação do mundo, produz, sem cultura, arvores entre as quaes algumas ha tão grandes que apresentam sete ou oito braças de diametro e mais de 70 ou 80 de altura. Com ellas fazem os brasileiros canôas e barcos, de duas ou tres toneladas, escavados num só tronco.

Quanto ao pau Brasil, a madeira por excellencia, do qual a terra houve o nome, é elle um arbusto em comparação a outras arvores. Muito se assemelha ao nosso pilriteiro maior. É o paiz naturalmente quente e humido, devido á frequencia das chuvas, razão pela qual em logares onde a agua fica depositada se formam brejos, alguns de mais de vinte ou trinta milhas, espaços estes que parecem abandonados pelas arvores, por não offererem bastante resistencia ao peso das suas estruturas possantes.

DAS ARVORES FRUTIFERAS E DAS PLANTAS

Quanto ás frutas, de par com os limões que crescem por toda a parte, em grande abundancia, a banana merece o primeiro logar, a arvore (sic) erguendo-se, em um anno, da raiz á altura de uma ameixeira, ou de uma cerejeira commum, e mais ou menos attingindo o mesmo vulto.

E' toda verde, tem o tronco formado pelo embricamento das folhas que se separam no alto e recaem como plumas. Cada folha tem uns seis pés de comprimento e dois de largura; a fruta nasce na parte superior em cachos de 40, envoltas como as ervilhas numa pelle que se torna anarella ao amadurecer; o paladar e a côr lembram o nosso Abricó sendo todavia muito mais consistente e mais deliciosa.

O cajú (*casshow*) é uma especie de arvore do tamanho da nossa macieira, a folhagem se assemelha á da nossa castanheira com a fruta muito do genero dos figos verdes. Adhere á arvore por meio de uma castanha (excellente quando cosida) a que lhe serve de haste (sic). A fruta comida inteira desfaz-se em caldo muito fresco e desalterante, tendo um só inconveniente: os ligamentos da polpa, tão asperos são que não se podem engulir e agarram-se aos dentes.

A guaver (sic) (goiaba) é uma arvore mais ou menos das mesmas dimensões; tem o fruto redondo e verde

como as nossas ameixas. Uma vez esmigalhado apresenta polpa vermelha do tamanho de uma bola de bilhar, lembrando, ao paladar, uma pasta de morangos.

Outra qualidade de fruta é a que chamam Mamons (sic). Crescem como grandes peras verdes, num cacho formado por vinte, ao alto da arvore; nunca amadurecem bastante para serem comidos crus, mas fornecem excellente conserva.

Limões doces, laranjas e limões ali existem excellentes e abundantes (suspeito todavia sejam arvores transplantadas), e as Linas de gosto acridoce, especie de hybrido de laranja e limão, muito redondas, terminadas por um umbigo e mais aspera do que estes ao paladar.

Possuem os portuguezes outra arvore cuja raiz moída e livre do succo (que é veneno puro) fornece a *farina de pau* (sic), como é chamada, e substitue o pão. Enquanto fresca parece miolo do pão de trigo, mas, uma vez envelhecida, assemelha-se a aveia soccada.

E' servida á mesa, sobre a qual se encontra em abundancia junto a cada talher, embora no Rio não falte o pão de trigo importado de Portugal e das Ilhas Occidentaes, mas os habitantes parecem preferil-a.

Acima de todas as frutas está o Ananaz, uma das plantas mais appetitosas que a terra produz. Cresce como uma alcachofra, tem folhas espessas e denteadas como as das sempre-vivas, a extremidade como o cardo e a casca escamosa como a da nossa sempre-viva; uma vez descascado tem o tamanho de um melão commum,

de cor dourada e divide-se em gomos, como a laranja. Cortado e molhado no vinho (como se narra do Maná) tem para qualquer paladar o mais delicioso sabor.

Dispõem também os portuguezes de melões tantoijos amarelos como dos verdes, melhores do que os da Europa (embora provavelmente transplantados de lá) e batatas na mesma quantidade dos nossos nabos e cenouras.

Para concluir: outra arvore ali ha, chamada o *Pinto* (sic) que, conquanto não seja frutifera, dá maior lucro do que todas as demais. Cresce, de preferencia, como o nosso chorão, nos sitios humidos. Do tronco feito de nós como os da canna, saem galhos superpostos de nós em nós, em toda a altura. Forma um todo verde muito aprazível e a folhagem espessa e fibrosa é utilizada para a tecelagem até da mais delicada; a fibra mais grosseira serve para a cordoalha, a média para o fio commum e a mais fina para seda.

DOS ANIMAES

Os animaes são todos curiosamente differentes dos nossos: O *Coty* (sic) apresenta alguma semelhança com a nossa lebre, mas é maior e não tem orelhas, terminando-se-lhe o dorso mais grosseiramente, junto da cauda e mais avermelhado do que o resto do corpo. O tatú não differe muito da nossa raça de porcos menores, mas possui maior pança e mais comprido focinho.

Pigritas (sic) vem a ser um animal, cujo nome deriva da morosidade dos movimentos, tem apparencia tão monstruosa, coberto de escamas como o rhinoceronte (!) mas flexivel como a serpente, que o proprio Demonio não poderia ser pintado mais assustador e feio; caminha tão vagarosamente que apenas progride um passo por dia (sic).

Como animaes selvagens existem no Brasil onças, tigres e leopardos e como domesticos, carneiros, porcos, cabras e bois (importados), mas multiplicando-se aqui em grande numero, especialmente os ultimos, que se criam para o corte e para serviços outros, taes como o de tocar engenhos de açúcar. Os padres da Companhia possuem em propriedade, não muito longe do Rio, mais de vinte mil cabeças num só pasto.

Ha tambem naquella terra em grande quantidade Buggus (sic), ou macacos, communmente pretos, com focinho branco e a cauda em espiral, voltada para dentro. Exhalam um odor suave e quando culpados de alguma malicia, fazem mimos tão enternecedores que não ha remedio senão lhes perdoarmos as travessuras.

Mas acima de todos está o *sanguim* (sic), o animal mais lindo criado pela natureza. E' do tamanho de um pequeno esquilo, com uma juba de pello longo e a cauda em pennacho, de cor dourada, com o rosto e as mãos como as dos negros, dedos pequenos e aspecto petulante, gritando ou chamando como grillos.

Pudesse[m] aclimar-se na Europa (pois são muito delicados e não supportam a mudança de temperatura) e todos os vossos cães de estimação, os "Shocks" e os bolonhezes seriam desprezados e estes bichinhos se tornariam o vosso mimo predilecto.

DAS AVES

As aves são tão bellas, se as compararmos ás nossas, que podemos em verdade affirmar haver a natureza, quando as pintou, aprendido aqui os seus matizes. Comquanto os passaros da Arabia sejam chamados aves do Paraiso, merece o Brasil o nome de Paraiso dos passaros.

Entre todas a Arara, que tem o tamanho do falcão, parece um jardim de tulipas, pois cada penna ostenta cores diversas que, vistas ao sol, offuscam o olhar pelo brilho e variedade.

Tive uma dellas a que ensinei a pa'rar como um pagaio, mas a voz lhe sahia em tom tão avolumado e grosso que ninguem, ao ouvil-a, podia conter o riso. Ha no Brasil outro passaro chamado Canada (sic) que só na cor differe da Arara; o dorso e as asas são azues externamente e o peito e a parte interna das asas amarelo cor de oiro. Alguns exemplares são pretos de azeviche, apresentam o ventre cor de aurora, franjado de vermelho, outros ha inteiramente escarlates. Finalmen-

te, o passaro aqui mais commum é o papagaio, do qual ha centenas de qualidades. Os parrachitos (sic) apparecem aos bandos, taes como os estorninhos em outras zonas e, como estes, são vendidos barato e comidos communmente.

Durante toda a minha estadia, tive os aposentos repletos de animaes e de passaros; um ou dois *Sanguins* que trazia commigo e appellidara os meus "leões de bolso" de dentro do qual surgiam á hora de refeição para, empoleirados nos meus hombros, me roubarem a comida das mãos e da boca, provocaram o ciume da Arara, que não cessava de importunar-me com caricias, ora fitando-me com ternura, ora falando, ora trepando-me pelas costas.

É no entanto uma ave sympathica, de boa indole, tendo um unico defeito, o de roer tudo quanto encontra, por isto o portuguez precavido a exila de casa, quando não a amarra a um poleiro de ferro, no qual pode, á vontade, afiar o bico.

Muitos outros animaes possui, mas morreram todos em viagem. Os *Sanguins* com a mudança de ar, a Arara afogada, motivo pelo qual lhe dediquei o seguinte epigramma:

*"Tu que tão semelhante á Phœnix te mostravas
Na forma e na cor e em todo o teu conjunto,
Tiveste, no entanto, destino tão diverso.
Que, em vez do fogo, a agua te exterminou".*

DOS INSECTOS E DOS ANIMAES INFERIORES

Quanto aos insectos, ha um genero de caranguejos, tão pequenos quanto a pulga d'agua, soterrados nos bancos de areia, como os mariscos entre os rochedos, e dotados de uma garra muito maior do que a outra. Isto os obriga a movimentos circulares, ao passo que os caranguejos têm uma mobilidade de retrocesso.

Outro insecto peculiar é o que os portuguezes chamam "Loberlio" (sic) ou Louva Deus, em verdade admiravel no seu contorno de pequena setta ou rebento de planta, de algumas pollegadas de comprimento. De suas vertebraes saem pares de pernas sobre as quaes saltita, sendo este o seu unico signal apparente de vida ou os unicos membros que lhe vêem, pois nem boca nem olhos se lhes percebem.

Apanhei um que me trepava pela roupa, quando passava no mato e amarrei-o no meu quarto, onde o conservei durante varios dias, sem perceber com que se nutria e tendo-o mesmo traspassado para observar-lhe as reacções. Mas tudo sem resultado, pois continuou a mover-se da mesma forma, até que um dia desapareceu, não sei como nem por onde.

Mas o que me molestou, mais do que tudo, foi uma especie da poeira animada que, insensivelmente, se transforma em vermes dentro dos pés, crescendo tanto quanto os bichos dos queijos. E se não são tirados com cuida-

do deixam ovos para a reproducção de centenas de outros.

Durante mais de um mez soffri tormentos por causa delles, impossibilitado de caminhar, sendo transportado numa "Hamatta" (sic) a verificar quanto o soffrimento se avizinha do prazer.

Ao principio quando se apossaram de meus pés sentia tal comichão que me parecia a maior satisfação do mundo coçar-me, mas ao cabo de alguns dias tal foi a dor que não me recordo jámais de ter soffrido outra igual.

DOS SELVAGENS OU INDIGENAS DO BRASIL

Quaes os direitos dos indigenas ou habitantes? Serão, como quer João Baptista de Porta: a saber que cada Nação tem os traços caracteristicos de certo animal?

Assim, estes brasileiros são certamente como os asnos, dolentes e fleugmaticos (*in servitute nati*), e só aproveitaveis para o labor e para a escravidão, razão pela qual a Natureza não dotou este paiz de nenhum outro animal de carga senão elles.

São, todavia, mais corpulentos do que robustos, gente de tronco grosso, pernas curtas, olhos pequenos, pelle morena e doentia, feições irregulares, cabellos negros e oleosos, muito lisos e cahindo sem graça pelas orelhas abaixo.

Homens e mulheres andam geralmente nus, usando apenas um trapo que lhes esconde as partes genitales, o que ninguem desejaria ver aliás, pois é o resto bastante repugnante.

São todos Christãos, e vem-me então á mente a frase *Homines et jumenta salvabis Domine*, que o Senhor salve a todos, homens e animaes, pois é sem duvida applicada a estes que não possuem intelligencia bastante para cultivar vicios engenhosos nem temperança bastante para evitar os mais brutales.

Diz isto respeito aos que vivem entre os portuguezes; quanto aos demais imagino que seja a differença a mesma do que entre os animaes selvagens e os domesticos.

Em relação á sua ferocidade não acredito tudo o que dizem mas sim o que é allegado da sua selvajeria, como o de se devorarem uns aos outros ou não possuirem em seu vocabulario palavra alguma que traduza a Deus, Rei e Lei.

Se fossem tão ferozes quanto contam, não teriam cedido tão mansamente sua terra a Portugal, nem permitido que este a desfrute tão tranquillamente. Mas, voltando aos meus selvagens domesticados, aluguei quatro delles para uma viagem ao interior.

Emquanto dois me carregavam na "Hamatta" os outros corriam-me ao lado. A "Hamatta" é uma especie de rede de algodão do tamanho de um lençol, franzida nas duas pontas e amarrada por uma corda forte

a uma grande vara que os homens levam ao hombro, e na qual podeis sentar-vos ou deitar-vos em qualquer posição com uma almofada ou travesseiro, mais facilmente do que numa liteira.

Os portuguezes fazem-se acompanhar por um negro que leva um guarda-soi aberto para abrigal-os, enquanto as mulheres ficam protegidas dos olhares do vulgo por uma rica colcha que recobre a "Hamatta" e acompanhadas por duas aias negras, para ajudal-as a subir ou dar-lhes as "chopinas" (sic) quando se apeiam da "Hamatta".

Numa dessas fui transportado mais ou menos umas vinte milhas, conforme o permittia o caminho ora plano, ora montanhoso tendo convencionado com os meus selvagens pequena remuneração, além da comida, que consistia num punhado de farinha (sic) de pau (ou pão fabricado com a raiz de certa arvore, como já expliquei) e quanto a mim, não tendo além da farinha outra provisão senão peixe que os homens pescavam lançando os anzóes em cada riacho que atravessamos e trazendo-os em profusão sufficiente para vinte homens.

Faziamos então uma fogueira para cozinhal-os e depois os comiamos com o caldo dos limões agrestes de que o mato está cheio. Isto e agua foi toda a nossa alimentação; á noite suspendiamos as nossas "Hamattas" de duas arvores e dormiamos até ao amanhecer.

Ao longo da costa, nas estradas abertas pelos portuguezes para o trafego do interior encontram-se pelo me-

nos de dois em dois dias "Ross" (sic), roças ou propriedades campestres dos portuguezes, nas quaes, a troco de algum dinheiro, se obtem hospedagem, a que acompanha todo o genero de frutas e aves.

Um dos prazeres que tive ao atravessar as mattas foi o de se me depararem arvores cobertas de macacos e papagaios (como se estes fossem os seus unicos frutos) caçando-se uns aos outros com um alarido ensurdecedor, ao ponto de não ouvirmos as nossas proprias vozes, e cousa digna de vêrdes eram as macacas com os filhotes dependurados ao pescoço ou montados às costas, modo pelo qual os transportam até se tornarem grandes.

Para apanha-los os indigenas frechavam os adultos (são os melhores atiradores do mundo dada a inferioridade dos seus arcos e flechas) e quando as macacas caíam, os filhotes, pela falta de habito de usarem as pernas, nem tentavam escapar.

DOS RECURSOS DO PAIZ

Deixando a viagem, voltarei a falar das riquezas do paiz. A principal é o açúcar e creio mesmo que, este lembrado, acham-se todas as outras mencionadas. Não que lhe faltem outras riquezas mas esta supre a todas, e um paiz que possui com abundancia um genero de que todos os outros necessitam de mais nada precisa.

Não produz trigo, nem vinho, nem sal, o que attribuo não sómente á differença de clima, mas a medidas politicas, mantendo-o Portugal em sua dependencia que assim lhe vende estas mercadorias indispensaveis e impede-lhe a revolta. E' o açucar fabricado do modo seguinte: os cannaviaes crescem tão alto quanto o trigo, e não exigem, como cultura, senão serem cortados, de dois em dois annos, pela raiz, para que o broto volte com pujança.

A folhagem é de um verde suave e, de longe, lembra a plantação um trigal. A colheita realiza-se em Junho, sendo as cannas amarradas em mólhos, de alguns pés de comprimento, e transportadas para o engenho, tocado por juntas de bois ou por agua.

Compõe-se elles de dois cylindros como as nossas mós de moinho, chapeados de ferro, e cujo movimento rotativo, approximando o mais possivel os dois cylindros, esmaga as cannas, cuspidas fóra como bagaço. A garapa escorre por calhas, aos caldeirões onde ferve, conservando sempre a côr de ambar até que, transvasada para tinas de esfriar, lhe misturem ingredientes que a tornam branca.

Nestes engenhos, durante a estação da colheita, trabalha-se noite e dia sendo bastante perigoso o officio de collocar as cannas no moinho; se por negligencia um dedo é apanhado pela engrenagem todo o corpo é carregado, razão pela qual os negros usam sempre um machado, prestes a sacrificarem uma mão ou um braço se tal desgraça lhes succeder.

DAS ESTRELAS E DO CÉO DO OUTRO
HEMISPHERIO

Terminarei este tratado sobre o Brasil com algumas palavras sobre as estrelas deste outro hemispherio guardado de constelações para nós desconhecidas, sendo a principal o Cruzeiro (sic) Cruzeiro ou Cruz, formada de cinco ou seis estrelas de grande magnitude e tão brilhantes quanto as do nosso hemispherio.

Este brilho é ainda realçado por uma grande nuvem negra que a sublinha, assim como a brancura da via lactea é tambem realçada por uma faixa negra que a corta ao meio, inclinada para esta mesma constelação.

Outra nuvem, acima da Via Lactea, observei-a durante mais de seis mezes, continuamente, e conclui que é desta a feição do firmamento daqui; enquanto o nosso é todo azul, este por partes se cobre de negro o que torna este povo mais melancolico do que o nosso.

Quanto ás nuvens negras fui o unico que as observou até hoje, o que me surprehende pois as duas nuvens que circundam o Cruzeiro já foram observadas e appelladas "*Nubes Magellanicae*" de Magalhães que as descobriu.

Assim creio que basta de falar sobre o Brasil, onde se me demorei tanto é porque não pude deixal-o antes, nada nelle havendo que me prenda, uma vez satisfeita a curiosidade, mais tempo do que o necessario para a preparação da frota que, no dia 8 de Agosto, 8 mezes depois

da nossa chegada, far-se-ha de novo ao mar, devendo eu embarcar na Almirante de Don Rhoderigo d'Alancastro e por elle convidado nobremente para compartilhar da sua mesa e alojamento.

AO REVERENDO PADRE JOÃO PERERIO (SIC)
DA SOCIEDADE DE JESUS NO BRASIL

Reverdo, Padre: Enquanto não me fôr possível agradecer-vos de facto, peço-vos que accèiteis, em palavras, a gratidão que vos valem, da minha parte, todas as bondades dispensadas no Brasil, e a cuja cortezia devo ter vivido lá, e sido tão bem succedido na minha viagem.

Posso assegurar-vos nunca ter passado melhor do que a bordo, em companhia do General Don Rodrigo d'Alancastro, a quem me haveis recommendado.

Convidou-me a compartilhar do seu camarim, sentou-me junto da sua pessoa á mesa, e não sómente me teve por companheiro de vida, como o faria até á morte, se a occasião se apresentasse (como aliás imaginámos ao avistar outra frota que depois descobrimos ser amiga) e então pondo-me a espada na mão e cobrindo-me com um escudo recomnendou-me que se viessemos a combater me chegasse sempre á sua pessoa para que vivessemos ou morressemos juntos.

Assim é, Padre amigo, que como outros são graciosos, por acaso, vós o sêdes com arte, ligando bondade a bon-

dade, de tal fôrma que com ellas formaes cadeia. Aquele que a partisse seria dos mais ingratos.

Mas o que a vossa modestia se recusa de mim ouvir eu espero que o ouçaes dentro em breve, do proprio Rei, a quem contei, desde que aqui cheguei, todos os desvelos que para commigo tivestes no Brasil, a El Rei servindo, abaixo de Deus.

Nem sómente a tanto limitei minha gratidão, escrevi tambem a Roma para pôr-me em estado de retribuir a vossa cortezia, breve esperando o saldamento da divida que para comvosco contrahi”.

De La Flotte
(1757)

A solução de continuidade marítima proveniente do Istmo de Suez trouxe á historia dos costumes brasileiros notavel accrescimento de documentação de origem estrangeira, torna-se quasi desnecessario lembral-o.

Muito menos visitados seriam a nossa costa e os nossos grandes portos, nos seculos XVII, XVIII e XIX, até 1869, se houvesse sempre e naturalmente existido a passagem que a tenacidade e o genio de F. de Lesseps crearam.

Outras tambem teriam sido as consequencias para o avanço da civilização, o intercambio dos povos e o desenvolvimento do pacifismo sussurra-nos ao nosso lado o espirito de um observador que não supponho seja o do Sr. de La Pallice, mas podemos bem identificar como o do grande conselheiro immortalizado por Eça de Queiroz.

Mas não continuemos neste terreno das divagações partidas de hypotheses e mais hypotheses e fiquemos no dos casos concretos. E sigamos o exemplo daquelle pensador que, interrogado a proposito das consequencias da batalha de Lutzen, no scenario do Mundo, se Gustavo Adolpho nella não houvesse perecido, em meio de seu imenso triumpho, acertadamente espendia: "a unica po-

sitiva é que o sobredito Leão do Norte teria vivido pelo menos mais algumas horas". . . Isto é que é philosophar.

Assim verifiquemos o caso apenas de que a nossa xenobibliographia largamente se enriqueceu graças á arribada de numerosos viajantes que se destinavam aos portos do Oriente, sobretudo do Híndostão.

I

As contendas dos povos europeus na India. Dupleix e Clive. A expedição de Lally Tolendal. O livro de De La Flotte. Chegada ao Rio da esquadra do Conde d'Aché. Alar-me da população fluminense. Acerbas acusações do viajante nos cariocas. Devoções fluminenses. Tendencias eroticas.

NÃO vamos aqui, sucintamente sequer, referir as peripecias da fundação do imperio luso-indiano, pelos nossos archi-conhecidos Albuquerque Terribil e Castro Forte.

Basta lembrarmos que os batavos só appareceram pelos mares indianos com Houtman e a esquadilha da sua *Companhia dos paizes longinquos*.

Dentro em breve — ai de Portugal! — estavam (desde 1632) os holandezes instalados em Ceylão, e dominando o commercio da canela.

Acabara-se a grande era dos capitães sobre quem poder não tinha a morte com os esforços gloriosos de Ruy Freire de Andrada e Nuno Botelho,

Em 1663 estava definitivamente esbarrondado o imperio daquelles que aos demais brancos, e graças á indomita temeridade, haviam ensinado a percorrer os mares nunca dantes navegados. Restava a Portugal, de tanta cousa que tivera, o que hoje possui.

Sequer lhe ficava uma unica feitoria naquella costa de Coromandel, onde o seu antigo imperio, havia pouco ainda, não conhecia limites.

Mas já em 1664 os francezes, renascidos com Henrique IV e Sully, bradavam á gente tupantina energico *nos quoque*...

Mas é ahi o caso de lembrarmos — tratando-se de regiões separadas não por um, mas por dois oceanos — o proverbio italiano do *dal detto al fare c'è mezzo il mare*. Só em 1667, é que os francezes fizeram vultosa appareção na terra hindustanica, graças a Luiz XIV, instigador da *Compagnie des Indes Orientales*.

Em 1676 firmavam-se em Pondichery. De muito os haviam precedido os inglezes, mas intermittenemente. Só se fizeram realmente notados depois que nos mares europeus o grande Blake annullara, por assim dizer, a supremacia naval neerlandeza, batendo — aos não menos illustres do que elle — Tromp e Ruyter. Foi Guilherme III, o verdadeiro fundador do poderio britannico da India, resuscitando a velha e exausta *Companhia das Indias*, já quasi secular, pois datava de 1599.

Iam defrontar-se, na peninsula indica, as seculares rivaes de uma e outra margem da Mancha, protegendo as respectivas empresas de commercio conquistador.

Em 1719 infundia o regente Philippe de Orléans grande alento á velha e gasta Companhia de Colbert.

Sabem todos quanto progrediam os francezes na India sob a admiravel administração de Dupleix. De 1730 a 1740, e á testa da feitoria de Chandernagor, immenso alcançaram a ponto de provocar o maior ciúme dos inglezes.

Em 1740 arrebetava a guerra de Successão da Austria. Combateram francezes e inglezes em todos os cantos do mundo e, encarniçadamente, no opulento campo de batalha indiano. Governador Geral em 1742, bravamente resistiu Dupleix a forças muito superiores ás suas.

O tratado de Aix la Chapelle, em 1748, como que ratificou a existencia do imperio franco-indiano, que, em 1750, dominava toda a costa de Corcomandel. Mas, desde 1744, contava terrivel inimigo na pessoa de Roberto Clive.

A pressão diplomatica britannica que chegou até a ameaça, actuou certa e poderosamente sobre a Pompadour. Insaciavel em sua avidez argentaria fez a favorita com que Luiz XV, em 1754, impuzesse a destituição de Dupleix.

Desde ahí pôde Clive realizar enormes progressos para a dominação britannica.

Dois annos mais tarde arrebetava a *Guerra da Pompadour*, a Guerra dos Sete Annos, que valeria á França a perda do Canadá e a ruina do imperio colonial franco-indiano.

Já em 1757 se tornara melindrosa a situação deste ultimo e o governo francez tratava de valer a sua gente a quem Clive furiosamente accessara depois de, em 1756, ter retomado Calcutta e grande parte do Bengala.

Organizou-se pois uma frota de soccorro, esquadra esta que, de rota para o Oceano Indico, viria aportar no Rio de Janeiro em meados de 1757.

A seu bordo seguia certo Sr. de La Flotte official do exercito francez e autor de um livrinho hoje bem raro, *Essais historiques sur l'Inde précédés d'un journal de voyages, et d'une description Géographique, de la Côte de Coromandel, Par M. de La Flotte, A (sic) Paris, Chez Herissant le Fils Libraire, rue Saint Jacques, MDCCLXIX, Avec Approbation et Privilège du Roi.*

E' um volumesinho in 16, impresso em bom papel, constando de 360 paginas numeradas seguidas de doze outras não numeradas, com uma taboa das principaes materias e a approvação da censura e privilegio real.

Constitue um dos bons numeros da nossa xenobibliographia adquirida pelo amigo Yan de Almeida Prado para a sua já magnifica brasiliana. Generosamente posto á nossa disposição por este bibliographo que — *res miranda pópulo* — empresta os seus thesouros tivemos-o alguns dias em mãos.

Não encontramos nos dictionarios encyclopedicos vulgares apontamento algum biographico referente a este Sr. de La Flotte cujo prenome sequer menciona a sua obra.

Escreveu este viajante ocasional do Brasil umas tantas paginas sobre o Rio de Janeiro de 1757 que graças á feição especial do espirito inspirador são bastante curiosas.

Vejamos porém como surgiu nas plagas guanabarinas este reparador de cuja existencia tão pouco conhecemos os pormenores.

Em 2 de Maio de 1757 partia elle do porto da ilha de Grouais, a bordo do "São Lucas", navio fretado pelo governo de Luiz XV para transportar tropas destinadas á Índia. Acompanhava o "São Lucas" a frota do Conde d'Aché, almirante cuja flammula se desfaldava no "Zodiaco", nau de 74 bocas de fogo.

Com este chefe de esquadra seguia o General comandante do reforço indiano, celebre pelos infortunios e a injustissima morte violenta: Tomaz Arthur, Barão de Tollendal e Conde de Lally, nascido em Romans a 13 de Janeiro de 1702, e decapitado, a 9 de Maio de 1766, na praça de Gréve, em Paris.

Partia este illustre cabo de guerra, á testa de quatro mil homens, levava outros tantos milhões de francos ouro e chefiaava brilhante e numeroso Estado Maior de que fazia parte o nosso de La Flotte.

Havia muito fundadas esperanças de que de sua actuação militar e politica colhesse a França assignaladas vantagens.

Apresentava Lally bella fé de officio. Nascido em 1702, oriundo de illustre familia, filho de ardente catho-

lico irlandez, Sir Gerard Lally, Coronel commandante do regimento de Dillon e fidalgo emigrado para a França por ser irreductivamente dedicado aos Stuarts, depositos em 1689, e ao catholicismo, batera-se bravamente Lally-Tollendal na campanha do Rheno em 1733. Trabalhara muito mas debalde, então, em prol da restauração dos Stuarts quer junto á França quer a instigar a Imperatriz Anna da Russia a protegel-os.

Durante a Guerra da Successão da Austria tornara-se notadissimo, sobretudo a commandar a brigada irlandeza. Contribuira e muito, para a victoria terrivelmente ardua de Fontenoy em 1745 e desenvolvera novamente os maiores esforços em prol do triumpho da causa catholica quando do raid famoso e audacissimo do pretendente Carlos Eduardo, terminado pela catastrophe de Culloden..

No dizer de Voltaire fôra até a alma de tal empresa, para cuja victoria demonstrara tanta coragem quanta capacidade e devotamento.

Marechal de campo aos quarenta e quatro annos, após a tomada de Maestricht, em 1747, via-se dez annos mais tarde, ao começar a Guerra dos Sete Annos, nomeado Tenente General, Grã Cruz da Ordem de São Luiz e Governador Geral da India Franceza.

Conta-nos Guizot que o proprio Lally-Tollendal propoz ao Conde d'Argenson, ministro da guerra, a chefiar a expedição de soccorro á India.

Nelle depositavam os directores da Companhia das Indias a maior confiança, pois foram ter com o ministro insistindo pela nomeação do heroico soldado de Fontenoy.

— “Muito vos illudis sobre o Sr. de Lally, aliás meu amigo, observou-lhes d’Argenson propheticamente. Eu o conheço muito bem. E’ por demais violento, arrebatado, inflexivel em materia de disciplina. Não tolerará jamais a menor irregularidade. Capacitae-vos de que com a sua ida para a Índia incendiareis, com as proprias mãos, as feitorias da Companhia”. Insistiram os Directores e Lally partiu, a 2 de Maio de 1757, levando em seu estado maior varios jovens officiaes das primeiras casas fidalgas da França”.

Inmenso pois delle esperavam os seus admiradores, enthusiasmaços com a divisa audaz que escolhera como mote synthetico de um plano de campanha: “Nem mais um só inglez na India! *Dal dettò al fare...*”

Tal o chefe sob o qual o nosso Sr. de La Flotte ia pelejar em prol do estandarte das Flores de Lyrio.

Acceitara Lally terrivel tarefa. Mallograra-se de todo o esforço ingente de Dupleix em prol do imperio francez no Hindostão.

Estava o poderio de sua nação praticamente arruinado pelos terriveis concurrentes a cuja testa se achava um homem genial, um conquistador da valia de Clive. Tornava-se necessario reconquistar o antigo dominio francez quasi praça por praça.

Apresentara Lally um plano de recuperação que o governo de Luiz XV approvara.

Mas começava mal a difficilissima empresa. Seguia o general armado de insufficientes recursos e transportado por um chefe naval da mais mediocre competencia. Reclamou soccorros e estes lhe foram promettidos. Foi o que o fez navegar, certo de que o seu governo cumpriria a palavra.

Sete mezes levou a esquadra a apparellhar-se. Só deveria zarpar a 2 de Maio de 1757.

Viajava a frota do Sr. d'Aché roncamente; só passados 75 dias da partida de Brest é que attingia as aguas da Guanabara.

Tão impacientes se achavam as tripulações de desembarcar que jovem e distinto official, dotado das mais belas qualidades, o Cavalheiro de Dentillac, morreu de commoção ao avistar terra á altura de Cabo Frio "victima de uma dessas fortes revoluções que os marítimos chamam "revolução da terra" causada por excessiva alegria e a mudança subita dos ares" annota o nosso viajante. Era mediocre a geographia do Sr. de La Flotte. Assim repete — já em 1757! — a ballada de que a nossa capital devera o nome ao rio de seus appellidos em cujo estuario, a duas leguas da foz, fora construida.

Refere-se o official ao Pão de Açucar, á Ilha das Carbas (sic) "optima para defender a cidade dos desembarques", e conta que seria a nossa barra intransponivel se acaso tivesse boa artilharia que a guarnecesse.

"O aspecto do amphitheatro do Rio annunciava a grande opulencia da cidade".

Fundeou o "São Lucas" a cem toezas da praia.

Arroubado, extasiado annotava o moço official:

"Um ceu puro, sereno o espectáculo do sol nascente sobre aquellas costas magnificas, ares para nós novos e embalsamados pelas laranjeiras, limoeiros e todas as plantas odoríferas nativas daquella região, perspectivas risothas e infindaveis a comparação de tão subita mutação, com as fadigas de uma travessia invariavel em sua monotonia, tudo nos levava a crer que a demora, alli, seria um tempo de encantamento.

Toda a vida hei de me lembrar, e com satisfação sempre renovada, que o dia em que entrámos na bahia do Rio para mim foi o mais bello e o mais delicioso".

Salvou o almirante com 21 tiros que de terra lhe foram exactamente contestados. Chegára apenas parte da sua esquadra, aliás.

Mostravam-se os portuguezes visivelmente alarmados com a presença daquella poderosa força naval. "Reminiscencias da terrivel proeza de Duguay-Trouin", annota o Sr. de La Flotte.

Tão sobressaltadas as autoridades militares fluminenses com a presença de tantos navios de guerra, que resolveram trancar o porto aos vasos retardatarios do Conde d'Aché.

Passados alguns dias, como á barra se apresentassem, foram convidados a retroceder e ir ancorar na Ilha Grande.

Chegou o "Vengeur", navio de alto bordo, com 64 bocas de fogo, a receber a descarga de uma das baterias da barra.

Quasi dois mezes passou de La Flotte no Rio de Janeiro! "tempo sufficiente para bem apreender os habitos e costumes dos Portuguezes", affirma.

Era aliás rapido em suas deducções o jovem fidalgo. "Em poucos dias, verbera, percebi quanto o mais feliz dos climas, a mais rica e fertil das regiões desfrutava-os a nação menos digna de tantos beneficios". E só!

Declarava, em todo o caso, quanto, a seu ver, eram os reinos superiores aos seus colonos americanos.

Viviam sob as vistas de seu soberano, a respeitar as leis, na Europa, onde a vida civil e politica formava immensa e indissolúvel cadeia".

Tal não era porém o caso da gente daquellas terras longinquoas americanas, onde os recursos legais insensivelmente se afrouxavam; devido ás distancias, á mistura dos povos e á impunidade dos infractores.

A' vista de taes considerações quem poderia espantar-se se lhe dissessem que a corrupção vinha a ser quasi a regra geral de vida dos brasileiros "gerete que ao auge levava o orgulho, a superstição, o ciúme, a indolencia e a devassidão!"

Queria comtudo o nosso moralista documentar as rispidas asserções por meio de exemplos.

Assim apenas desembarcado notára, como aliás todos os da esquadra, a attitude insolentíssima dos militares da guarnição fluminense.

Não havia soldado que não assumisse ares os mais atrevidos! não fizesse transparecer quando se julgava mil vezes superior, já não tanto aos officiaes francezes de pequena patente e sim até ao seu proprio general!

E, no entanto, que aspecto sordido o seu! Andrajosos, em geral, verdadeiros farroupilhas, não hesitavam, ao lusco fusco, em pedir esmola áquelles a quem tão pouco havia mostravam desprezo. E o faziam para "acalmar as mais urgentes instigações da necessidade".

Naquelle penuria incrível em que viviam tratavam-se, no entanto, mutuamente por "fidalgos" (!?) titulo em Lisboa privativo dos nobres.

Eis uma novidade de polpa para nós outros. Esta interpeção de Fidalgo! Fidalgo! de soldado a soldado...

"A tão desmascarado orgulho os portuguezes do Brasil accresciam a mais crapulosa indolencia".

Bastava-lhes ganhar algumas patacas de cobre, graças ao exercicio de qualquer profissão "vil e diminuta" para immediatamente fecharem as sordidas lojas, envergar a capa, empunhar o violão e irem ao encontro de suas "senhoras" de quem se não desprendiam senão quando o apuro os forçava a retomar o trabalho.

Quando não mendigavam, o que muito lhes aprazia, tratavam de roubar aos estrangeiros. A tanto os acoroçoava a mais completa impunidade.

Que vagabundos aquelles portuguezes do Rio! que existencia vasia, indolente e tediosa levavam!

Acerrimos inimigos de qualquer trabalho preferiam viver miseravelmente a economizar á custa do sacrificio da indesculpavel inercia.

Mostravam-se aliás muito sobrios. E embora a terra lhes pudesse fornecer as mais deliciosas carnes tinham sempre a mesa mal servida e as refeições compostas de pratos mal temperados.

O seu modo de commercial vinha a ser o dos vadios inveterados. Provia o clima abundantemente aos carregamentos das frotas que para Lisboa zarpavam.

Taes carregamentos consistiam em ouro, proviudo de riquissimas minas, trabalhadas por escravos, pedras preciosas como os diamantes, topazios e amethystas e diversas drogas medicinaes sobretudo ipecacuanha.

Mas o que constitue legitima revelação, e da maior importancia, na historia do commercio brasileiro, vem a ser os topicos pelos quaes o Sr. de La Flotte nos relata o despacho, para Lisboa, de grandes carregamentos de laranjas, "frutas que no Rio cresciam sem cultura e sem o minimo cuidado".

Partiam os classicos pontos das Hesperidas naturalmente sem frigorifico algum, e para uma viagem de no minimo tres mezes! E tinham quem as apreciasse do outro lado do tanque atlantico, tão frescas e deliciosas chegavam á costa portugueza!

Pena que o nosso viajante não se haja interessado em nos revelar o segredo de esse prodigioso processo de conserva que nos porções das naus zombava dos calores equatoriales das calmarias pódes!

Havia no Brasil contudo — explicava o nosso homem ao encerrar o capítulo das observações sobre o commercio nacional — individuos a quem o commercio enriquecera. “Notava-se porém que quasi todos procediam de Lisboa”.

Gente creoula não ajuntava as patacas da famosa arvore.

Passando a tratar da religião dos portuguezes fluminenses conta-nos o sr. de La Flotte que o surpreendeu altamente a devoção immensa a Santo Antonio cujo nome lhes não sahia dos labios. Poucas casas havia no Rio em que se não visse alguma imagem do Santo casamenteiro em bem adornado nicho.

Pedi-lhe certa dama de alto cothurno que lhe obtivesse uma imagem do glorioso franciscano. Queria-a, porém, procedente da Europa mas não de Portugal.

Arranjou-lhe de La Flotte uma que certo marinheiro genovez possuia e cedeu-lhe em troca d'ella uma garrafa de aguardente! Muito satisfeito com a descoberta apressou-se em levar-a á senhora mas viu-se detido por guardas da Alfandega que lhe haviam notado um embrulho sob as vestes.

Como o interpellassem, insolentemente, recusou-se a lhes mostrar a estatueta.

Akeraram e o povo começou a ajuntar-se em torno delles. “Resolvi mostrar o meu Santo Antonio para me libertar de semelhante canalha, re'ata-nos o viajante e, com a imagem em punho, esbocei um gesto de larga benção. Cahiram todos de joelhos e puzeram-se a gritar que eu

era digno de ser tido á conta de legitimo portuguez. Retirei-me pois muito divertido por este pequeno incidente”.

Tal a devoção a Santo Antonio é tão deturpada pelos cariocas que as mulheres de mau viver em dados momentos fechavam os seus oratorios, pois diziam, “muito embora praticassem actos da Natureza não era necessario que o Thaumaturgo assistisse a scenas que poderia levar a mal! (sic).

Continuando a informar os leitores do que pudera conhecer dos costumes cariocas advertiu-os o Sr. de La Flotte: “creio que não será de todo desagradavel narrar como os habitantes do Rio de Janeiro celebram as suas festas religiosas”.

“Com uma antecedencia de oito dias arvora-se em face da igreja uma bandeira com a imagem do santo ou da santa a serem festejados.

Chegado o dia das festividades todos os devotos vão ter ao templo indicado, mas nunca antes das sete horas da noite”.

“Ficam as igrejas magnificamente illuminadas: uma turba de musicos collocada em tribunas executa peças concertantes”.

“Cantam-se depois muitissimas ladainhas e o serviço divino só termina á noite avançada”.

“Quiz conhecer o que seria a eloquencia do pulpito neste paiz e percebi que os pregadores não passam de declamadores que precisam, imenso, ler o *Ensaio sobre a Eloquencia Sacra* do nosso padre Gros de Besplas, obra

que o publico literario francez com tantos e tão justos elogios acolheu”.

Conta-nos de La Flotte a bem da verdade que não lhe foi dado, comtudo, ouvir um só dos prégadores fluminenses. Assim se resolvera a consultar uma collectanea de sermões. E a este proposito observa: “para dar uma idéa da vivacidade de sua inspiração transcreverei, tal qual, uma frase que retive perfeitamente”. O curioso é que a tal frase transcripta vem toda em portuguez, assaz macarrónico, entre parentheses, e sem a correspondente traducção em francez.

Assim, pois, o leitor francez que, sempre no dizer do classico alexandrino, quer ser respeitado, vê-se mystificado a olhar para umas tantas linhas de que patavina não pesca.

O trecho escolhido pelo nosso autor é este, colhido não sabemos em que parte de florilegio, que, também, totalmente, ignoramos qual seja: “Se uma bella flor, tanto mais agrada á vista dos olhos, quanto mais fresca: se humna fruta, tanto mais tirada de perto de arvore, e mais deliciosa e de mais estima. Que flor mais linda, que fruta mais preciosa, que uma menina tenera (sic) aos primeries (sic) crepusculos da infancia e ainda da Pueritia (sic)?”

Depois deste trecho de ignota arthologia fala-nos o official francez indignado, de certa scena que pretende haver assistido numa igreja fluminense.

“Não posso melhor terminar esta descripção da piedade portugueza do que dando a conhecer até que ponto esta gente degrada a religião.

Aesistí, certo dia, a uma comedia burgueza em que varios frades davam a mão a amabilissimas penitentes.

A esta peça recheavam obscenidades em barda, mas tal facto não me causou a menor surpresa. Tudo isto conferia perfeitamente com o facies da colonia.

Mas o que me deixou embasbacado foi avistar, nos entre actos, duas meninas fantasiadas de anjos que se puzeram a entoar a ladainha de Sant’Anna. Esta extravagancia procede certamente da idéa, que esta gente tem, de que tudo está sanado quando alguem reza o terço ou canta ladainha”.

O que de mais curioso ha, porém, na relação da estada de La Flotte, no Rio de Janeiro, vem a ser a parte por elle consagrada á observação da vida amorosa fluminense.

Paginas e paginas reserva a este assumpto que totalmente o empolgou, impedindo-o de ver outros aspectos cariocas.

Que idéa lhe haviam incutido da moralidade brasileira para que estivesse como que certo de encontrar nas plagas guanabarinas a resuscitação dos antigos ritos cyprinos?

Nem o seu livro nos demonstra tantos conhecimentos antigos que nos induzam a crer que escreveu sob a instigação de reminiscencias classicas, a evocar Paphos e Gnida, Lesbos e Cythera.

Quem o ler ficará certo de que vivia sob o imperio daquelles sentimentos que a um poetaastro, seu compatriota e contemporaneo, levava as declarações anacreonticas depois da categorica affirmação “que não entraria no Templo da Memoria para nelle consagrar os dias bellos da mocidade a trabalhos arduos, á imitação daquelles que perscrutando os factos da Historia, cantavam os nomes famosos dos reis e dos heroes”.

*Les vaines palmes de la gloire
Ne valent pas les myrtes de Paphos!
Dans la tendre et verte jeunesse
Un sourire de la beauté
Un seul regard d'une maitresse
Vaut mieux que l'immortalité...*

III

A decepção do official francez no Rio de Janeiro. A vigilancia dos cariocas sobre os seus lares. Providencias frustradas. Curiosa occurrencia. Um baile dado pelo governador fluminense. A jactancia do Sire de La Flotte. Asseverações suspeitosas. Aventuras do official no Oriente. Nova feição de espirito. Regresso á Europa.

TEMOS a impressão, ao ver o livro de La Flotte, que o seu joven autor ao Rio de Janeiro chegou com a mesma disposição de sentimentos, animadores dos nautas da expedição do Gama, ao desembarcarem na famosa ilha "da deusa Cypria ordenada, para favor dos lusitanos" quando lhes pretendera dar, nos mares tristes, alegria.

Nas praias da Guanabara não contava ver apenas as mil arvores ao ceu subindo, com pomos odoríficos e bellos, as laranjeiras de frutos lindos, da côr que tinha Daphne nos cabellos, as cidreiras com os pesos amarellos, os formosos limões ali cheirando, a imitarem virgineas tetas ou quicá encontrar as famosas peras pyramidaes,

que, para poderem viver, precisavam entregar-se ao damno que, com os bicos, nellas quereriam fazer os passaros inicos.

Estava certo de que, por entre o arvoredado fluminense, encontraria as nymphas cariocas, mais industriosas que ligeiras, deixando-se dos galgos alcançar, a pouco e pouco sorrindo e gritos dando.

Novo Leonardo, soldado bem disposto, sonhava com os famintos beijos da fle-esta, o mimoso choro e os affagos suaves...

E assim desembarcou na cidade brasileira como se ali houvesse um *simile* americano da i'ha da deusa nascida da onda salsa conforme quer a velha chapa.

Ao avistar aquelle littoral edenico pensaria o joven official nas surpresas deliciosas que o aguardavam, e aos companheiros, entre as bellas portuguezas de America do Sul, ternas e acolhedoras.

Instigava-o a exhortação do deus alado, pelo estro ultra mediocre do poetaastro de quem falamos:

*O mes amis! mes disciples fidèles!
Des guérets de Paphos industrieux colons,
C'est pour vous que Cypris a réservé ses dons!
Dans ces champs fortunés les récoltes sont belles
Venez du tendre Amour recueillir les moissons!*

Mas fossem em tudo francezes, soubessem honrar as tradições daquella galanteria incedivel que era a da sua gente.

*N'arrachez pas, prenez avec délicatesse
 La fleur fragile du plaisir:
 Comme un rien l'embellit, souvent un rien la blesse
 Il ne faut que l'entre-cueillir.*

E depois uma circumstancia corroboradora do exito provavel, para os officiais de Sua Majestade Christianissima, entre as lindas *créoles* do Rio se encerrava no facto da attracção mutua e eterna dos dois olympianos Ares e Aphrodite.

Cantava o vatesinho:

*Tous les sujets de Mars auront la préférence,
 Ils sont francs et loyaux, chérissent la beauté,
 Les lauriers d'un amant, cueillis par la vaillance
 Sur le front d'une femme augmentent sa fierté.*

Por aquelle tempo ainda se não divulgara pela Europa a noticia maravilhosa da existencia do archipelago tahitiano, paraíso dos nautas, a se desforrarem de forçada e longa misogynia imposta pelo regimento das naus de guerra. Bougainville ainda lá não fôra ter para o revelar á inauguração escaldante dos eroticos de todas as raças.

Era no Rio, entre as brasi'eiras, que o Sr. de La Flotte imaginava encontrar o serralho mafamético e paradisiaco! E, desapontadissimo, teve de narrar a enorme decepção oriunda da guarda incansavel feita em torno

das bellas e apetecidas cariocas pelo zelo dos maridos que não pretendiam, de todo, ingressar em certa e famosa confraria.

E' ingenua a exhalação do mau humor do nosso francez.

"Não ha quem ignore a que cumulo attinge o ciuime entre os povos meridionaes, começa por explicar. Pois posso assegurar que entre os habitantes do Brasil tal paixão não conhece limites".

"Um estrangeiro que, no Rio de Janeiro, fitar uma mulher corre os maiores perigos".

O ciuime! declamava-se, então, nos cenaculos literarios que haviam invadido toda a Europa latina culta. "O ciuime! frenesi atroz que sempre armado do gladio da Vingança espalha igualmente os seus venenos sobre a victima infeliz a quem agita e o objecto amado que provocou a sua explosão!"

"Podia o verdadeiro amante ser zeloso mas nunca suspeito".

Que brutamontes esses sujeitos a quem caberia dizer-se verberando-lhes a conducta para com as mulheres:

*Il flétrit sa vertu par d'indignes soupçons,
Ses beaux yeux ont versé des pleurs
Et c'est sa main qui les a fait couler!*

Viviam as fluminenses sequestradas, cerberizadas pelos respectivos e terriveis othelos. Sahiam constantemente embuçadas. As ricas de cadeirinha, algumas dellas

magnificas, mas sempre gradeadas. Só descobriam o rosto nas igrejas e no recesso dos seus aposentos.

Pouco se frequentavam; além dos parentes só viam os directores espirituaes. Estes, geralmente frades, as acompanhavam ás festas de igreja "circunstancia unica em que o ciume dos maridos se não manifestava".

Como sempiterna distracção tinham a guitarra que lhes acompanhava o canto.

Era difficilimo travar relações com estas creaturas, segregaças pelos obstaculos quasi invenciveis estabelecidos pelo ciume. Mas qual! o attractivo do perigo, o pendor á aventura, a revolta contra esta contenção deprimente, reinavam violentos entre as victimas do mortido sentimento musulmano.

E o interessante é que os proprios costumes favoreciam as tentativas de infracção á rigidez observante dos deveres do conjungo.

Como sempre sahissen vestidas, uniformemente de preto e ve'adas, era impossivel, mesmo aos mais argutos observadores distinguirem uma dama de outra. Assim certa dona, a pretexto de ir á igreja, facilmente marcava entrevistas sem recear ser reconhecida. Era por isto que o pessoal feminino carioca esperava anciosamente a occurrencia das festas de igreja "unico ensejo em que podia vingar-se do excessivo ciume marital e da contenção em que vivia".

Logo após as ladainhas quando um frade subia ao pulpito pregar o que ninguem queria ouvir notava-se que a multidão de ouvintes, de ambos os sexos, misturados

livremente, pensava muito mais em combinar encontros frascarios do que escutar homilias.

Accrescia ainda favoravel circumstancia: confiavam os maridos tola e totalmente na fidelidade guardiã das damas de companhia de suas mulheres, das velhas duenhãs e estas quasi sempre eram as confidentes de suas vigiadas patrões.

“Assim, pois, mau grado ferrolhos, grades, duenhãs e a vigilancia severa dos maridos, não havia cidade no mundo como o Rio de Janeiro onde as mulheres tivessem maior somma de facilidades, exactamente graças aos costumes e meios inventados e empregados para lhes impedir a prevaricação”.

Jactancioso, gaba-se o nosso de La Flotte de que durante uma destas festas de igreja cuja duração fora de oito dias, varios officiaes de sua armada receberam “convites encantadores”.

Nada mais justo aliás. Como poderiam estas generosas donas apreciar os homens de sua nação “sujeitos baixotes, quasi sempre de tez azeitonada, casmurros, arrogantes, incapazes de demonstrar aquellas maneiras cortezes que differenciam os homens educados dos vulgares muito embora entre estes occurressem honrosas excepções?

Nada mais natural do que esta aversão a taes typos, cujo processos de namoro infindavel duravam varios annos acompanhados pelo som triste da guitarra.

Como não desprezariam as cariocas a paixão de semelhantes sujeitos contrapondo-lhe as manobras insi-

nuantes e polidas dos estrangeiros, feitiço que lhes espicava a vaidade; rapazes que lhes cantavam os encantos num tom muito acima daquillo com que jámais haviam podido conceber e sonhar?

Proseguindo nesta ordem de considerações, e de fanfarronadas amorosas, relata-nos o nosso navegante que os fluminenses tinham verdadeiro terror do humor *entrepreneur* de seus visitantes francezes.

“Quero terminar apresentando um exemplo bem curioso do ciúme dos portuguezes e de seu odio contra os nossos francezes, cuja concurrencia, em materia de galanteios, temem prodigiosamente.

O governador da cidade, homem educado nas normas de polidez das côrtes europeas, e conhecedor do código que rege a gente bem educada, quiz retribuir ao general francez uma festa que este dera á gente mais graduada da cidade.

Assim offereceu a toda a nossa officialidade esplendida ceia seguida de baile.

Qual não foi porém a nossa surpresa, quando, ao chegar num salão magnificamente illuminado, onde ressoava a melhor musica, apenas vimos uma multidão de portuguezes e nem uma unica senhora! Compreende-se bem que em taes condições não podia haver baile alegre nem danças animadas.

“Tres ou quatro marmanjos envergando roupás femininas faziam de pares para aquelles que queriam prestar-se a esta ridicula mascarada”.

Estavam os francezes pasmos de semelhante occurrencia. Souberam então que de balde convidara o Governador numerosissimas senhoras da cidade. Os maridos, inflexivelmente, se haviam opposto a que a palacio fossem as queridas metades.

Pretende de La Flotte que o Governador de então José Antonio Freire de Andrada, substituto eventual do irmão, Gomes Freire de Andrada, apresentou a seus hospedes sentidissimas excusas explicando-lhes "quanto elle proprio se sentia mortificado por ter de viver entre taes homens".

Era o caso porém de se lhe fazer ingenua pergunta: como explicaria a presença dos taes bailarinos *camouflés*, este fidalgo acostumado ao refino das côrtes européas?

Julgava de La Flotte abrir os olhos aos que visitavam o Rio de Janeiro dando-lhes o mais prudente conselho. Nada de facilidades...

"Se um estrangeiro tem qualquer aventura com uma mulher e esta venha a descobrir-se não ha recurso de que os Portuguezes não lancem mão para punirem, pela morte, o temerario amante.

Quasi todos saem embuçados e de chapéu desabado e sempre armados de uma adaga que é uma especie de punhal.

"Graças a este rebuço uniforme commiettem impunemente assassinios. Assim estavamos sempre alerta e sem as precauções que a prudencia nos obrigava a tomar

varios dentre nós teriam sido victimas do crime e da vingança dos portuguezes”.

Ficassem os audazes representantes da galanteria franceza certos de que, de um momento para outro, poderia surgir o perigo descripto por um poetaastro seu compatriota, algo precursor do futurismo de nossos dias em seus processos metricos.

*Mai quel monstre s'avance, au teint sombre et livide?
Il semble fixer mon amante!*

*Dieux! un poignard dans ses mains étincelle
Quels lugubres regards il a lancés sur nous
Rien ne l'émeut, ni la beauté.
Ni la candeur: ce monstre est sans pitié
C'en est fait! mon bonheur a passé comme un songe!*

Tão impressionado ficou o nosso Leonardo com as ameaças dos Othelos indigenas que não cremos se haja animado a tentar uma investida desmoralizadora das pretenções maritaeas cariocas.

Assim diz: “as portuguezas do Rio de Janeiro me pareceram em geral notavelmente alvas e de donoso porte. Têm bellos cabellos castanhos, olhos negros e grandes, em seu rosto se estampa esta como que langorosidade que aos seus admiradores prenuncia mediocre pendor pela crueldade.

Brandas lhes são as maneiras, mostram-se affaveis, sobretudo para com os estrangeiros a quem apaixonadamente amam (sic!).

E' comtudo perigoso incutir-lhes o ciuime. São então capazes dos maiores disparates".

Afinal resolveu-se o Conde de Aché proseguir na interminia viagem oceanica que duraria um anno, de França a Pondichéry, demora de funestos resultados, como dissemos.

Ao largar das aguas da Guanabara desferiu o nosso de La Flotte a classicissima flecha do partha contra aquella terra de maridos, tremendos ciumentos.

E a carregou da peçonha demonstrativa do desapontamento nascido da desillusão das pretensões donjuavescas.

Acabaria o artigo consagrado ao Rio de Janeiro por uma observação geral: "poucos motivos tivemos de gratidão aos portuguezes mas muitos ás suas mulheres".

Terá o observador judicioso, porém, estamos certos, mil razões de oppor embargos, summamente scepticos, a esta affirmação depreciadora dos creditos virtuosos das cariocas setecentistas.

Basta que medite sobre as proprias palavras do nosso anacreontico viajante, dos temores que elle reflecte a relatar os perigos do desencadeamento do velho ciuime luso-ismaelita.

E depois basta ainda que reflecta quanto numa cidadezinha de suas cincoenta mil almas, onde havia metade de população escrava e africana, era difficil escapar

alguem á vigilancia mutua, exacerbadissima, como o proprio reparador nos inculca.

Outro obice enorme difficultava as empresas do galanteio francez: a disparidade das linguas. Haveria naquella época tres senhoras cariocas que comprehendessem o francez. Quantas que soubessem ler e escrever a propria lingua?

Conta-nos o Visconde de S. Leopoldo que, em fins do seculo XVIII, em toda a capitania de S. Paulo se conhecia uma unica pessoa capaz de entender o francez falado: um ecclesiastico, seu professor!

Ora, por outro lado, os companheiros de viagem do Sr. de La Flotte certamente não se exprimiam em nossa lingua.

Assim quer nos parecer que a gabolice do moço official se refere ás conquistas faceis feitas pelos seus patrios nas camadas sociaes servis, pobres escravas ou meras profissionaes de baixo coturno, desenfado habitual da marujada e da soldadesca. Ou entre as livres de condição muito modesta como aquellas a quem nas Antilhas chamavam *petites blanches*.

Em todo o caso se algum official do Sr. de Lally alcançou as boas graças de alguma carioca mais desenvolta, a proclamação do arriscação triumpho não é das cousas que documentam a gentileza da galanteria classica da raça franca.

Le premier devoir d'un amant est d'être heureux et de se taire, reza o velho brocardo, regra primordial do codigo heuroso das côrtes de amor.

Mesmo porque a indiscreção lhe seria contraproducente, no decurso da carreira lovelaciana, recommendava o mesmo poetastro acima citado:

*Vous qui prétendez plaire aux femmes
D'un orgueil indiscret évitez les excès
Avec art conduisez vos trames
Et taisez-vous sur vos premiers succès.*

Sim, porque do templo de Cythera; com effeito:

*Un voile officieux en forme le pourpris
Sur l'autel de la jouissance
En lettres d'or ces deux mots sont écrits
Félicité! Silence!*

A transgredir gravemente o código do cavalheirismo da galanteria não pensava o Sr. de La Flotte senão em dar expansão aos sentimentos rancorosos de sua decepção profunda.

Julgara desembarcar em Cythera e cahira no reino do Ciúme e da Vingança!

Assim, para nós, a sua gabolice não vale muito, repetimol-o. Não é senão a mesma que Loti assignala entre os muitos idiotas que em Constantinopla se gabam de haver conquistado as turcas, as legítimas turcas, quando não foram senão explorados por infectas levantinas, de Pera e de Galata, *camouflées* de ottomanas.

Curioso é que deixando o Rio de Janeiro começou o Sr. de La Flotte a ser, em suas notas de viagem, incomparavelmente mais casto e quasi sempre, pelo menos, pudico. E no entanto visitara regiões que não passam, de todo, por terem costumes castos: a Índia e a China.

Singular feição de espirito e singular reviravolta...

Era no Rio de Janeiro que elle teimara em encontrar a Ilha dos Amores e como redondamente se enganara como que a decepção o irritou levando-o a não mais cogitar de assumptos eroticos. Assim por exemplo já na ilha de Bourbon annota: "o bello sexo aqui é tão amavel quanto virtuoso".

O que de sua participação nas operações de guerra na campanha da Índia relata o nosso de La Flotte é de bem mediocre interesse.

Assistiu ao combate naval de Gudalur, a 29 de Abril de 1758, em que o Conde d'Aché repelliu a esquadra do almirante Pocok e a 30 do mesmo mez desembarcou em Pondichéry, principal baluarte do poderio francez na Índia. Tomou parte, logo, no cerco do grande forte de S. David onde os inglezes, passado um mez de resistencia, capitularam ante Lally.

A este general critica por não haver logo atacado Madrastra, a grande metropole britannica da India. Perdeu precioso tempo em sitiar Tájaur, de onde se retirou após infructifero cerco. Serviu depois de La Flotte na campanha que tardiamente encetou Lally contra Madrastra, em Dezembro de 1750, e que depois de grandes em-

bates e severas perdas, de um e outro lado, acabou pela retirada dos francezes.

De ma' a peor iam para estes as operações de guerra. O chefe de que precisaria o exercitozinho de Luiz XV, no dizer do nosso viajante, era o Conde de Bussy, homem da maior capacidade e pratica da guerra na India, onde havia dado sobejas provas do mais alto valor, lutando com forças insufficientes contra inimigos muito mais poderosos.

Seguiu de La Flotte, numa columna do Cavalheiro de Crillon, a operar uma diversão na zona de Cheringham. Neste lugar, quasi morreu o nosso amoroso desapontado do Rio de Janeiro, de malaria, o que o fez voltar a Pondichéry carregado em réde. Ali chegou depois de correr os maiores riscos, ao atravessar uma zona infestada de bandidos inexoraveis para com os brancos.

Perdera Lally, contemporanea, e successivamente, todos os postos avançados de Pondichéry. Apoderaram-se os inglezes de Alamparvé, Karikal e Chalembon. Neste ultimo lugar cahiu de La Flotte prisioneiro.

Assim, não assistiu ás peripecias do cerco de Pondichéry bravamente defendida pelo desastrado Lally, que afinal teve de capitular a 16 de Janeiro de 1761, após a mais heroica resistencia. Estava arruinado o poderio francez na India...

Muito bem tratado pelos inglezes, arranjou o nosso de La Flotte até que o embarcassem no "Pocock" de rota para a China, pois desejava, immenso, aproveitar a

ocasião para ver um pouco daquella paiz exotico e "conhecer aquella gente exquisita que lá vivia".

Interessou-se muito pela viagem através do archipelago de Nicobar e o estreito da Sonda até Macau, onde chegou a 19 de Agosto de 1760.

Dois cavalheiros inglezes gentilmente se offereceram a leval-o a Cantão. Desta grande cidade dá-nos impressões sobremodo mediocres. Referencias faz mas muito summarias ás cousas do capitulo que tanto o haviam interessado no Brasil. E tudo de modo recatado... Singular viravolta...

A 8 de Janeiro de 1761, sahio de Wampoa, sempre numa esquadilha ingleza, de cinco naus, que, dez dias mais tarde, passava á vista das Philippinas, após haver supportado mar terrivelmente grosso.

Na costa da ilha de Xolo naufragou a capitanea britannica que se abrira sobre um barco coralifero.

Neste ponto, a violencia do mar fez com que o "Peacock" abalroasse outra nau da flotilha, o "Oxford", quasi perecendo ambos.

Foi um momento terrivel, ainda aggravado por serio começo de incendio irrupto a bordo do navio de La Flotte e difficilmente extinto.

Resolveu o commandante desembarcar na capital da Ilha de Xolo onde se demorou oito dias.

Discretamente continua o nosso viajante a calar-se a proposito daquellas questões que sabemos, numa terra onde tudo nos indica poderem os costumes ter-lhe proporcionado grandes ensanchas de triumpho,

Conta-nos que o Sultão de Xolo ficou satisfeitissimo com um presente do commodoro inglez: certa peça de panno escarlate, seis facas, uma espingarda e um espelho. Este ultimo objecto deslumbrou o tal soberano, seus ministros e cortezãos. Riram-se a morrer da apreciação das proprias caretas e esgares.

E tão satisfeito ficou o Sultão que mandou chamar todo o seu harem, doze mulheres cujo vestuario era apenas constituído por aquillo que o pudor indispensavelmente exige. Tinham algumas a pelle quasi branca e em geral o rosto de assaz agradável aspecto.

Mostraram-se muito surpresas ao avistarem os estrangeiros. Causou-lhes o espelho o mais vivo espanto. Quando o Sultão ordenou que se retirassem deram signal de que muito a contra gosto obedeciam.

Logo após, offerencia o regulo a seus hospedes "o mais delicioso chocolate jámais tomado em minha vida", affirma o nosso francez.

Deixando Xolo, navegaram os inglezes através dos mares perigosissimos do estreito de Macassar, avistaram Borneo, Celebes e as Molucas. Depois de uma parada de dois dias, na ilha de Cumbava, attingiram, sem accidente algum, as aguas livres do Oceano Indico.

Cinco mezes e meio! navegaram sem ver outra cousa que não fosse ceo e mar. Quinze dias perderam em tentativas para dobrar o cabo da Boa Esperança. Afina' puderam vencer-lhe as classicas tormentas para, logo depois, attingirem Santa Helena. Seis semanas esteve de La Fiotte naquella ilha que ainda naçã tinha de famosa.

Coube-lhe ali o grande desgosto de ver prisioneiros Lally e seu estado maior, a quem, aliás, no mais bello "fair play", tratavam os inglezes com a maior deferencia e gentileza.

Chegou o governador da ilha a offerecer ao heroico vencido de Pondichéry uma recepção de grande gala.

Afinal chegou de La Flotte á Inglaterra, onde, após alguns dias de permanencia em Londres, partiu para Calais, em virtude de troca effectuada de officiaes prisioneiros.

Ao terminar o seu relato desinteressante de aventuras, conta que durante a sua estada entre os inimigos soffrera, "graças a uns tantos modos, por demais presumptuosos de certa gente como aliás existia entre todos os povos. Aquella a quem em França se dava o qualificativo de gascões".

A segunda parte dos *Essais historiques sur l'Inde* consta de uma *Descripção da Costa de Coromandel*, succinta e muito mediocre, e de um discurso sobre a Religião dos hindús.

Havia ali o mais vasto campo para dar largas áquella tendencia de espirito que entendera expandir no Rio de Janeiro. Mas qual! fala-nos do "indecoroso culto do Lingam — e seu "infame idolo" adorado em innumerous pagodes, cheios desta "horriavel figura", cujos devotos preferiam perder a fortuna e até a vida a ter de se separar do indigno objecto de sua piedade".

Ao expor então aos seus leitores o que sabia da opinião dos hindús sobre o paraíso serviu-se o nosso pudico de *La Flotte* de termos velados e em certo momento cae em reticencias: "o leitor me relevará silenciar aqui o traço característico mais infame da tradição dos hindús".

Emfim, toda a parte relativa á India, onde o nosso autor descreve os costumes dos povos da grande península e, sobretudo, as cerimoniaes nupçiaes das suas diversas seitas, pode ser lida pelos leitores amigos do recato.

III

Uma fraqueza de caracter do autor. O fim tragico de Lally-Tollendal. Echos da passagem da grande esquadra de Lally Tollendal pelo Rio. Correspondencia das altas autoridades. O temor dos fluminenses e dos seus governantes. Correspondencia com a Côrte a proposito da presença da frota do Conde d'Aché na Guanabara.

UMA fraqueza do visitante do Rio de Janeiro, cujo relato analysámos, é haver silenciado o triste fim de seu antigo general, quando, pela logica natural da narração, era levado a commentar tal caso, pois imprimiu os seus *Ensaíos*, em 1769, assaz longo tempo após o tragico facto de 9 de Maio de 1766.

Prisioneiro por algum tempo, na Torre de Londres, soube Lally-Tollendal que em França os seus inimigos lhe moviam terrivel campanha diffamatoria.

Obteve então do governo inglez que o deixasse partir sob palavra, para se defender.

A inteireza de character, a probidade e rispidez contra os concussionarios da India lhe haviam creado mil adversarios que agora reclamavam vingança.

Durante um anno debalde pediu justiça perante o inepto e "virtuoso" Luiz XV. Soube por amigos que contra elle fôra expedida uma *lettre de cachet*; os amigos aconselharam-no a que fugisse de França. Respondeu-lhes apresentando-se, voluntariamente, preso na Bastilha.

Após dezenove mezes em que janais foi interrogado, contra elle começou o mais terrivel processo, dirigido pelo presidente Maupeou, typo execrando do juiz subordinado, totalmente, pela subserviencia, ás ordens dos governos.

Cento e sessenta eram os itens da accusação, duzentas as testemunhas arroladas.

Em vão protestou o accusado contra a incompetencia do fôro em que era processado. Reclamava em altos brados conselho de guerra. Tudo debalde!

A principio mostrou-se Maupeou indulgente para com o heroico capitulante de Pondichéry. Mas quando o governo ordenou que mudasse de attitude procedeu com o ultimo rigor para com o infeliz, que, a 6 de Maio de 1766, passados dois annos do mais agitado processo semi-clandestino, foi condemnado á pena ultima, como "reo de traição dos interesses regios", embora reconhecesse o tribunal que eram falsas as accusações de concussão e alta traição contra elle irrogadas.

De Maupeou, algum tempo depois se diria e toda a França o repetiria.

*Il comptait pour jours perdus
Tous ceux qu'il passait sans mal faire
Mais le coquin n'en perdait guère...*

Ao ouvir a sentença exclamou o soldado de Fontenoy e da India, a mostrar as cãs e as numerosas cicatrizes provenientes dos campos de batalha: "Eis a recompensa de cincoenta e cinco annos de serviços"!

Desvairado, tentou no proprio recinto do tribunal suicidar-se com um compasso mathematico com que se feriu fundamente, mas voltando a si, resignou-se ao seu tragico destino.

Enquanto isto parentes e amigos assediavam a Luiz XV, e de todos os modos. Mas o monarcha, digno soberano de Maupeou, recusou formalmente agraciar o vencido de Pondichéry. A muito custo lhe concedeu um prazo de tres dias a fim de preparar-se para a morte.

Indignada repetia a opinião publica vehemente a pungentissima frase de d'Alembert: "qualquer pessoa em França tem o direito de matar Lally excepto o carrasco!"

— Eis um assassinato, praticado com o gladio da Justiça, clamava Voltaire, do seu lado.

De nada valeram tão altos e eloquentes brados.

Levado ao local do supplicio — na Praça da Grève em Paris, num carrinho — e amordaçado — parecia destarte que os seus ininigos queriam requintar de per-

versidade infligindo mil e uma humilhações, as mais penosas, a um homem que tinha o pundonor do fidalgo e do soldado leal.

Dizem-lhe os biographos que depois de subir firmemente a escada do cadafalso tendo como unico consolador o virtuoso cura da parochia de São Luiz da Ilha mostrou aos numerosos assistentes de seu supplicio a mordaza, para lhes significar a impossibilidade de falar. Levantou depois os olhos ao ceu, ultimo protesto de sua innocencia, e sem a menor vacillação entregou-se ao carasco.

Ficou a opinião publica horrorizada com o facto e conta-se que o proprio Luiz XV manifestou pouco tempo mais tarde o pesar de sua inclemencia pertinaz.

Em 1773 encetou Voltaire forte campanha em prol da rehabilitação de Lally-Tollendal. Retomou-a, em 1778, quando já morrera o dynasta do *Parc-aux-cerfs*. E se fôra a enterrar, á noite e quasi clandestinamente em Saint Denis.

Sobre o feretro do execrando rei, como se sabe, encarniçou-se a pratica dos ensinamentos de sua propria e celebre philosophia do *Aprés moi de déluge*, sob a forma das vaias e das pedradas dos camponezes.

Um filho natural, legitimado, de Lally-Tollendal valeu-se da campanha de Voltaire e teve a recompensa dos esforços ardentes e generosissimos. Conseguiu afinal, em 1778, a cassação do julgamento do tribunal presidido por Maupeou.

Desde 1774, aliás, que com a morte de Luiz XV fôra o pessimo magistrado exilado da Côrte onde nunca mais o deixaram pisar. Falleceu em 1792, em vespêras do Terror, que provavelmente mandaria á guilhotina o velho cortezão da du Barry e lacaio de seu "La France".

Naturalmente, o nosso de La Flotte, com o seu livro impresso em 1769, não poderia ter falado de todos estes acontecimentos.

Mas é pouco edificante que nenhuma palavra haja consagrado ao tristissimo fim do seu heroico chefe a quem jamais ousou elogiar no decurso do trabalho. Nem para lhe reconhecer o que ninguem jamais lhe contestara: a bravura...

Prudens in loquendo tardus est diria de si para si. Estava Maupeou então nos galarins... Uma segunda edição viria sempre a tempo, para o concerto do caso, sempre a tempo, bem entendido, depois que o abominavel chanceller cahisse ou perdesse a protecção da rameira, patroa do negrinho Zamora...

Digamos, porém, em abono do viajante que se não encontrou um só elogio para o misero Lally-Tollendal; tambem, ligeiramente, apenas, lhe verberou as medidas militares. Mas, seja como fôr, não fez *fair play*...

Emquanto assim procedia desfechava pancadaria grossa na moralidade das cariocas, das cariocas cerberizadas pelos othelos seus maridos...

Emfim no julgamento das opiniões e sentimentos do Sr. de La Flotte procuremos agir com a maxima imparcialidade examinando todos os seus elementos de defesa.

E um dos mais fortes é, a nosso ver, a documentação que se apresenta em annexo ao seu livro a *Approvaçãõ* do volume per *Monseigneur le Chancellier Garde des Sceaux de France*, sem a qual elle não teria obtido o *Imprimatur* de 21 de Junho de 1769.

E quem é este *Monseigneur le Chancellier*? Simplesmente o odioso algoz do pobre Lally-Tollendal.

Tinha o nosso autor, para poder publicar o seu livro, de entregar quatro volumes: "*deux Exemplaires dans notre Bibliothèque publique, un dans celle de notre chateau du Louvre et un dans celle du dudit sieur de Maupeou; le tout à peine de nullité des Presentes*" (sc. *lettres de privilège royal*) dizia o Rei.

Assim, tratando-se de uma obra que cuidava tão de perto da campanha do infeliz defensor de Pondichery tudo ros faz crer que o perverso Maupeou haja lido e com attenção os originacs do Sr. de La Flotte.

E os tenha rigorosamente censurado... Dahi a singular e aparentemente exquisita ausencia de comentarios do autor sobre a personalidade e os actos do mallogrado chefe.

Demonstra a nossa documentação brasileira a inopia informativa do livrinho do Sr. de La Flotte.

Diversos papeis, sobretudo interessantes, completam o historico da passagem da esquadra do Conde d'Aché e de Lally-Tollendal pelo Rio de Janeiro.

A 17 de Agosto de 1757 escrevia o Desembargador Agostinho Felix dos Santos Campello, fazendo vezes de chanceller do Tribunal da Relação do Rio, a Thomé da

Costa Côrte Real, expondo-lhe o sobresalto enorme causado pela inesperada chegada da esquadra franceza á Guanabara.

Estava a frota de Lisboa de verga d'alto quando ella apparecera barra a dentro. Não seria conveniente que zarpassse ante a hypothese de sua tomada pelos estrangeiros?

Por outro lado eram miseraveis os recursos da defeza da praça fluminense e não se devia diminuil-os á vista do tão formidavel armamento de d'Aché e Lally.

O que a todos alarmava era a possibilidade da reincidencia do caso de Duguay Trouin. Não estava Portugal em guerra com a França, mas como satellite da politica ingleza, não podia ser bem visto pelo governo de Luiz XV. Verdadeiro alarme reinava na cidade.

Suavam frio as autoridades e a população fluminense que atravessaram dias do mais intenso sobresalto.

Vejam, porém, os proprios termos da carta do desembargador:

“Participo a Vossa Excellencia que entrando neste porto, por causa de doenças, uma esquadra de naus francezas, tres grandes e quatro pequenas, com uma preza ingleza, sentiram mal desta arribada não só o povo desta cidade, mais ainda o commandante da frota, e o Tenente Coronel Patricio Manoel de Figueiredo, que, por ausencia de José Antonio Freire nas Minas, se achava governando as armas.

Passados poucos dias depois da entrada das mesmas naus se entrou a pôr em duvida se era ou não conve-

niente que a frota sahisse, maiormente quando constava pela declaração dos mesmos francezes, que a sua esquadra se compunha de quinze navios de que esperavam os restantes".

Era natural que ante a gravidade das circumstancias deliberassem as maiores autoridades das praças militares, civis e ecclesiasticas, sobre a attitude a observar. Foi o que fez o Coronel Figueiredo que no entanto não tardaria a esbarrar ante as criticas invenciveis do pragmatismo do protocollo dos 'oleirões que não cede nenhuma pretenções mesmo em momento de *salus populi*.

"E determinando propor o Governador essa questão em uma Junta para que convidou o Bispo, o Provedor da Fazenda, Camara e Officiaes de patente das duas naus Capitania e *Lampadosa*, me convocou tambem a mim por carta a que quizesse assistir com toda a Relação á mesma Junta, não me declarando a materia que nella se intentava tratar e só que era para negocio muito importante ao serviço de Sua Magestade e que participando ao Chanceller proprietario, assentamos que a Relação não podia ajuntar-se nem deliberar fóra do seu Tribunal.

E respondendo ao Governador nesta conformidade accrescentava que por não se faltar ao serviço de El-Rei poderia chamar a imitação do que se pratica na Bahia, aquelles Ministros que formam as juntas, a que se dá o nome de Conselho da Fazenda, que são os dois Aggravistas mais antigos, Juiz e Procurader da Corôa com o quaes os Vice-Reis costumam resolver na forma do seu

Regimento e varias ordens as materias extraordinarias que se offerecem”.

Menos vaidoso do que este juiz ultra praxista accceitou o Coronel Figueiredo o alvitre.

“Accomodou-se a este parecer o Governador e fomos com effeito a dita Junta os dois Desembargadores que viemos da Bahia como mais antigo dos Aggravos o Procurador da Corôa João Cardoso de Azevedo e em logar de Juiz da mesma, impedido por doente, o Desembargador Ignacio da Cunha Thoar”.

Nella se propoz finalmente a demora da Frota, pedindo-a os moradores desta cidade por uma petição que se leu na dita Junta, e votando-se na materia se resolveu, por pluralidade de votos, se devia demorar até se fizessem alguns reparos nas fortalezas, e se haver resposta do Governador José Antomo Freire a quem logo se faria aviso, como já se havia feito da arribada destas naus; sendo os principaes fundamentos desta resolução, o grande poder de tropas de desembarque e officiaes maiores com que estavam os francezes, a total falta de defenza em que se achava a terra”.

E depois guardavam os estrangeiros estranho sigi'o sobre o destino de sua armaça respondendo ambigualmente ás interpellações que se lhes fazia.

Assim dizia o Desembargador: notara-se nesta gente algumas variedades de respostas sobre o seu destino e algumas especulações suspeitosas sobre a partida, forças e estado da Frota, que davam bastantes motivos a proceder-se com todas as prudentes cautelas para conter em

respeito, e observar os movimentos desta esquadra em quanto aqui se detivesse, não obstante o pretexto de hospitalidade com que aqui entrara: o que tudo melhor constará a Vossa Excellencia do termo da Junta que lhe será remettido pela Repartição a que cabe”.

Muito mais pormenorizada é outra carta ao mesmo Côrte Real pelo Governador e Commandante das Armas do Rio de Janeiro Patricio Manoel de Figueiredo, substituto eventual de José Antonio Freire de Andrade, já por sua vez substituto interino de seu irmão o illustre Gomes Freire de Andrada.

Por esta carta se vê que antes de entrar á nossa barra estivera d’Achê em aguas da Ilha Grande de onde polidamente mandara pedir a permissão do Governador portuguez para ancorar na Guanabara.

Relata o officio de Patricio Figueiredo pormenores curiosos relativos ao panico causado entre os fluminenses pelos boatos de que a sua cidade ia ser occupada por Lally.

São estas as palavras do Commandante das Armas: Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

No dia doze de Julho, achando-se na Capitania das Minas Geraes o Governador interino José Antonio Freire de Andrade, recebi una carta que escrevia a este Governo o General Conde d’Achê, Commandante de una esquadra de El-Rei de França, que pedia ser soccorrida na Ilha Grande como Vossa Excellencia verá da copia n., e conforme as ordens de Sua Magestade respondi com a do n. 2.

Com effeito recebendo a minha carta mandou pedir ao Commandante da Ilha Grande me encaminhasse por terra a resposta que faria a ella, que é a do numero 3, avisando-me que virha ancorar neste porto com duas naus de setenta e quatro canhões, e quatro navios nomeados de transportes que um é de sessenta, e outro de cincoenta e quatro; e fazendo destacar um dos referidos navios me antecipou, por mar, o mesmo aviso que me entregou o Major das suas ordens no dia 23, poucas horas antes de seu arribo; e requerendo-me o dito Major o Intendente Geral da esquadra paragem onde podessem lançar em terra os escorbuticos, lhe destinei da outra banda a praia de S. Domingos, e que os navios dessem fundo fronteiros a Cidade e ao mesmo sitio, attendendo que a dita esquadra não devia ancorar no boqueirão, junto á Ilha das Cobras, envolvida com a Frota e menos perto da fortaleza de Santa Cruz, junto ao Sacco da Boa Viagem que tem communicação com a montanha que a domina".

A noticia da proxima chegada da frota de Luiz XV provocára logo a tomada de medidas de prudencia, muito de accordo com as praxes do tempo mesmo entre povos em completa harmonia de relações.

"Tendo noticia do dito arribo o Commandante da frota, Manoel de Mendonça Silva, mandou logo, na noite antecedente, safar a nau do comboio e na manhã seguinte, 23 de Julho, fez conduzir em carros, para a casa da moeda, os cofres do cabedal de ouro e prata que havia recebido do commercio.

Esta disposição, assim, causou nesta Cidade tal susto e confusão, que fez persuadir a maior parte dos moradores del'a que o destino da dita esquadra se encaminhava a apresar a Frota ou a invadir a Cidade.

Nesta consideração e a de se achar esta praça sem a sua precisa defensão, fui requerido a convocar uma Junta na mesma manhã, na qual se assentou o que consta do termo n. 4, e em virtude delle fiz prover as fortalezas de gente e munições, e montar em quasi todas maior numero de peças e ordenar o que se devia obrar se os Francezes commettessem alguma surpresa, como entenderam todos geralmente por se fazer logo publico que traziam Regimentos de desembarque em 36 Companhias de infantaria e dragões, com muita nobreza da França, e se contavam com effeito entre ella por mais distinctos, 26 cavalleiros de Malta, 6 Condes, 2 Marquezes, e um Cavalheiro da grande Casa Memoranci (sic), e hoje de Condé, com um General de terra”.

Passara-se a primeira semana sem que se justificassem as graves apprehensões geraes.

“Depois de 7 dias ancorada neste porto a dita esquadra, fui obrigado segunda vez a convocar nova Junta a requerimento dos mesmos moradores, como melhor consta do termo n. 5.

Doze dias depois de entrarem os navios da esquadra, intentou fazer um tambem de 74 canhões, que se havia apartado della, e tanta força fez para entrar, que foi preciso atirar-lhe a fortaleza de Santa Cruz da barra,

dois tiros com bala por não obedecer e outros dois, com que lhe fez signal de dar fundo, e, não podendo o General de terra e o Conde d'Aché, Commandante do mar, conseguir que ella entrasse, antes que fizesse Viagem para a Ilha Grande aonde se acha a salvamento, me escreveu o dito General a carta n. 6 incluindo-me a do numero 7, que lhe havia escripto o mesmo d'Aché em que me protestava a perda do dito navio, a que respondi com a de numero 8".

Queixava-se Figueiredo da deslealdade do Almirante francez.

"O Conde d'Aché me remetteu para se ver em una Junta o manifesto incluso numero 9, e a resposta a elle e a do numero 10, que remetto tambem para que Vossa Excellencia seja inteirado do que tem havido nesta arribada, faltando ao Commandante a tudo quanto assentaram commigo seus Emissarios, como declaro na ultima resposta.

Pe:a Conta do Governador interino, que já se acha nesta cidade de volta das Minas, de onde chegou no dia 17 do corrente, será Vossa Excellencia informado do mais que tem occorrido nesta materia.

A pessoa de Vossa Excellencia Guarde Deus muitos annos.

Rio de Janeiro, 19 de Agosto de mil setecentos cincoenta e sete. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Thomé da Costa Côrte Real. — Patricio Manoel de Figueiredo.

Mas muito mais interessante do que estas cartas de militares vem a ser a do Bispo Dr. Frei Antonio do Deserto a Pombal ainda então simples Conde de Oeiras:

“*Illustrissimo e excellentissimo senhor.*

Ainda que com justo receio de molestar a V. Ex. com tão repetida escripta, me pareceu preciso pôr na sua presença que estando a Frota carregada e prompta para partir, e, só lhe faltava acabar de receber o ouro nos cofres, entrou neste porto uma esquadra de seis naus francezas com mais um navio, que tinha apresado aos inglezes, todos armados em guerra e commandados por officiaes de muita honra, entre os quaes se contam vinte maltezes (s. c. cavalleiros de Malta) e muitos soldados da primeira noíreza de França, além de dois generaes, um de mar e outro de terra, ambos com o caracter de Condes.

Pediram urbanamente hospitalidade para poderem curar os muitos doentes que traziam, e aproveitar-se do refresco da terra de que vinham faltos; foram attendidos pelo Governador interino desta praça, não sei se com menos cautela devia, porque para os enfermos destinou logar da outra parte da cidade; onde tambem os soldados são fazem os seus exercicios, e para accommodação do general de terra, que tambem se dizia molestado, e seus officiaes maiores, lhes poz promptas sete moradas de casas nesta cidade, onde se recolheram com todo o desafogo, muito á sua satisfação ficando nas naus o general de mar.

A viva lembrança que conserva este povo, do gravissimo dâmnno causado pela nação franceza, quando no anno de mil e setecentos e onze saquearam esta cidade, os fez advertir que ella não estava em termos de defen- sa, se acaso fosse acommettida e assaltada, porque na praça apenas se achavam trezentos soldados, e esses mes- mos, velhos, e estropeados, as fortalezas estavam de todo desprevenidas, sem terem as peças cavalgadas, nem carretas para isso, sem esplanadas, sem armas, sem gen- te; e o mais é que sem haver uma unica bala de mosque- te, tanto assim que para a fortaleza da Ilha das Cobras, que é a total e unica defesa desta terra foi necessario que o commandante da Frota mandasse da sua nau alguns artilheiros e até preparos para se carregarem as peças.

Este miseravel estado os encheu de tanto pavor, que de todo desconfiaram da fidelidade dos francezes, jul- gando-os capazes de se aproveitarem de uma occasião tão commoda para os seus interesses; olhavam para a força da esquadra e a conheciam poderosa, viravam-se para os seus soldados, e os temião honrados e exercitados e por isso valorosos, lembraram-se do passado exemplo, e se capacitavam da sua infidelidade, observavam-lhes os movimentos, e descobriam o empenho com que estes ho- mens procuravam saber o estado e defesa da terra, e o dia em que havia de partir a frota; e tudo lhes augmen- tava de tal sorte o terror, que os julguei quasi em ter- mos de alguma sublevação.

Clamavam em altas vozes contra a pouca ou nenhuma defesa da terra, estranhavam publicamente a resolução de se dar hospitalidade a semelhante nação em tão terríveis circumstancias e já perdida a razão fizeram algumas descortezias aos mesmos francezes sem distincção de pessoas porém mais bem advertidas tomarão o accôrdo de pedirem ao Governador que demorasse a partida da frota, enquanto se tomavam as medidas e cautelas necessarias para se pôr a cidade capaz de alguma defesa, requerendo que para resolução deste negocio tão importante ao serviço d'El-Rei e de seus fieis vassallos se convocasse uma Junta.

Assim o resolveu o Governador desta praça, convocando para ella alguns ministros da Relação, a Camara, os Capitães de mar e guerra e Capitães-Tenentes, o Provedor da Fazenda Real, e mais alguns officiaes de guerra, que todos foram avisados por uma carta, do Governador, por assim ser conveniente ao serviço de Sua Magestade.

E pelo mesmo fui eu tambem chamado, a que fui com alguma repugnancia; porque no meu pensado retiro em que vivo, procuro ignorar tudo, o que não diz respeito á minha profissão, por me não occasionar os desgostos que me experimentaram outros da minha mesma occupação, e sem esta sciencia não podia ser proficuo o meu voto; mas como na mesma Junta se propoz e declarou o miseravel estado da terra, o que ao depois com mais realidade averigui, me conformei com o voto de

todos os que resolveram que se demorasse a frota, em quanto se preparava a Fortaleza da Ilha das Cobras, e se convocavam os soldados auxiliares para se fortificar a terra, fortalezas e marinha, de sorte que pudesse defender-se.

E assim como eu fui o ultimo em votar, se fosse o primeiro da mesma sorte votaria; porque além de não haver ordem expressa de Sua Magestade para este caso, devia attender ao risco em que estava esta cidade e tambem o da mesma Frota na sua sahida, quando por confissao dos mesmos francezes se sabia que esperavam mais oito naus armadas em guerra, o que comprovou o invento de chegar já huma, maior de todas, que o Governador a não deixou entrar, não obstante as fortes diligencias que fizeram estes Generaes para que os admitissem commettendo para isso varios partidos que todos foram desprezados; e se ordenou que a nau se recolhesse á Ilha Grande onde seria assistida do que lhe fosse necessario.

Esta resolução que com todas as suas circumstancias se tomou por termo, e supponho ha de ser remetida á Vossa Excellencia, foi poderosa para socegar dalguma sorte ao povo; mas não tanto que não continuem e se conservem ainda hoje na sua desconfiança o que foi occasião de publicarem, precedendo alguns avisos secretos de que os Generaes Francezes pretendiam matar ao Governador, Capitaes de mar e guerra e seus officiaes em um banquete, para o qual os tinham convidado,

sendo a sua morte principio de um geral assalto ás fortalezas e cidade.

E porque no dia destinado para o banquete, ou por acaso, ou industria, amanheceram as naus francezas postas em linha, e mais chegadas á terra, fez com que os convidados se acautelassem, e se escuzassem do convite, contentando-se os commandantes das nossas naus com terem já assistido a outro banquete semelhante dado no mar pelo General francez e correspondido pelo commandante de nossa Frota com outro tambem dado na sua nau, do que se sentiram, e queixaram publicamente os taes francezes, julgando-se desattendidos por semelhante acção.

Sucedeu no dia seguinte ao banquete pegar fogo nas casas, em que mora o General francez, de terra, e apenas o toque dos sinos principiou a dar signal para que acudisse o povo, quando este em numerosas turnias concorreram armados á tal casa dos francezes, e em altas vozes os insultaram, chamando-lhes infieis e trahidores, julgando todos ao mesmo tempo, como estivessem fallados, que aquelle fogo fora lançado de proposito e para signal de algum geral assalto ou desembarque!

E já as vozes se percebiam confuzas pela sua multidão, gritando uns que morressem os trahidores, outros que acodissem a marinha, que já nella desembarcavam os francezes armados, finalmente tudo era confusão e principio de uma grande desordem, que certamente aconteceria se este successo, assim como foi a horas do meio

dia, fosse de noite? e comtudo bastante trabalho deu aos Ministros de Sua Magestade, que acudiram a apagar o fogo e fizeram accomodar o povo, sendo para isso necessario que o mesmo que serve de Chanceller acudisse em pessoa.

Por estas casualidades se conserva este povo em tal desconfiança que todos os que tiveram meios e puderam, que sempre são os de maior nota, e riqueza, puzeram as suas familias e cabeças em segurança; e os homens de negocio se abstiveram de metter nos cofres o dinheiro das suas remessas e os que o tinham nelle, o desejavam tirar.

E o mais é que até os mesmos religiosos do Carmo, que têm na sua igreja riquissimas peças de prata, as mandaram todas para fóra da cidade, occultando-as em parte segura, o que fizeram fundados no que com muito segredo, lhes descobriu um religioso, francez, a que hospedaram, que mostra ser de boa nota, que a tal armada vinha destinada para tomar uma cidade, que ignorava qual fosse, mas que sempre era justo que se acantelassem, porque elles vieram em direitura a este porto, e que no seu seguimento vinham mais algumas naus.

Para defenza desta cidade se tem tomado todas as prevenções e medidas possiveis e se espera pelo governador José Antonio Freire, a quem se participou logo o aviso de tudo com todas as circumstancias, as desordens, desconfianças e temores, mais quando a estada da frota os anima que nas circumstancias presentes podia dar um

grande esforço com o seu soccorro; e o que seria se na Junta se tomasse a resolução de que a frota partisse?

Parece que posso seguramente afirmar que os moradores desta cidade preocupados dum terror panico a desamparariam de tudo, pondo em salvo as suas vidas e bens.

É quando pelo contrario quizessem mostrar valor, seria talvez tão barbaro, que obrariam o excesso de matarem aos francezes que pudessem, quando os julgassem mais descuidados, ainda que não tivessem por suas pessoas dado occasião alguma, como até agora não tem dado; porque são civis attenciosos e politicos geralmente, cortejaram a todas as communidades e principaes da terra, e commigo se mostraram excessivos, o que me obrigou a corresponder-lhes, não só visitando-os pessoalmente, mas tambem com alguns refrescos, que pôde dar a terra o que fiz não só em attenção á sua civilidade, mas tambem para mostrar a este povo que mede a'gun credito, que debaixo das cautelas observadas se deve tratar a estes homens com toda a urbanidade não só por serem graves e hospedes, mas tambem para que em nenhum tempo tenham fundamento algum para se queixarem; e parece-me que esta minha instrucção tem produzido bastante effeito.

Chegou finalmente das minas José Antonio Freire e logo mandou lançar um bando no qual impunha penas gravissimas, a quem inquietasse e incomodasse de qual quer sorte aos francezes; e successivamente se publicou outro para a partida da frota, que não sahio no dia de-

terminado no bando, por ter mandado com todo o segredo uma embarcação ao mar montar os cabos, e examinar se apercebiam alguns navios, por cuja resposta espera para mandar partir, ou *deniorar* a frota, como supponho dará parte a Vossa Excellencia.

Como eu fui ouvido nesta materia no voto que dei na Junta me julguei obrigado a dar tambem parte a Vossa Excellencia de tudo o que me pareceu digno de ponderação para Vossa Excellencia se informasse de toda a verdade e viesse no conhecimento dos fundamentos, que tive para fugir aquelle voto. Deus guarde a Vossa Excellencia inuitos annos. Rio de Janeiro, vinte e dois de Agosto de mil setecentos cincoenta e sete.

De Vossa Excellencia mais fiel e reverente capelão Reverendo, Bispo do Rio de Janeiro”.

Taes os mais notaveis écos da passagem pelas aguas da Guanabara, em 1757, da poderosa frota do Conde d'Aché, onde navegava o Sr. de La Flotte, o desapontado conquistador das cariocas de quem longamente tratámos, muito acima dos seus contestabilissimos meritos.

J. G. Semple Lisle
(1797)

I

Semple Lisle personagem pouco conhecido. Os aventureiros no seculo XVIII. A autobiographia de um galé inglez setecentista que veio parar ao Brasil. As primeiras aventuras do intrujão.

LIVRO geralmente muito pouco conhecido de nossa bibliographia veio ter-nos ás mãos, autobiographia de procedencia ingleza: *The life of Major J. G. Semple Lisle, containing a faithful narrative of his alternate vicissitudes of splendour and misfortune, written by himself.*

Não deve certamente o seu autor ter sido dos homens mais modestos deste mundo; já na folha de rosto da obra annuncia que o seu texto está recheado de aneddotas interessantes e relatos authenticos de factos publicos relevantes, de que fôra coparticipante.

E como epigraphie realçadora da curiosidade do leitor applica ao livro o horaciano *aspera multa pertulit, adversis rerum universabilis undis.* Percorrendo as paginas do bello volume, bem impresso, ornado de magnifico retrato do autor, occorreu-nos a idéa de que já houvesse a obra

sido analysada pelo incansavel e eruditissimo explorador da literatura xeno-brasileira: Alfredo de Carvalho, cuja morte tão prematura, no vigor dos annos e do bello talento, foi verdadeira fatalidade para as nossas letras historicas.

E com effeito verificámos que o livro de Semp!e Lisle serviu de assumpto a um dos excellentes estudos do douto pernambucano *Proesas de um degredado inglez*, resumo do que o autor britannico deixou escripto sobre as diversas zonas do Brasil por onde passou.

Começa Alfredo de Carvalho por notar quanto o seculo XVIII foi por excellencia a era em que vicejaram os aventureiros.

E as aventureiras, accrescentamos nós. No proprio livro de Semp!e Lisle teremos o ensejo de nos encontrar com uma das de polpa, das de maior polpa, no mais alto scenario europeu: favorita real, amiga de dynastas, envolvida num dos mais escandalosos processos dos annaes judiarios britannicos, etc.

Vejamos porém os optimos commentarios do escriptor pernambucano a proposito desta feição typica da era ce-fecentista:

“O seculo XVIII foi por excellencia a era dos aventureiros.

E' que, talvez, jámais o ambiente social propiciasse tão singularmente a actividade quasi sempre esteril, destes trefegos personagens, em geral interessantes, apesar de pouco sympathicos.

Sainte Beuve, em uma de suas paginas mais profundamente pensadas, esboçou a *psychologia* destes homens activos, intelligentes, brilhantes, porém todos, mais ou menos amoraes, e sempre desventurados ao par de existencias assignaladas por alternativas oppostas de deslumbrante opulencia e sordida miseria, triumphos culminantes e degradações abjectas.

“Na *mythologia* dos antigos persas, disse o eximio critico francez, o espirito do mal era chamado — “o que diz sempre não”.

Pois bem, na realidade pratica da vida este papel cabe, em grande parte, ao homem de bem.

“Ora, o homem habil, de expedientes, e genio metamorphico, o Mercurio politico, financeiro ou galante, o aventureiro, em uma palavra, jámais diz “não” ás coisas.

Accommoda se a ellas, toma-as de través, parece ás vezes dominal-as e ellas o conduzem, porque elle se lhes entrega e as segue; conduzem-no até onde podem, e se delias tira partido, que lhes importa o fim?

Documentando a sua asserção recorda o autor dos *Estudos pernambucanos* o nome de uma série dos maiores aventureiros do seculo XVIII como Saint Germain, Cagliostro, Bonneval, Trenck, Casanova de Seingalt, Grammont, d'Eon, Marsigli, etc.

E voltando a faiar do nosso analysado typo que figura na galeria dos “menos conhecidos ou mais infelizes”, affirma que este “mallogrado rebento de um nome illus-

tre occultou-se sob o pseudonymo de James George Semple Lisle”.

Onde foi buscar esta asserção não conseguimos verificá-lo.

As quatro edições da *Encyclopedia Britannica* que pudemos consultar nada inserem em seus verbetes relativos ás proesas, á obra, sequer ao nome de Semple Lisle. No grande *Larousse*, no *Nouveau Larousse Illustré*, na *Encyclopedia de Espasa*, em *The Americana*, nada achámos sobre James George Semple Lisle que segundo a propria declaração por vezes repetida era escocoz e montanhez, orgulhava-se de ser caledonio e *highlander*.

Examinou Yan de Almeida Prado, com grande attenção e curiosidade, o volume que teve a gentileza de nos confiar, communicando-nos a sensação que da leitura lhe ficara: é livro de amalucado e impudente mentiroso, se não de notavel fantasista.

Realmente, cabe-nos a impressão de que o autor britannico deve ter sido um desses desequilibrados e desavergonhados a quem não coubera por sorte a integridade dos enormes recursos de energia e intelligencia necessarios para o desempenho do papel que intentara desempenhar.

Entre a gente de sua laia é muito frequente occorrem disparidades que lhes perturbe o curso dos almejadissimos escopos da desapoderada ambição. Obedecem a alternativas de explosividade e retracção, de audacia e receio. Falta-lhes o equilibrio das faculdades indispensavel á continuidade da acção e á conquista do triumpho.

Por traz da audacia do *leading man* que querem ser, surgem a cada passo as tergiversações, as incertezas, as hesitações do *raté*.

Isto quiçá por falta de clareza de espirito, por ausencia daquelles elementos a que philosophicamente compendia o famoso brocardo francez *il ne suffit pas d'être une franche canaille, encore il ne faut pas être un imbécile*.

E depois, para homens que triumpham na carreira por Lisle escolhida, o que sobretudo indispensavel se torna vem a ser a completa obliteração da consciencia, excusado é lembra-lo.

Com elle tal não se deu: incoercivelmente bradava-lhe, de quando em quando, a voz dos sentimentos que não agira bem. E elle, o advertido, tinha a ingenuidade de transportar ao mundo exterior estas exprobrações intimas que o faziam "sangrar-se em saude", como exprime pittorescamente a nossa expressão portugueza.

Não estava bastante empedernido este avertureiro estelionatoario afinal embarcado pe'a justiça da sua terra num comboio de galés, e prostitutas, de *convicts* da Australia. Não eram a impudencia e ainda menos a modestia ou a humildade, como pensa Alfredo de Carvalho, que o levava, já no prefacio de sua autobiographia, a advertir os leitores: "Envergonhado confessa o autor destas memorias que a diversos de seus actos não sómente lhe é impossivel justificar como nem para tanto tem os devidos meios de defesa".

Não era a humildade nem o descaso que lhe dictavam taes palavras e sim a fraqueza, a descontinuidade do tonus de energia. Não conseguia manter o, como lhe exigia uma vida de vio'ento arrastamento para a aventura.

O acaso ou antes o destino decretador das fortes e varias vicissitudes dos homens que pretendem viver como *Semple Lis'e* atirou inesperadamente á costa brasileira o aventureiro britannico, então quasi quadragenario e já mais que "passado por India e Mina", como tão pittoresca e fortemente exprime o velho proloquio lusitano nascido das *Navegações e Conquistas*.

Modesto não o era, de todo, repetimol-o a discordar de *Alfredo de Carvalho*.

Como? se inicia o seu prefacio affirmando: "se fui injustamente calumniado posso garantir que ninguém, como eu, se viu o joguete da *Fortuna*, em existencia cheia de brilhantes lances, em contacto com varios dos maiores potentados do *Globo*, senhor de importantissimos segredos de estado"?

Pretendendo demonstrar que a vida lhe fôra longa série de desgraças, prometia escrever a verdade, só a verdade.

Não era escriptor, hem o sabia, e sim apenas soldado, embora tivesse recebido optima educação.

Se se acostumara, com rapidez, a executar as idéas que lhe acudiam, não tinha a paciencia do estylista, barilador da phrase.

Soldado dos pés á cabeça, reaffirmava, a profissão das armas intensamente o empolgara sempre.

Mas logo depois a voz da consciencia lhe abaixava o diapasão do autoelogio: pedia desculpas aos altos personagens com quem tratara de lhes citar os nomes em suas paginas de reminiscencias, pelo facto de lhes ter estado á ilharga, nos campos de batalha e nas ante-salas cortezãs: "Esperava que nenhum d'elles se envergonharia de se ver mencionado no livro ao lado do autor deste".

E' verdade que tivera de omittir, em diversos relatos, circumstancias de a'ta relevancia, embora para elle pessoalmente honrosissimas. Isto pelo facto de que eram improprias á divulgação por summamente indiscretas.

Mas os leitores lhe desculpariam taes lacunas sabendo quanto elle privara com varios grandes dynastas e fôra seu confidente. Se acaso a vaidade o levara a taes confidencias é que realmente se lhe desvanecera o sentimento de toda e qualquer honra!

Contra elle corriam, impressos, pasquins diversos e desprezibilissimos, cujas palavras não attingiam o nivel de seu desdem. Mas, ameaçava pomposamente, dia talvez viesse em que poderia e saberia recompensar os folicularios inimigos á altura do merito de suas aggressões calumniosamente infames.

Antes de relatarmos o que o aventureiro conta de sua estada no Sul do Brasil, vejamos o que nos narra de suas façanhas na Europa.

Começa o pseudo (?) Semple Lisle a historia de taes proesas referindo-se á sua origem, de modo elegantemente displicente e num tom de aristocrata *mauvais sujet*.

Haviam a tal respeito os seus numerosos inimigos relatado mij invencionices. Não passava de filho de certo lavradorzinho camponio, affirmava um. Não! de um negociante, garantia outro, qual o que! de um ecclesiastico, emendava terceiro. Havia até quem afirmasse que era méro filho das hervas...

"Assim tivesse minha familia tantos motivos de se envergonhar de mim quanto della tenho! que aqui descreveria longa sequella de honrado e virtuoso abolorio! E linhagem que ninguem, de posição, em minha terra, desconhece!"

Emfim não insistiria neste particular, visto como os seus detractores, unanimes, lhe reconheciam bella e completa educação de fidalgo.

E depois, gabava-se, possuia a grande vantagem do excellente physico, da grande actividade, do perfeito conhecimento de todos os exercicios viris do homem educado, do perfeito *gentleman*.

Esgrimista era-o de força; a fundo conhecia a nobre arte de cavalgar, "alegre, orgulhoso e arrogante por natureza. Dahi lhe nascera grande vaidade, causadora principal de suas posteriores infelicidades".

Desde menino fôra precocissimo ameroso, podia citar os prestigiosos nomes de suas amadas, mas seria cruei "expor uma serie de appellidos impollutos ao sopro pestilento da maledicencia".

Nascido em 1759, aos dezeseis annos partira a servir, como militar, na America do Norte, então em vespas da grande convulsão de onde nasceriam os Estados Unidos.

Já em 1776 se batia com os colonos rebelados da Inglaterra e por elles se via aprisionado. Liberto, em 1777, pela columna de Lord Percy, passara a servir sob o governador de Rhode Island, Sir Peter Parker, sendo então ferido nas pernas, motivo pelo qual fora restabelecer-se na Irlanda e depois em Bath.

Ali encontrara a "joven bella e infeliz Sra. Gooch", relação que dentro em breve levaria esta dama, esquecida dos deveres conjugaes, a achar-se além da Mancha em sua companhia, na cidade de Lille.

Haveria ella e muitissimo! de se arrepender da cabeçada, pois aquelle rapazola de dezoito annos já era consummada "bisca".

Para se vingar do que lhe fizera, contra elle escrevera a narrativa desta viagem cytherea, como no tempo ainda se dizia. Nella lhe irrogava as mais graves accusações ao character e ao procedimento sobretudo.

Desculpando-se, contestava-lhe, insultuosamente, o nosso *highlander*, num tom de profunda canalhice, nada fidalgo, e profundamente desabusador da virtude de sua ex-apaixonada. "Taes memorias nem sempre são inteiramente exactas. Por exemplo ha de o leitor sorrir-se, commigo, ao ler a affirmação de Mrs. Gooch quando declara ao narrar o principio de nossa aventura: "Então, só então eu cali"!

Desculpando-se de taes conceitos nada nobres, explicava: precisara assim agir para defender-se, pois contara a ex-amante, a seu respeito, gravissimo caso; certo

duello com um jovem irlandez em que elle e um tal Mr. K... haviam agido do modo mais reprovavel.

Prudentemente não entra o nosso aventureiro em pormenores, mas o que relata dá a entender quanto se tratava de caso cheirando muito a assassinato. Fugira de França, para a Belgica emquanto em Lille lhe moviam e ao tal K... um processo á revelia.

Tão grave que haviam sido ambos condemnados á morte e enforcados em effigie!

Gaba-se o nosso escocez de que sabedor da sentença e de sua proxima execução, fôra de Tournay, onde se mantinha escondido, a Lille, a assistir ao seu enforcamento por antecipação!

Descoberto, e perseguido tenazmente, por um triz lhe deitara a policia franceza o gadanho. Consequira escapar-lhe comtudo para voltar a Tournay. Dali partira para Bruxellas.

Lá passara o anno de 1778, assistindo á rapida campanha de Frederico o Grande contra Maria Teresa, que os allemães chamaram a "Guerra das Batatas", "Kartoffel Krieg".

Em 1779 resolveu Sempie Lisle voltar á patria, onde encontrou "gentil dama", de "finissima educação e familia altamente respeitavel", que neste momento, com sua mãe, pretendia ir a Haya.

Pelo modo de exprimir-se deixa o malandrim entrever que seduziu a rapariga. "Com ella entreteve relações da mais terna natureza que, em pouco tempo, terminaram pelo nosso casamento".

II

Regressa Lisle á Inglaterra. Suas relações com a Duqueza de Kingston. Quem era esta aventureira celebre. Partida de Lisle para a Russia. Estada no imperio moscovita.

VOLTANDO á Inglaterra, a mulher o apresentou a uma das maiores celebridades femininas do tempo, a famosa aventureira Condessa de Bristol, Duqueza de Kingston, Elisabeth Chudleigh, já então quasi sexagenaria e vivendo, faustosamente aliás, da reputação e dos proventos da antiga belleza após agitadissima carreira cortezã.

Se o seculo XVIII era o tempo ideal para os aventureiros de alto estofo, recordemol-o tambem e naturalmente comportava os triumphos das aventureiras, dentre as quaes e na primeira plana figurava esta Isabel Chudleigh.

Mulher de excepcional belleza e intelligentissima, filha de modesto official do exercito e antiga dama da corte da Princeza de Galles, mãe de Jorge III, ficara noiva de um dos maiores nobres da Inglaterra, o Duque de Ha-

milton. Devia desposal-a o lord em 1744, quando de repente lhe constou que ella se casara secretamente com outro nobre, *cadet* de grande casa, a dos Condes de Bristol. Era elle o capitão Hervey por quem se apaixonara. Subitamente porém havendo Hervey partido para as Indias, voltara ella á Côrte, onde dentro em breve fazia enorme figura.

Pobre, gastava immenso, porém. Correu então a fama de que este dinheiro tinha a mais brilhante procedencia: provinha de um bolsinho real! Era o proprio Jorge II, a graciosa majestade do Reino Unido, quem lh'o dava. Terminado o prazo do real capricho passara tal estipendio a ser attribuido a um nobre de grandes recursos: lord Howe. E a outros...

Em 1759, havendo Hervey, com a morte do pre e do irmão, herdado o titulo de Conde de Bristol, e achando-se gravemente enfermo, divulgava Elisabeth o seu casamento tendo em mente poder em tempo opportuno ficar com os opulentos *estates* do marido.

Mas pouco depois lhe apparecia outro admirador muito mais avantajado em bens: o duque de Kingstou, senhor de enorme fortuna. Obtivera então Elisabeth a ruptura do casamento secreto, desposando o duque que, em 1773, lhe deixava a posse de colossal patrimonio.

Fôra então que os sobrinhos do titular a haviam arrastado aos tribunaes, pedindo a annullação do testamento do tio, que nizam falso e captado. A' aventureira accusavam de bigamia.

Ruidosíssimo processo seguiu-se que á opinião ingieza apaixonara, com alternativas das mais graves sentenças.

Assim, em 1776, vira a duqueza surgir um julgado da Alta Corte que, considerando-a captadora e falsificadora do testamento do velho duque, a condemnava a ser ferretada, peio carrasco, na mão direita!

Invocando o privilegio de mulher nobre obtivera porém a annullação de tal sentença e afinal depois de longos e rumorosos tramites a approvação do inquinado testamento.

Era uma mulher temivel esta Elisabeth Chudleigh! Intelligentissima, senhora dos mais variados dotes de seducção, intriga e falsidade, sabia fazer valer as pretensões com a mais notavel habiidade e proficiencia.

Não só na Inglaterra contava as mais prestigiosas relações. Mantinha com numerosas personalidades, das mais illustres e altamente collocadas na Europa, amidades valiosissimas.

Assim era do peito de Frederico o Grande, e a affinidade de espirito, temperamento e processos, a aproximara, muito, da mais poderosa e illustre das aventureiras de seu tempo, Catharina Segunda, da Russia imperatriz famosa, que se não falsificara o testamento do pobre diabo do marido muito provavelmente, e com a maior frescura, ajudara a expedir-o *ad patres*. Se é que lhe não provocara tal expedição, mysteriosa e summaria.

Numerosas affinidades de espirito deveriam existir entre Elisabeth Chudleigh e o nosso joven escocoz que

aliás poderia ser seu neto. Com o tempo chegaria elle talvez a ser seu habilissimo discipulo...

Tal a nova amisade e protecção que conquistara o nosso Lisle.

Aconsellhou-o a Kingston que fosse tentar vida nova na Russia, campo magnifico para rapazes como elle, fortes, novos e audazes, paiz semi-barbaro onde havia admiraveis commissões para gente de sua tempera, onde se ganhava, facilmente, muito dinheiro, desde que se angariasse a protecção de algum valido.

Para lá partiria ella breve, em visita á sua grande amiga Imperatriz Catharina. Seria a sua apresentadora á princeza pobretona de Anhalt-Zerbst, empoleirada num dos maiores thronos do Universo.

Perversamente dá a entender o nosso Lisle que em tuão isto obedecia Elisabeth Chudleigh ás instigações do temperamento vulcanico. Queria companheiro para as viagens e permanencia na Russia, companheiro ja se vê, moço, robusto e bonito.

Não apreciou, pois, de todo a noticia que Lisle lhe deu ao lhe contar que partiria, mas levando consigo a mulher e os filhos.

Quiçá sorrisse ao escocez a esperanza de angariar a amisade especial da galante Catharina, de vir a ser o successor dos Orloff, Potenkin e tantos mais. Valia isto mil vezes mais do que servir de objecto do desfado da quasi sexagenaria Duqueza de Kingston imperiosissima, avida e egoista como raras. Bello sonho! Assim consigo levava a esposa afim de se manter sempre a certa distancia

da Chudleigh. Despacharia depois uma e outra para possivelmente vir a ser o imperador consorte, da mão esquerda, de todas as Russias!

Certo é que a Kingston não apreciou, de modo algum, a idéa da presença da pobre Mrs. Semple Lisle, na Rússia ao lado do rapagão seu marido.

Proseguindo na narrativa de suas façanhas, noticia o escossez que passando pela cidade de Riga, ali promoveu formidável escandalô. Revoltado com os processos "indignos de um official britannico" — de certo Sauvage, official hanoveriano, agente do governo inglez e recrutador de mercenarios para a luta contra os americanos do Norte, deu-lhe tremenda surra, e á mulher, virago que acudira a defender o marido.

Preso então conseguiu reaver a liberdade, graças á influencia de fortes negociantes inglezes de Riga a quem vinha recommendado.

Assim pôde partir para Narva e encontrar-se com a Duqueza de Kingston, enquanto a mulher de Sauvage ia a Petersburgo apresentar queixa a Catharina II. Viagem inutil entre parentheses, pois ali chegara a pobre, em petição de miseria, semi-gelada pelo terrivel frio, então reinante e nada alcançara.

Entrando em Petersburgo, conseguiu Lisle não só a absolvição do seu brutal procedimento como a expulsão do casa! Sauvage. O Embaixador, Sir James Harris, arranhou-lhe logo com o Príncipe Potemkin uma commissão de capitão do exercito russo.

Partiu o nosso aventureiro a communicar o facto a sua protectora, que o recebeu muito mal satisfeita do exito da pretensão: "Comprehendia eu, perfeitamente, o que de mim queria ella esclarecendo o mysterio de seu interesse".

Não tardaria que brigassem e muito. Mantivera por algum tempo a Kingston, em carcere privado, uma franceza de seu sequito, certa Madame de Porquet, irmã de um diplomata. Consequira a pobre mulher fugir e forçar a perseguidora, por intermedio do embaixador francez, a lhe pagar 600 ducados de indemnização. Incumbira Elisabeth Chudleigh, então, a Lisle de levar a sua recatada tyrannizada ex-dama de companhia até Dantzic, onde aliás se achava Mrs. Lisle.

Foi o que o nosso heroe fez: mas como Potemkin lhe ordenasse a partida immediata, para o Chersoneso, seguiu para Petersburgo, a receber as ordens imperiaes e continuar para o sul da Russia, sem voltar á casa da Chudleigh.

Intrigou-a ella com a mulher, desenvolvendo nesta occasião "toda a hypocrisia de que era capaz".

Pretende Lisle, que muito o affligia a idéa de deixar a esposa e os filhos, "ternamente amados" sob a dependencia de uma sujeita capaz de fazer o que com a infeliz Madame de Porquet obrara.

Assim, pediu licença para passar pela casa da ex-protectora, afim de regularizar a situação dos seus. Queria que a familia se isolasse, do contacto com a antiga amante de Jorge II.

Arranjando dinheiro foi liquidar o caso, mas, neste interim, a jogar, perdeu o que tinha de seu e mais a ajuda de custa recebida do thesouro russo, conta com o maior cynismo. Felizmente, valeu-lhe a protecção do embaixador ingiez.

Quando se viu em presença da duqueza, começou ella a entrevista, por "verdadeiro diluvio de lagrimas e queixumes". Queria elle prival-a de sua unica companhia. Vendo-lhe depois a inabalavel resolução, proseguiu, "numa torrente de improprios, dignos de uma praia de peixe acabando por mandal-o para o diabo que o carregasse".

Ia continuar a viagem quando soube que a duqueza prohibira que lhe dessem cavallos e passaporte.

Declarou ao postilhão que tudo arranjaria mesmo que para tanto se valesse da violencia.

Lembrou-se então de que em poder de Elisabeth ficava um documento de que tão má mulher podia lançar mão: o recibo da quantia por elle paga a Madame de Porquet.

Exigiu o papel e a duqueza negou-se a dal-o; declarou-lhe então que iria a sua casa apoderar-se de seu cofre de joias, como garantia, e ella, intuídada, mandou-lhe então o documento exigido.

Destarte nos conta o burlão tal caso. Há porém veementes indícios de que não se passou assim exactamente. Affirma positivo um chronista de Catharina II, que a cousa foi inteiramente diversa. Assim, elle, Semple, á testa de uma escolta e á noite, arroubara a casa da duque-

za e della extorquirá dinheiro, motivo que levara a sua amante a queixar-se severamente á Imperatriz.

Seja como fôr, que se haja arranjado, partiu o nosso escossez para o littoral do Mar Negro, ao encontro de Potemkin, que, apenas o viu, lhe mostrou a terrivel carga contra elle feita por uma carta da Kingston.

Pretende Semple que o favorito de Catharina II o autorizou a responder á sua nova inimiga, laconicamente atrevido: "Senhora, tive a honra de ler a sua carta a Sua Alteza, por ordem de quem me assigno seu muito affeçoado criado. — J. G. Semple Lisle".

Foi Lisle logo depois posto á testa de um corpo internacional de refugiados na Russia: *Les corsés expulsés*, em que predominavam os corsos anti-francezes, gente insubordinadissima, e endemoninhada que lhe deu enorme trabalho e de quem abafou varias revoltas.

Na Criméa, encontrou o famoso Suwaroff, varios inglezes illustres ao serviço da Russia, como Mackenzie, Taite, Ramsay, o Conde de Balmair, etc. Gaba-se Lisle de haver promovido a reforma geral dos uniformes do exercito russo "inventando figurinos de magnifica elegancia e que agradaram immenso".

Com a maxima satisfação contemplou aquelle enorme exercito todo fardado como ele ideára e quizéra, numa lindissima parada geral, em que se manteve sempre ao lado do Generalissimo Potemkin.

Pouco, porém, permaneceu Semple Lisle na Criméa. Voltou em principios de 1784 a Petersburgo, passando pelo campo de batalha de Pultava, onde muito o impressionou

o enorme ossuario, lembreador da derrota de Carlos XII, e por Moscow, onde o fausto inacreditavel do governador Conde Chernacheff o deslumbrou, graças á apresentação de uma criadagem de trezentos lacaios, "enlibrezados do modo mais opulento".

As considerações que o aventureiro deixou escriptas sobre o exercito russo, mostram-se em geral desvaliosas.

Gaba muito a bravura e o espirito de disciplina da tropa e a sua incrível resistencia ao soffrimento physico e ao desconforto da vida.

Os seus depoimentos, sobre Potemkin e Catharina II, tambem são assaz insignificantes.

Em seu tempo, pretende, já desde muito deixara Potemkin de ser o amante da ardente Imperatriz, cujos 55 annos viviam agora embeaçados por um rapazola, chamado Lanskoj, já a seu turno "successor de diversos outros favoritos de curto imperio".

Mas continuava Potemkin a ser uma influencia formidavel na Côrte da Semiramis do Norte. Dominava a politica russa, inteiramente.

Declara Lisle que o viu, frequentemente, rasgar, em publico, ordens assignadas pela Soberana. Esta, muitas vezes, o visitava inesperadamente, quiçá, durante as crises sentimentaes, frequentes naquella criatura essencialmente polygama.

Era Potemkin geralmente brutalissimo com os seus officiaes, mas Lisle afiança que sempre o tratou muito bem. Aliás, se acreditarmos, no que diz, nunca houve alto personagem que por elle se não embeaçasse.

A Kingston rancorosa queria vingar-se estrondosamente, mas viu o Príncipe proteger o antigo amigo, a ponto de a forçar num jantar em palacio a sentar-se ao lado daquelle a quem tanto agora detestava, o que a fizera "agitar-se a furegar, todo o tempo, sem que, contudo, ousasse desobedecer".

Será verdadeira tão inacreditavel historia? ou uma das muitas gabolices do aventureiro? Tambem, na Russia, dos Orloff e Potemkin...

Cousa que nos deixa intrigado é que Lisle não explica por que deixou subitamente o serviço russo, de onde dizia perceber tantas vantagens, embora affirme que, ao partir, lhe haja a Imperatriz dado, de presente, quinhentos ducados holandezes. Tambem, por tal motivo, lhe dedica os maiores elogios.

Affirma o mesmo biographo de Catharina II a quem nos referimos que foi positivamente a duqueza de Kingston quem forçou o seu ex-querido a sahir da Russia. Assim não fizera e elle "teria rapido accesso no exercito moscovita, chegará a official general ou alcançaria um cargo em consúado importante".

Graças a ella, deixara Potemkin de o receber. "Ao partir, praticara o incorrigivel sujeito varias velhacadas, com diversos negociantes de Petersburgo, Narva, Riga e outros lugares".

Furioso, responde Semplic, nas *Memorias* a estes ataques: "E' a eterna sina da falsidade cair em contradicção! Tivesse eu feito aquillo de que me accusam, em

relação á Duqueza, e ella me teria atirado, para o resto da vida, á Siberia, amiga como era da Imperatriz.

Desafio que a terra e o inferno me desmintam. E este indigno pasquineiro que treme de minha propria sombra verá um dia esmagadas as suas calumnias”.

Mas ha positivos indicios de verdade em taes accusações. O proprio Semple se trae. Para rebater a historia das *escroqueries* apenas explica que, ao sahir da Russia, não passou pelo porto de Riga e sim pelo de Narva! Não haveria ainda correio no imperio de Catharina II que lhe permitisse negociar com a gente do porto livonio?

Apenas justifica a sua retirada do serviço russo explicando que se afastara por não conseguir realizar as esperanças da vida opulenta que os primeiros dias lhe haviam acenado.

E acrescenta, singelamente, numa ingenuidade de *entretemu*:

“Emquanto eu tinha a casa da Duqueza, podia economizar muito dinheiro, mas depois, embora o Principe Potenkin me desse morada e comida, precisava alugar commodos para a minha gente, o que em Petersburgo custa muito caro”.

Assim resolvera tentar vida nova na Prussia, recommendado pelo Conde de Goerz a seu irmão, Ajudante de Campo General de Frederico, o Grande. Partiu pois para Berliri, via Narva e Copenhague.

E, jamais, nas *Memorias* se referiu, uma unica vez sequer, á “querida esposa e aos filhinhos ternamente ama-

dos". Assim tambem nem mais uma palavra consagrou á Duqueza de Kingston que, enfastiada do Norte, passaria pouco depois a viver em França. Ora num castello magnifico, vizinho de Fontainebleau, que comprara, o de Saint-Assise, ora em Paris onde mantinha sumptuoso *hotel*, para maior furor dos sobrinhos do marido causador de sua incriminada bigamia. Velha, como era, ainda excitara esta Ninon britannica a violenta paixão de um dos maiores potentados moscovitas; — o Principe de Radziwill! Talvez fosse essa a causa da sua mudança para a França, onde em 1786, quiçá em attitude scipionica, queixosa da patria, viria a extinguir-se na magnifica residencia solarenga. Alli a cortejava numerosa e brilhante fidalguia, a quem dava esplendidas festas.

Nem uma unica palavra de *requiem* lhe consagrou o nosso escocez!

Talvez o movesse um sentimento de insopitavel inveja de official do mesmo officio.

Emquanto Elizabeth Chudleigh, vivera bafejada pela fortuna para acabar em verdadeiro apogeu da opulencia e da situação social, elle se via arrastado aos cubiculos da prisão de Newgate e á grilheta da deportação presidiaria para a longinqua Australia...

Il ne suffit pas d'être une franche canaille...

III

Estada na Dinamarca e na Prussia. Volta á Inglaterra. Velhacaria castigada. Cinco annos passados na prisão. Estada em França, na Hollanda e Allemanha. Aventura escandalosa. Encarceramento do aventureiro.

CHEGANDO a Copenhague, em Setembro de 1784, encontrou Sempie Lisle o reino dinamarquez muito alvorotado.

Ocorrera pequeno golpe de estado, graças ao qual fôra a Rainha Mãe, Juliana Maria, banida da Côrte, accusada como era de dominar, por completo, o fraco espirito do pobre diabo do filho, o rei Christiano VII. Mais fraco e infantil do que realmente memecapto, ou sequer homem de intelligencia curta, annota o nosso aventureiro.

Deixara-se no principio do reinado completamente governar pelo famoso Struensee, accusado pela rainha banida de ser o amante de sua nora, a ingleza Carolina Matilde de Hannover, irmã de Jorge III.

Depois de governar alguns annos de modo absoluto, fôra em 1722 Struensee derrubado por uma conspiração

chefiada por Juliana e o Conde de Rantzau, julgado sumariamente e decapitado como geralmente se sabe.

E o reino cahira novamente sob o guante da Rainha Mãe, que, afinal, em 1784, via o seu poder abatido pela acção do Conde de Bernstorff, a proclamar a regencia do principe herdeiro, futuro Frederico VI.

Conta Lisle engraçado facto: Certo dia o pobre rei coacto assignara grande numero de decretos: "Christiano e Companhia" a declarar que o fizera por precisar respeitar a verdade dos factos.

Da Dinamarca passou o aventureiro á Prússia onde pediu serviço militar ao grande Frederico. A respeito deste famoso dynasta escreve os mais exaltados elogios, assim como do exercito prussiano.

Bem pouco interessante, porém, o que relata de sua estada em Potsdam ao serviço, ou como hospede "daquelle soldado inimigavel".

Gaba-se de ter sido companheiro de orgias do Principe Real a quem vigiava o Rei e tio, cuja misogynia recorda. Sabedor de taes factos ordenou Frederico que o ex-major russo deixasse Potsdam. E isto foi feito em publico, do modo mais vexatorio, por um general e em presença do proprio principe e da tropa formada.

Muscou-se Lisle ás pressas, receoso de uma permanencia em alguma solitaria, da torre de Spandau, caso teimasse em não obedecer.

Imitando a raposa dos "roxos maduros cachos" diz o nosso aventureiro que embora fosse Potsdam a primeira escola militar do Universo imprimia aos que lá viviam a

mais penosa condição servil. Era uma escola de soldados mas não de homens livres.

Dahi a frequencia dos suicidios que nella occorriam.

Tinha o grande Frederico verdadeiro horror á idéa do envelhecimento e como já montava a cavallo com a maior difficuldade, ninguem ousava encaral-o durante as penosas manobras da ascensão á sella.

Vestia-se do modo mais desleixado, usava fardas absolutamente immundas jamais escovadas, chapeos repugnantemente gastos e engordurados, botas pavorosamente sujas e mal tratadas.

Só lhe levaria a palma, neste particular, outro grande guerreiro daquelle seculo, Carlos XII. Nos seus aposentos do enorme palacio de Potsdam reinava a mais absoluta sordidez, em materia de moveis, cortinas, tapetes, etc.

Não lhe guardou rancor o escossez. “Naquelle envolvero mesquinho encerrava-se um espirito capaz de conquistar e governar o Universo! Invenível guerreiro, infatigavel trabalhador, inflexivel justiceiro, ninguem o superava e difficilmente lhe seria comparavel”.

Em fins de Dezembro de 1784 pisava o nosso major novamente o solo patrio de onde não tardaria que a nostalgia das aventuras o levasse a passar ao Continente.

Querendo dar-se ares de *grand-seigneur* em viagem mandou então que um fabricante de carros, certo Lycet, lhe fizesse bella e commoda berlinda. Recebeu-a mas não a pagou. Partiu pois no lindo e barato carro e fez, durante o anno de 1785, varias jornadas de negocios.

Ao voltar á Inglaterra, viu-se preso, levado aos tribunaes como velhaco e condemnado a um periodo da classica sombra sobre a não menos classica "palha humida".

Explicando o caso affirma com toda a singeleza e desplante que nunca pretendera esquivar-se a um justo pagamento; assim solennemente, por vezes o declara o proprio Lycet. "Só lhe pedira prazo para o executar, embora fosse eu muito inexperiente e extravagante, haveria, então, motivos para se pensar na culpabilidade de um moço elegante, cujo unico crime era ter comprado um carro sem pensar como haveria de o pagar"? indaga do leitor com deliciosa frescura.

Verdade é que o tal Lycet jurava a seus grandes deuses que elle lhe tomara o vehiculo por emprestimo. Alugara-o por uma semana e desaparecera. Mas quem em tão absurda hypothese acreditaria?

Apesar de todos os argumentos defensivos e imaginosos que o genio inventivo lhe suggeria, foi o nosso Simple Lisle condemnado a fazer uma villegiatura nos commodos que Sua Majestade, por meio de suas justicas, á sua disposição puzera na famosa prisão londrina de Newgate.

Distrahiu-se neste periodo de meditação forçada imaginando novo typo de sella para a cavallaria prussiana que offereceu ao grande Frederico. Fel-o em termos arroubadissimos de admiração pelo genial cabo de guerra que, aliás, não lhe deu a menor resposta. Ingrato como só os reis sabem sel-o...

Perdoado, cinco annos mais tarde, viu-se o aventureiro em liberdade sob o compromisso de exilar-se do Reino Unido.

Pensou em voltar á Prussia mas os amigos o induziram a estabelecer-se em França onde chegou em 1791. Neste paiz, anarchizacão como estava, ninguem lhe pediria contas do caso de Lille. Assistiu a numerosas scenas da Revolução e pretende haver vivido em Paris com grande estadião. Isto lhe valeu o epitheto de "aristocrata", "apodo a que eu não me dava o menor trabalho em contradizer", dil-o, elegantemente.

Descreve varias scenas do julgamento de Luiz XVI e da sua execução; relata horrores da crueldade brutal e indigna de Santerre mas nada de interessante se encontra em sua narrativa de acontecimentos tão empolgantes quanto estes de que pretende ter sido presencial testemunha.

Receoso pela propria pelle e certo de passar por espião inglez resolveu o nosso Lisle arranjar salvo-conducto. Foi ter a Bruxellas e a Bois le Duc, onde offereceu serviços ao duque de Brunswick que o conhecera na Russia e o aceitou no seu exercito.

Assim assistiu á grande batalha de Nerwinden, a 18 de Março de 1793, ganha pelos austriacos do duque de Saxe-Coburgo-Gotha sobre o exercito francez de Dumouriez. Seguiu pouco depois para Haya a pedir emprego ao stathouder Guilherme V. Este lhe conferiu o posto de major no exercito hollandez e encarregou-o de uma missão reservada em Bruxellas.

Não tardou que deixasse o serviço da Hollanda, não ousando explicar porque; contenta-se em relatar aos seus leitores que partiu ás pressas e sem licença mas sem dizer para onde ia: ao exercito prussiano do Alto Rheno, que acabava de retomar Moguncia.

Commandava-o o proprio Rei Frederico Guilherme II, seu antigo companheiro de pandegas em Berlim. "Com Sua Majestade me abri e este principe illustre me ouviu com toda a attenção".

Mas parece que toda a esperada protecção se limitou a esta benevola audição. Dentro em breve deixava o Rei o seu acampamento e retirava-se para Berlim.

Pouco depois era Lisle ferido e seguia a convalescer numa cidade allemã, onde se achou na mais desesperada situação, "sem lar nem emprego, sem dinheiro nem protectores".

"As reflexões melancolicas tornaram-me a sombra do que fôra; cheguei a pensar que a morte me seria o mais desejavel dos acontecimentos".

A esta altura de suas *Memorias* relata-nos o cabotino mais outra das suas muitas historias, agora pretende-o, provocada pela necessidade do revide a um pamphleto escripto por certo coronel S. S. "brutamonte insensivel ao amor e á honra, calumniador impeninente e miseravel, que tyrannisava a mais delicada e seductora das mulheres, de quem só queria o dinheiro do dote".

Era belga este sujeito, casara-se com distintissima franceza, vivera algum tempo da fortuna da mulher e depois de uma pensão do sogro. Fôra-se mais tarde para

a Allemanha servir no exercito dos emigrados de Condé, onde pretendera explorar, indignamente, a joven, linda e infelicissima consorte.

Resolvera então a misera, sempre desastrada, deixar tão abjecto personagem para seguir a fortuna do nosso virtuoso escocez. Feliz inspiração!...

Partindo ambos pois para Ratisbona ali o malandrim descontou uma letra de 32 luizes do Barão de Ompteda, fidalgo hanoveriano.

Pouco depois, a 1 de Dezembro de 1793, via-se Lisle preso pe'o novo creôr e a mandado de Sua Majestade Britannica! Protestando contra a violencia allegou haver provavel engano de pessoa. Apareceu porém o proprio Ompteda que o fez recolher ao carcere e incommunicavel, accusando-o de graves crimes e refinada impostura.

Seis semanas permaneceu na cadeia, de onde sahiu graças á intervenção do ministro inglez em Munich. Intentou então seguir a Ompteda accusando-o de o perseguir para lhe tirar a companhia por quem estava loucamente apaixonado. Impostor era elle por se ter irrogado o titulo falsissimo de diplomata britannico afim de poder prendê-lo. Desafiou-o a um duello mortal mas debalde! Não accitou o Barão o desafio mas teve de pagar as despesas que a sua denuncia causara ao Senado de Ratisbona.

Vendo que a nada se movia resolveu Lisle novamente ir para os Paizes Baixos. Na viagem, aos ouvidos lhe chegaram noticias do marido ludibriado, do tal coronel belga... que por toda a parte lhe endereçava ameaças de morte.

Entendeu debalde forçal-o a bater-se em duello. "O tal "extraordinario coronel" jamais eu o avistei devido ao immenso cuidado com que de mim se esquivava". Escreveu-lhe então uma carta em que lhe disse as maiores injurias e deu-lhe todas as indicações do endereço. Mas a nada o covarde se moveu. Depois deste relato declara Lisle que desanimado de fazer carreira nalgum exercito europeu ocorreu-lhe outro plano para a melhoria da sorte.

Imaginou arranjar reudosa commissão com algum daquelles indignos principotes germanicos que mercadejavam com a vida dos desgraçados subditos vendendo regimentos á Inglaterra e á Hollanda.

Perguntou-lhe o tal dynasta se não lhe seria possível "collocar" no Reino Unido um regimento de mil e oitocentos homens. Aceitou Lisle a incumbencia e preparou-se para voltar á patria afim de empregar todo o zelo e valimento, tendo em vista o bom exito do lucrativo negocio.

IV

Volta Lisle á Inglaterra. Processos numerosos. Condemnação ao degredo na Australia. Partida para Port Jackson. Revolta a bordo da "Lady Shore". Terrivel arribada ao Rio Grande. Impressões da estada allí.

EM Dezembro de 1794 achava-se Lisle novamente em Londres. Ali o esperavam tormentosos dias. Um negociante o accusou de o haver outrora caloteado numa partida de linhos, cambraias e outras coisas caras. O filho de um antigo credor denunciou-lhe as patifarias reclamando o pagamento da divida contrahida para com o pae. Um camiseiro e um chape'eiro queixaram-se de que lhes devia meias de seda, chapeos e outros artigos, todos finos, e assim por diante.

Perante os seus leitores defende-se Lisle tão fracamente que não nos assistem motivos para crer em suas palavras. Justificando um dos taes creditos por pagar affirma que apenas protelara os pagamentos, certo, porém, de os fazer um dia; a proposito de outros garante que, movidos por seus inimigos, pretendiam os seus persegui-

dores perdel-o jurando falso e inventando d'vidas fantasticas.

A certas destas accusações qualifica de risiveis: Não vemos porém causa hilariante alguma no caso por elle classificado como um "curruio do ridiculo" e relativo á cobrança de dez libras, que certo pobre homem Mr. Clay lhe fazia de uma letra "dívida evidentemente prescripta; porque tinha mais de dez annos".

A todos estes casos dá Lis'e explicações; para julgarmos porém do valor de suas desculpas basta uma: não pagara, nem jamais pagaria uma das taes letras para se vingar. Isto porque o portador do titulo o fizera vigiado pela policia, em virtude de um engano, de mera homonymia, com certo estellionatario!

Como sempre acontece foi Lis'e, aquelle cordeirinho sem maculas, pronunciado por um juiz perseguidor e sem entranhas, certo Flood. Assim o jury o condemnou novamente á cadeia.

Pretende que nestes dias amargos muito lhe valeu a amizade de um grande homem que em todo o caso não conseguiu dar á sua fortuna a *face nouvelle* do famoso alexandrino racineano: o grande, o extraordinario orador Edmundo Burke, o *Cicero britannico*.

Sabendo que era plano do govêrno deportal-o para a Australia num comboio de presiciarios, de *convicts* e de rameiras, condoeu-se da sorte do aventureiro e com a costumeira paixão, base de sua eloquencia, pleiteou perante os secretarios de Estado a não execução de tão terrivel designio.

Não era Lisle, a seu ver, vulgar velhaco, ou desinteressante estellionatario e sim apenas um transviado pela violencia das paixões. Jamais agira preconcebidamente contra a bolsa alheia... De tal estava certo. Assim se empenhou immenso com o Duque de Portland, Lord William Cavendish Bentinck, antigo *Premier* e agora ministro do Interior afim de obter o perdão real. Mas nada alcançou. Ao saber que iria mesmo como degredado, para a Australia, diz Semple que quiz suicidar se, com a unica arma então ao seu alcance: uma faca de talher. Golpeou-se sem contudo conseguir ferir-se mortalmente, sendo então desarmado por um tal Kirby.

Em Fevereiro de 1797, partia condemnado a uma deportação de sete annos na leva de presidiarios que se encaminhava para Portsmouth, onde o empreiteiro do transporte dos grilhetas, certo Dyne, o tratou muito humanamente.

Afinal viu-se o nosso ex-major a bordo do navio que o devia levar a Port Jackson. Chamava-se a *Lady Shore* e já estava cheio de perigosos bandidos, cuja attitude era a mais atrevida e presaga. E de uma recua de *ladies*, como engraçadamente lhes chama, chusma de reias marafonas e criminosas, "Female-convicts".

Ao destacamento de guardas dos presos commandava certo sargento Hughes insolentissimo com os superiores. Mostrava a officialidade, quer a da tropa, quer a de bordo. enorme fraqueza senão real pusillanimidade ante a brutalidade dos inferiores.

Iam tambem a bordo numerosos emigrantes francezes, escoria da peor especie e uma corja de soldados insubordinadissimos do New South Wales Corps.

Assustado com tão maus prognosticos viu Semple Lisle chegar a hora da partida em companhia daquellea cafila de requintadissimos sclerados que encontrava nos proprios guardas decidido apoio para opportunamente se rebellat.

Ma! o tinham divisado, dois destes sinistros companheiros de degredo lhe offereciam a chefia do motim graças ao qual contavarr, em alto mar, apossar-se da *Lady Shore*. Gabou-se um dos taes bandidos que aquella era a sua oitava viagem para o presidio de Botany Bai, onde jamais chegara! Apressou-se Semple em delatar o facto ao commandante do navio e por isto incorreu logo no odio dos desterrados.

Já no dia da partida quasi vira morrer o immediato do navio a quem o sargento Hughes impunemente esbofeteara, ameaçando-o de o matar!

Foi um inferno a viagem da *Lady Shore*.

Mal zarpara de Portsmouth para Torbay houvera revolta contra o Capitão Wilcox no momento em que este mandara formar a maruja. Tambem que guarnição! Forasteiros e criminosos recém sahidos das cadeias, em geral. Precisara o Capitão, em Torbay, pedir garantias ao General Fox que enviara a bordo um coronel a desarmar os desordeiros. Mas este official, ineptissimo, em nada remediara a situação.

A' altura do Rio de Janeiro separou-se a *Lady Shore* dos navios de guerra do comboio que rumava para o Oriente.

Anciosamente esperavam este momento os convicts e seus apaniguados.

A 1 de Agosto de 1797 despertava Lisle, ás 4 horas da madrugada, com o ruido de successivas detonações e gritaria de mulheres. Havia estalado a revolta e os amotinados, depois de matarem o immediato, tinham gravemente ferido o commandante que acudira ao companheiro.

Notando qualquer cousa de anormal, durante o seu quarto armara-se o immediato do navio, homem bravo e impetuoso que viera interpellar os individuos suspeitos, cuja confabulação lhe causava estranheza. E arrebatado como era, notando que os murmuradores eram sobretudo os tacs francezes emigrados disparara a pistola sobre um delles certo de la Hays. Pouco depois era cadaver o imprudente official. Ouvindo tiros levantara-se o commandante correndo em soccorro do seu lugar tenente sendo então ferido gravemente no pescoço e no peito. Nesta occasião puzeram os rebeldes dous canhões postados de modo a varrer as escotilhas a metralha de ferro e cacos de vidro.

Mostreu-se o Capitão Wilcox, homem aliás muito fraco, digno do posto; moribundo, só pensava na sorte do navio. Quiz passar o commando ao Tenente Minchin. Pediu-lhe Lisle que não o fizesse, os revoltosos só estavam senhores do convéz, não tinham quasi armas e teriam de render-se pela fome e a sede. Bastava guardar seve-

ramente as escotilhas e impedir que descessem. Estava Minchin acovardadíssimo; escondera-se sob um beliche!

Afinal houve entendimento entre os rebeldes e legalistas. Aquelles declararam que nada fariam de mal se lhes fosse possível desembarcar em alguma terra americana onde ficassem livres. Preferiam fazel-o no Rio da Prata. O Commandante Wilcox é que ia de mal a peor e do's dias mais tarde expirava.

Neste momento estava a *Lady Shore* em frente á barra da Guanabara. Aos amotinados pediram Semple, varios officiaes e passageiros que lhes concedessem desembarcar no Rio. Negaram-lhes os rebeldes a permissão, receosos que a div'são naval portugueza informada da sua pirataria sahisse a captural-os.

Queriam ver se fugiam, no Rio da Prata, e receavam qualquer denuncia que provocasse possível perseguição. Quem agora mandava a bordo eram tres francezes! Estes sujeitos obrigaram o commissario a lhes entregar uma caixa que continha cincoenta e dois relgios de preço; deram-lhe de presente seis e dois dos melhores ao nosso Lisle. Por toda a parte e em todas as occasiões sabia o espertalhão arrajar-se.

Afinal a 15 de Agosto de 1797 como estivesse a *Lady Shore* á altura da barra do Rio Grande, mas a muitas leguas da costa! — declararam os senhores do navio que consentiam no desembarque daquelles que quizessem partir.

Foram Lisle, e mais vinte e oito homens, mulheres e crianças, uma dellas de cinco mezes de idade, transferi-

dos para bordo de um escaler depois de rigorosamente revistados. Assim mesmo o nosso ex-irajor — facto característico' — conseguiu esconder — gaba-se — dentro de uma saboneteira, consideravel somma em ouro. Onde teria conseguido angariar estas libras é o que prudentemente não explica.

Longos momentos terriveis, da mais pavorosa angustia, passaram os desembarcados da *Lady Shore* para o bate'ão. Tremenda tempestade os assaltou. A cada passo ameaçados por enormes vagalhões tiveram a ininterrupta e estafante tarefa de esgotar o barco alagado e tão carregado que afundava no mar quasi até a borda.

Passados dois dias de atroz supplicio appareceram no horizonte a espumarada e os escolhos do cabo de S. Maria.

Assim: approaram os escapos para o Norte com a esperança unica de poder entrar na barra do Rio Grande.

De longe viram os mastros dos navios ancorados no porto de S. Pedro, mas a arrebentaçào era terrivel, não cusando os míseros adeantar-se para a costa. O Tenente Drumond, que estava ao leme, declarou que só havia uma salvação possivel: alliviar-se o bote de toda a carga e ousar forçar a barra. Assim se fez; depois de longa e tremenda angustia geral pôde o escaler entrar em aguas tranquillias, onde um official portuguez, recebeu, com a maior cordialidade, os refugiados da *Lady Shore*, milagrosamente escapos áquelles terriveis mares desmontados.

Pretende Lisle que em toda esta historia portou-se o tal Tenente Minchin indignamente. Covarde, espavori-

do vinha cheio de dinheiro. Conseguiu salvar "mais do que a propria bagagem" e uma vez em terra recusou ajudar os companheiros de infortunios no que quer que fosse.

Como as autoridades portuguezas desejassem saber quem eram os naufragos, afim de lhes mandar os nomes ao governador do Rio Grande do Sul, Sebastião Xavier da Veiga Cabral, obteve Lisle que os companheiros nada dissessem a seu respeito, de desagradavel. Figuraria na lista como official hollandez, simples "passageiro".

Logo depois chegava um bote com um ajudante de ordens de Veiga Cabral que convidou os officiaes inglezes a irem á presença de seu chefe.

Assim partiram, para o Rio Grande, Lisle, Minchin e a mulher, o commissario Black e o Tenente Prater. Ficaram os demais refugiados com os soldados e as mulheres. Foram recebidos, do modo mais gentil, pelo delegado regio portuguez, á testa de brilhante officialidade, em primeiro uniforme (!?) Causava o general optima impressão pelo aspecto viril, distincção e elegancia das maneiras.

"Inspirou-me logo respeito e admiração" annota o nosso ex-major russo e hollandez.

Como fizesse 30 annos já que servia no Brasil desaprendera de falar o francez. Serviu-lhe de interprete porém um tenente coronel de engenheiros que se exprimeia muito bem.

"Transmittiu-me as ordens de seu chefe — scriamos nós os naufragos tratados como se fossemos portuguezes.

Isto em attenção ao facto de nossa vassalagem a um soberano leal amigo de S. Magestade a Rainha Fidelissima”.

Dentro em breve iam todos ter á casa do Coronel Manoel Marques de Souza, o futuro expugnador de Cayena, a quem Lisle chama Manoel Marques de Lima de Souza (?) onde merendaram lautammente. Acabou aquelle dia feliz por um jantar, esplendido pelos pratos de resistencia e as sobremesas, em casa do proprio Veiga Cabral.

Pretende Lisle que o Capitão General o encheu de attensões e gentilezas. Pediu-lhe que fizesse a narrativa de tudo quanto succedera a bordo da *Lady Shore*, relato destinado ao Vice-Rei do Brasil.

Declinou porém o nosso major de tal incumbencia *et pour cause!* allegando que vinha a bordo, como simples passageiro, e não *on his majesty's service*.

Assim foi Minchin quem redigiu tal documento.

Continuavam os obsequios de Veiga Cabral, exteriorizados sobretudo por meio de optimos jantares successivos.

Enganado pelas apparencias e ignorante dos antecedentes de seu hospede chegou um dia a dizer-lhe que *ninguem* mais do que elle merecia usar, sempre, a espada dos officiaes briosos (!) Via-o sem este distintivo dos guerreiros e queria presenteal-o com uma destas nobres armas. E assim lhe offertou um sabre sobremodo elegante.

Cynicamente observa o agraciado que a fineza de tão illustre general não ficara desacompanhada de certo pesar.

Verificou que excitava a inveja dos seus companheiros de má sorte!

E' que, naturalmente mais do que o proprio Veiga Cabral, sabiam elles quanto o major Semple Lisle era, pela immaculada fé de officio, um official digno de distincção destas, senão de outras muito maiores.

Logó depois recebia Veiga Cabral uma carta do Governador de Montevidéo noticiando-lhe a chegada da *Lady Shore* por cuja guarnição fôra logo desamparada. Pedia-lhe noticias dos desembarcados no Rio Grande e um relatório escrito pelos officiaes ali asylados a respeito dos factos passados á barra do Rio de Janeiro.

Tornou-se a situação de Lisle delicada. Soube que o Tenente Prater, falador impenitente, não se continha; andava a trahir o compromisso tomado relativamente a elle. Já entre os portuguezes começava a transparecer qualquer cousa neste sentido.

Exasperado interpelou o mau patricio contra quem desembainhou a espada, sendo então desarmado pelo Tenente Murchison que ao apartar a briga feriu-se.

Preso e levado á presença de Veiga Cabral pediu Lisle ao General que o ouvisse em confissão e abriu-lhe a alma. "Relatei-lhe todas as circumstancias de minha desgraça e este homem, verdadeiramente grande, impoz-me o silencio a dizer-me: Não! não consentirei que o Sr. esteja a evocar-me acontecimentos tão penosos á sua memoria"

Clemerte e grandioso, rogou o nosso major ao seu protector que fizesse soltar o seu calumniador que, nesta

historia toda, da aggressão, affirma elle, procedera como o mais pavoroso cobarde.

Relaxada a prisão correrá a ver o seu insultado a pedir-lhe pazes, chegando, logo depois, a escrever ao General que procedera daquelle feio modo sob a dupla instigação da inveja e da embriaguez”.

Sempre magnanimo sorrira Veiga Cabral, a responder-lhe: “diga a este pobre homem que venha jantar comigo quando quizer”.

“E o Sr. Prater, conta-nos o ineffavel Major Semple Lisle, nem se deu por achado. Veio jantar connosco como se nada acontecera!”

Do Rio Grande do Sul entendeu o nosso *ex-cônvict* dar umas indicações summarias aos seus leitores; paiz fertilissimo tudo produzia em enorme abundancia; a gente abastada vivia, com um luxo simplesmente espantoso naquella terra, isolada do resto do Globo.

A cidade de S. Pedro é que contudo ainda apresentava muito pobre aspecto: suas casas, geralmente de madeira, eram esparsas e mal construidas. Apenas dous ou tres sobrados nella se viam e poucas lhe eram as boas residencias.

O palacio do Governador, terreo, pequeno, mas adequado ao seu fim, obedecia a planos da architectura militar. A “Cathedral” apresentava-se bellamente e em torno della havia edificios decentes.

“Aqui como em todo o resto do mundo sabia o clero arranjar-se, annota o *swindler* maliciosamente.

Muito impressionou a Lisle o aspecto da população riograndense; “limpa, e vestida esplendidamente”.

“Usava roupa de baixo muito fina. E sempre tão asseada que esta circumstancia predispunha, do modo mais favoravel, o observador estrangeiro em seu favor e quanto ao padrão elevado de sua civilização.

Que differença com o povo da metropole!

“Eu que sempre levei o asseio aos extremos de refinado apuro e affectação vi-me, no Porto de S. Pedro, a fazer secundaria figura!

Tal o effeito do sol e da pureza do ar ali que a roupa de baixo, daquella gente, assumia inimaginaveis tons de alvura”.

Da hospitalidade dos *riograndians*, faz Semple Lisle os mais arroubados elogios.

“Excede a quanto vi no resto do mundo. Aquelle povo não se limita a essa cordialidade fria que, em outros paizes, se enfeita com o titulô de hospitalidade. Aqui pelo contrario procura-se o contacto do forasteiro com o fito exclusivo de se o beneficiar e vive a gente da terra á espreita dos ensejos de prestar serviços áquelles que vêm ter ás suas casas”.

“Já contei como os riograndenses trataram os nossos officiaes. A hospitalidade brasileira não se limita a isto. Vi os moradores da cidade correr atrás até dos soldados, convidando-os a que lhes frequentassem as casas, obsequiando-os de mil e um modos. Como estes retribuiram tal cordialidade adiante direi”.

Dando largas ao amor pelas coisas militares refere Lisle que “todos os homens validos do Rio Grande estavam arrolados sob os estandartes reaes, formando corpos que se não eram os mais bem disciplinados do mundo certamente se apresentavam como dos melhores fardados do Universo”.

“Usavam colletes e calças geralmente de sêda. De sêda, tambem eram-lhes os forros das fardas.

A tudo isto junte-se a alvura deslumbrante da roupa branca e ter-se á idéa de elegancia do aspecto desta esplendida tropa”.

“Que contraste entre as suas maneiras commedidas e civilizadas e a conducta dos britannicos do nosso sequito (dois sargentos, dois cabos e duas praças)”.

Rixavam entre si, com os seus superiores e até com os seus bemfeitores a quem retribuïam as gentilezas desfechando-lhes quantos epithetos offensivos lhes provinha do portuguez macarronico aprendido ali.

Precisou o General “o mais humano e cordato dos homens” mandar prendel-os. “Tão mal se comportaram sempre que, durante as sete semanas de sua permanencia em S. Pedro, jámais houve um dia em que todos estivessem, simultaneamente, senhores de seus movimentos!”

Chegou Veiga Cabral a dizer que preferia pagar as despesas da expulsão destes miseraveis a ter que os supportar mais tempo. Affirmavam os officiaes que naquelles poucos dias muito maior movimento policial houvera do que nos uitimos dez annos da pacata existencia da cidade do Rio Grande.

Já na gyrta local corria significativa expressão. A cadeia chamavam os maliciosos *acampamento inglez*.

Pois, apesar de tanta incorrecção dos turbulentos hospedes nem por isto diminuiu a benevolencia das autoridades portuguezas.

Havendo a mulher de um soldado dado á luz em casa da viuva de um brigadeiro, foi por esta senhora tratada com a maior caridade. Depois de dar á criança bom enxoval ainda quiz baptizal-a.

Para a cerimonia mandou fazer excellente vestido offerecido á nova comadre e fez questão, até, de lhe emprestar joias.

Serviu de padrinho do pequeno anglo-riograndense o proprio General Veiga Cabral, que ao compadre presentou com algum dinheiro. Pois bem, ainda assim, tal soldado "desmereceu e muito da bondade de Sua Excelencia".

V

Partida do aventureiro para Santa Catharina.
Viagem realisada por terra. Da barra do
Rio Grande á fronteira catharinense.

“**N**AS minhas seis semanas de permanencia no Rio Grande não houve dia em que não recebesse frias mostras de bondade do General “e dos riograndenses”, escreve o grato Simple Lisle.

“Posso affirmar que Sua Excellencia faz da pratica da humanidade o constante desvejo e por estas normas se guiam aquelles que com elle servem”.

“Quanto a mim pessoalmente não cessou de demonstrar continuas provas de amizade. Quando me viu prestes a partir instou-me a que ficasse em sua companhia, convite honrosissimo, desvanecedor ao ultimo ponto, que precisei declinar, pois além de muitos motivos, precisava, por força, voltar á Grã Bretanha”.

A 20 de Setembro de 1797 embarcava o nosso *swindler*, recém-liberto, numa sumaca destinada ao Rio de Janeiro, em companhia do Tenente Minchin, de sua mulher e do commissario da *Lady Shore*, John Black.

Solicito, até o ultimo momento, ordenara Veiga Cabral que a embarcação levasse toda a sorte de provisões. E ao despedir-se fez a Lisle varios presentes valiosos.

Tres semanas esteve o barco á barra do Rio Grande sem poder sahir. Distrahiam-se os inglezes caçando, a matar os numerosos quero-quero, narcejas e outras aves aquaticas. "Infelizmente eram as perdizes ahi escassas, ao contrario do que succedia aos urubús de que havia immensas revoadas".

Tambem rico pasto tinham estes fetidos abutres com o systema dos riograndenses matarem os bois pelos campos com o fito exclusivo de lhes tirar o couro.

Descreve Lisle o processo do lançamento do laço e das bolas e affirma que a matança no Rio Grande era então de trezentas a quatrocentas mil cabeças annualmente.

Impacientissimo com a demora mandou o aventureiro pedir a Veiga Cabral licença para ir ao Rio, por terra, em companhia do Commissario.

Respondeu-lhe o Genera^l dando-lhe immediata permissão; assim desembarcou logo o nosso escossez. E foi feliz idéa, pois a sua sumaca, ao atravessar a barra, naufragou.

Quiz Minchin seguir o itinerario do compatriota mas Veiga Cabral recusou-lhe a licença. Só a concedera a Semple Lisle e o fizera, attendendo a mera questão de amizade? *Où la confiance s'était elle nichée?* E' o caso de philosopharmos á vista de tanta boa fé.

Partiu Lisle, informado pelo General e diversas pessoas mais, de quanto era longa e penosa a travessia a emprender, numa região semi-deserta e em muitos pontos desolada.

Apesar dos avisos partiu com o commissario Black e o rapazinho grumete, Richards, que lhe era muito afeiçoado.

Espantou-se do systema de viajar pela península rio-grandense e os areas que a ella se seguiam para o Norte. Não havia uma só hospedaria no trajecto e o viajante precisava tanger uma manada de cavallo, geralmente chucros, guiados por um ou dois peões indios, tocadores de cincoenta a cem animaes.

Corria-se a valer e logo que uma montaria se mostrava cansada o peão laçava outra para a qual passava o cavalleiro.

A 4 de Outubro partiu Lisle com dois patricios e um velho dragão conhecedor da região, como guia, além de outro soldado, dois peões indios e um criado ajustado no Rio Grande.

Levavam alforges de couro com a pouca roupa que possuiam.

Despediu-se Lisle do General muito commovido, pretende gratissimo "ao seu dignissimo amigo e bemfeitor". Levava Cabral a benevolencia ao ponto de ir a São José visita-lo quando se dispuzera a atravessar o canal.

Seria verdade? Não poderemos, conhecendo o nosso Semple e seus antecedentes, applicar a este caso e a

tantos mais de sua narrativa imaginosa o velho aphorisma juridico *verisimile quod non est?*

No primeiro dia, venceu Lis'e onze leguas: depois de jantar com o vigario do Estreito attingiu, em Tropa Velha, a casa do Capitão Luiz de Souza, da cavallaria miliciana. Ali teve de jantar a sós com a sua gente, porque estava o official muito abatiço, assim como todos os seus, pela perda de um parente querido.

Morrera este assassinado nas vizinhanças do Rio Grande; laçado e estrangulado haviam-lhe os matadores ignotos atirado o cadaver ao mar. Uma questão amorosa, ao que parece, causara tal tragedia, no dizer dos criados da victima. Varias vezes haviam surpreendido o patrão a sahir, a altas horas da noite, bem armado e disfarçado.

Parecia, por ali, a terra menos bruta; já revelava seus vestigios de cultura. Tambem a casa do Capitão era o pouso dos governadores da capitania quando iam do Rio Grande a *Port Allegro* (sic).

Magnifica foi a ceia offerecida pelo Capitão Luiz de Souza de uma abundancia "camáchica"; daria para faltar a quarenta pessoas!

Nem houve meio dos seus hospedes provarem muitos dos pratos que voltaram intactos. Sobremesas deliciosas, abundancia de vinhos excellentes completavam este festim soberbo. Camas macias encontrou o nosso *ex-convict* que occupou o proprio quarto reservado ao General. Os jardins do generoso hospedeiro eram realmente bellos e sua estancia apresentava excellente aspecto.

Ainda no dia seguinte reconfortava o Capitão Souza aos viandantes com um almoço empanturrante.

Depois de grata despedida seguiu Lisle através de romantica paizagem.

Naquelle dia não encontrou pouso para a merenda. Mas como attingisse una cabana de retireiro abateu-se ali um carneiro para o jantar. Justamente, naquelle ponto, naufragara um navio inglez cuja tripulação lá permanecera largo tempo. Um dos naufragos não quizera repatriar-se; convertera-se ao catholicismo e possuia estancia não muito longe desse ponto.

O General Veiga Cabral "sobre cuja humanidade qualquer estrangeiro podia ficar certo de poder contar" não só lhe servira de padrinho de baptismo como ainda lhe fizera muitos beneficios.

A' noite attingiu Lisle a casa de outro capitão de dragões, certo José Carneiro Giraldes onde tambem costumavam pousar os governadores.

Nova recepção generosissima o esperava, optimo jantar e excellente dormida no quarto e na cama de S. Ex.

No dia seguinte succulento propasto e offerta de abundante viatico.

Chegou o nosso *gentleman-convict* a Mostardas a que chama *Moistardio*, onde o vigario não se mostrou menos acolhedor que os seus demais patricios.

Homem de boa educação e bellas maneiras esforçou-se por ser amavel e serviçal para com os seus hospedes de horas. Achou Lisle interessante a situação da aldeia,

no meio de areal cercado de terras ferteis e de lindo aspecto.

Consistia Mostardas em uma unica rua larga a que enmolduravam casas soffrivelmente construidas. Após o jantar seguiu o escossez a pousar em *Nastantia de Pavos* (sic), fazenda da Corôa que não era senão a *Estancia dos Povos*, vizinha da Lagoa da Reserva.

Ali lhe deram mais uma duzia de cavallos, reiuos desorelhados de um lado. Nisto consistia a marca da propriedade regia.

Ficou abysmado o escossez do vulto das manadas de cavallos alçados que por toda a parte encontrava.

Pretende que os seus companheiros eram cavalleiros sobremodo inexperientes; assim para elles só queria animaes mansos. Para si não! Montava qualquer *pingo* tão dextramente quanto os indios que o guiavam!

No dia seguinte, em casa de outro official de milicia, pasmava-se Lisle, da habiliçade com que os peões do Rio Grande manejavam o laço e as bolas. Descreve então, longamente e com mil minucias aos seus leitores inglezes, as operações dos laçadores que literalmente o maravilharam.

Em outro ponto impressionou-se com a belleza da paizagem e a esplendida apparencia da fertilidade da terra onde se encontravam as matarias, os rios e os lagos.

Por toda a parte abundancia de caça, cavallos e bois selvagens em quantidade. Tambem appareciam, frequentes, os grandes bandos de emas.

Houve um dia, porém, assignalado por pobre almoço e pobre jantar. Realizou-se o primeiro numa fazenda onde os inglezes e seus companheiros só encontraram leite. E o segundo noutro retiro menos desprovido de recursos ainda.

Felizmente era rica a matalotagem das cangalhas da tropa. Continuando para o Norte, passou Lisle, a vau, um rio em cuja margem havia pobre aldeola de pescadores e logo depois encontrou miseravel arraial de negros cujos casebres, immundos, se achavam quasi em ruinas.

Havia porém na vizinhança, em torno de uma casa de estancia regularmente boa, pouso onde encontrou carne, leite e ovos.

Mas estava o predio do estancieiro deserto e fechado; solidamente trancado; retirara-se o dono para outra propriedade, que por perto possuia.

Não por elle, pretende Lisle, mas pelos companheiros, resolveu occupar a morada vazia. Depois de grande trabalho conseguiu levantar os ferrolhos de uma porta e penetrar no predio que não tinha um unico movel, mas onde encontrou toucinho e queijo "optimo reforço da ceia".

No dia seguinte, depois de muito bem dormida noite, fóra do relento, partia o nosso Major que, como despedida, imaginara uma pilheria destinada a causar espanto ao proprietario da estancia e incognito albergador.

Assim aferrolhou todas as portas e o menino Richards, depois de todos sahirem, passou para fóra por acanhado oculo.

“Partimos deixando o nosso proprietario em apuros para entrar em sua casa, escreve o *ex-convict* que desta maneira dava boas mostras do sentimento de gratidão para com o povo que o tratava tão bem.

Era o lugar lindissimo e com saudades delle se afastou. Ficava a casa a meia milha de “nobre e largo lago” (provavelmente o de Itapeva) a que rodeava luxuriante gramado. Terra fertilissima, rica de caça de toda a especie. Atrás da casa basto e lindo arvoredado; ao longe montanhas enquadravam a perspectiva do modo mais pittoresco.

Que paisagem admiravel!

Depois de um descanso em outra estancia partiu a caravana em direcção a São Domingos das Torres.

A viagem pela praia, para attingir aquel'e ponto, deu-lhe a conhecer a selvatica majestade das rochas de onde provinha o nome do local. Que contraste com os aspectos de fertilidade da vespera!

Em Torres encontrou o escossez um principio de fortificações onde havia dois canhões montados.

Mostravam-se o dragão guia e o creado particular de Lisle absolutamente estrompados. Tambem haviam dado de si de modo absolutamente pasmoso. Assim lhes foi concedido descanso, resolvendo o *highlander* passar vinte e quatro horas naquelle ponto curioso onde aliás encontrara optima companhia: a do tenente comandante do porto, homem superior que além de tudo tinha duas filhas encantadoras. “Cantavam estas moças deliciosamente e com a maior expressão dedilhavam a

harpa e tocavam outros instrumentos". Interessou-se muito Lisle pelo exame das rochas de Torres onde a arrebentação furiosa de vagas de enorme altura fazia infernal ruido.

Da costa poudo vêr, numas ilhotas em face do porto, immensa quantidade de phocas. Mostrou-lhe o tenente numerosos couros destes amphibios, tão grandes que pareciam provir de alentados touros.

Impressionou o commandante, sobremaneira, ao aventureiro inglez: Era homem de invulgar intelligencia. Que pena vivesse naquelle deserto quando estava em condições de brilhar, e muito, em outros meios muito mais elevados! Infelizmente não lhe cita o nome.

Relatou-lhe o official que embora fosse o paiz quasi deserto assim mesmo poderia elle, em vinte e quatro horas, mobilizar quinhentos homens bem armados e exercitados.

Achou Lisle magnifica a cavallaria riograndense; talvez até fosse a melhor do mundo. Especialmente para aquellas paragens onde os cavallos, excellentes, viviam em pastagens a que não se habituariam os animaes da Europa.

E os cavalleiros?! que cavalleiros! intrepidos e robustos, acostumados á sella desde a infancia, supportando a fadiga, com assombrosa resistencia!

Cada soldado de dragões, além da propria cavalgadura, levava sempre a dextra de dois a cinco animaes, pelos quaes se revezava.

“Homens de grande elegancia, até quando se tratava de simples praças de pret, usavam enormes esporas e espadas, cujos copos eram de prata massiça”.

Os habitantes da provincia do Rio Grande, affirma o *highlander*, differem consideravelmente dos do resto do Brasil e até dos portuguezes propriamente ditos. São activos e industriñosos, notavelmente hospitaleiros para com os forasteiros e demonstram largamente a alegria e o bom genio que os caracteriza”.

Passado aquelle dia de descanso declarou o guia poder continuar a viagem.

VI

Viagem em Santa Catharina. Estada na Laguna e no Desterro. Partida para o Rio de Janeiro.

LOGO depois entrava Semple Lisle em terras de Santa Catharina, seguindo sempre o caminho da costa.

Ao meio-dia chegava a uma cabana, onde só encontrou leite e um pouco de aguardente que ajuntou á provisão de farinha transportada no farnel.

Descreve então o ex-passageiro da *Lady Shore* o que era a "farinha de pão" tão essencial a todo o Brasil, unico pão dos brasileiros, base da alimentação dos negros que além della só ingeriam bananas. Interessante é quando affirma que tal alimento procedia dos rhizomas de certa planta dos quaes o mais grosso attingia, quando muito, o diametro de uma pollegada. Pobres mandiocaes deve ter conhecido o nosso *swindler*, desviado da Australia pelo destino...

Proseguindo para o Norte teve Lisle de atravessar, já á noite, largo rio correntoso, que não dava vao, provavelmente o Tubarão.

A' margem direita havia um corpo de guarda e canoieiros ali a postos, permanentemente, por ordem do governo de Santa Catharina. O criado do escossez atravessou o caudal a nado, acordou os soldados do posto que vieram logo offerecer se para transportar os passantes.

Moravam numa casinha pobrissima e só puderam offerecer farinha e "peixe secco" "muito mal enxuto".

Felizmente traziam os viajantes, esfoimados p'na marcha, um resto de provisões immediatamente consumidas.

Passou Lisle a noite á margem do Tubarão. Chovia torrencialmente e o casebre tinha mil e uma goteiras. Ficaram todos ali obrigados a permanecer quasi tão encharcados quanto se houvessem atravessado as horas ao relente.

Pela manhãzinha appareceu-lhes um velho francez de ridicula estatura, quasi um homunculo.

Morava na redondeza. Viera para Santa Catharina como praça de pret e havia vinte e seis annos não achava com quem falar a lingua materna! Esquecera-a quasi inteiramente. E o peor é que, tambem, era o seu portuguez de tal ordem que a gente de sua familia mal conseguia comprehendel-o, prova de sua positiva debilidade mental.

Suppria-lhe a deficiencia verbal prodigiosa mimica em que adquirira a mais grotesca facilidade. "Por vezes, annota Semple Lisle, deu-me a impressão de que não passava de um macacão".

A travessia do Capivary, affluente do Tubarão, não menos profundo e correntoso do que o seu rio mestre, novo e grande trabalho occasionou.

Passaram-no os viajantes em canoas e a cavallada a nado. A foz do Tubarão na Laguna viu-se Semple Lisle abysinado do nosso methodo primitivo de pesca, chamado de *promombó*. Immensa quantidade de peixe ali havia. Bastava aos pescadores bater com os remos nagua para que os "habitantes das salsas ondas" do velho chavão, se puzessem a saltar enclendo em poucos minutos os barcos empregados naquella commoda colheita.

Um estouro da cavallada fez com que a caravana seguisse em desapoderado galope pelas praias de areias ardentes, sob formidavel soalleira. Os admiraveis cavalleiros que eram os peões riograndenses conseguiram porém deter os animaes disparados, mas após longo e penoso percurso.

Naquella noite descansaram os viajantes, estafados da correria, numa aldeia de miseraveis cabanas onde só acharam a comprar um pouco de aguardente. Jantaram, porém, lautamente, graças ao optimo peixe comprado dos praticantes do *promombó*.

No dia seguinte informaram os guias que mais cinco leguas e a comitiva attingiria a Laguna.

Enganavam-se redondamente porém. As taes leguas muito ainda ficavam a dever áquellas a que a nossa gyria caipira pittorescamente attribue beijos.

A' noite attingiram Lisle e os companheiros após cansativa marcha, do dia inteiro, a fazenda de um padre, que estava ausente, mas cujos escravos lhes venderam gallinhas e um carneiro.

Assim foi o jantar excellente e a noite boa, sob o tecto do ecclesiastico. Na madrugada seguinte proseguiu a marcha para a Laguna, apparecendo então as primeiras montanhas avistadas desde a partida de Torres.

Grandes dunas tiveram os viandantes de atravessar. Em dado momento a bordo de enorme e penhascoso precipicio certificaram-se de que os guias se haviam extraviado!

Tiveram todos de descavalgar e puxar as montarias através de declive, aspero como raros. E afinal vencidas grandes difficuldades se acharam no caminho certo, depois de cortarem territorio de aspecto muito romantico, accidentado e selvatico.

Transposto enorme banhado attingiram a margem da Laguna onde canoas os deviam levar á cidade dos Brito Peixoto.

Ali deixando a cavallhada do Rio Grande embarcaram e após a travessia do lago salobro acharam-se no porto da villa de Santo Antonio dos Anjos da Alaguna, cheio de pequeninos barcos, excellentemente construidos, esquadilha esta que dava a idéa do intenso trafego maritimo da região.

O commandante local, provavelmente o Capitão Mór, recebeu os estrangeiros com mil gentilezas e alojou-os do modo mais confortavel.

Teve Semple Lisle da Laguna a melhor das impressões, villa pequena mas bem construida, habitada por população bem trajada, que parecia viver no verdadeiro paiz da Cornucopia.

Lindos os seus arredores, onde se concentravam todos os accidentes naturaes propicios a que o local florescesse e enriquecesse.

Na Laguna despediu Lisle os indios e os soldados mandando, por seu intermedio, calorosos agradecimentos a Veiga Cabral.

Enganara-se S. Ex.! A viagem, longe de ser penosa, como lhe assegurara, correria extraordinariamente agradável e interessante.

Pudera! como não se sentiria feliz, a mover-se livremente quem se destinava ás "doçuras" do presidio australiano, no delicioso convivio dos *gentlemen-convicts* e das *ladies-convicts*!

Partiu o nosso *swindler* da Laguna, a 16 de Outubro, em direcção ao Desterro. Haviam-lhe dado ali novos soldados de dragões como guias e novas cavalgaduras.

Ao meio-dia chegava a Villa Nova, "lindissima aldeia situada numa encosta de collina". Lá descansou durante as horas de calmaria, trocou de cavallos e de guias e passou a ter conhecimento de scenas para elle totalmente novas.

Cortava a vereda do Norte immensa floresta e tão estreita em que não permittia a dois cavalleiros seguir lado a lado. Em muitos pontos chegava o emmaranhado da matta a não permittir a passagem a um só viandante!

Assim aconteceu que em certo lugar o commissario Black se viu litteralmente entalado entre duas enormes arvores.

Em muitos pontos estava a picada tão ruim que Lisle, apesar de gabar-se de excellente cavalleiro, declara não saber como não foi atirado, muitas vezes, da sella ao chão.

O mais difficultoso da viagem provinha do facto de que precisavam os viandantes quasi deitar-se ao longo dos animaes para não quebrarem as cabeças pe'os galhos das arvores. E nesta penosissima postura tinham de subir e descer por precipicios continuos.

Caminhavam os nossos viandantes a ouvir uma musica perfeitamente adequada ao scenario selvagem que os rodeava. Ora escutavam os "roncos e uivos de differentes animaes selvagens que a cada momento interferiam com os silvos das serperes". "Muito embora pela localizaçao dos sons percebessesmos que estavam perto de nós a nenhum animal vimos".

Quanta desillusão lhe traria conhecer quem em geral certamente emittia tão horrisonos gritos: pequenas aves e modestos insectos!!

Após tão terrivel e cansativa marcha chegou o escossez algum tempo após o occaso a uma armação de balcias a de Garopaba, recém-fundada, a onze ou doze leguas de Desterro.

O feitor, homem intelligente, recebeu-o do modo mais amavel. Habitava excellente casa, a melhor que o viajante até então encontrara no Brasil e mostrou com todas as minucias o seu estabelecimento.

Queixou-se bastante dos baleeiros inglezes, o que Lisle attribuiu á concurrencia feita á pesca lusitana pela "industria e actividade dos subditos britannicos".

Aconselhou-o o feitor a que não proseguisse a viagem por terra em estrada ainda muito peor do que o trecho da Laguna alli.

Dar-lhe-ia conducção em uma de suas baleciras. E assim fez: no dia seguinte partiu pela manhãzinha o nosso aventureiro e ás duas horas desembarcava no Desterro, extasiado da travessia, positivamente deslumbrado do scenario que contemplara.

Excedia elle tudo quanto jamais vira ou de que ouvira falar, em materia paizagistica. Que coisa estupenda aquella navegação por um canal emoldurado pelas mais "ferteis montanhas", e attingindo, em seus pontos mais afastados, a uma legua escassa.

Toda a costa, em ambas as margens, parecia um só laranjai. "Em dada occasião, relata, desembarcámos numa fazendinha situada no mais aprazivel dos locais para descansar um pouco. E ali a gente carregou o nosso bote com deliciosas laranjas".

Desembarçando no Desterro apresentou-se logo Semple Lisle ao governador local a quem entregou a carta de recommendação de seu collega do Rio Grande do Sul.

Era esta autoridade o Tenente Coronel João Alberto de Miranda Ribeiro, successor do Coronel Soares Coimbra e governador da capitania catharinense de 1791 a 1800, anno de seu fallecimento. Por este tempo toda a

circumscripção a que regia contava escassas trinta e cinco mil almas.

Recebeu Miranda Ribeiro os estrangeiros com a maior affabilidade, e mandou aposental-os em palacio.

Advertiu a Lisle que muito provavelmente poderia offerecer-lhe passagem gratis para o Rio de Janeiro, a bordo de um dos navios da divisão naval de guerra, tres fragatas e um brigue, que, sob o commando do Almirante Antonio Januario do Valle, acabava de fundear em aguas catharinenses.

Assim, naquella mesma tarde mandara avisar a este Chefe de Esquadra da chegada dos naufragos para elles pedindo passagens.

Dois dias mais tarde assistiu Lisle ao desembarque do Almirante e seu Estado Maior.

Formou toda a guarnição de linha da Ilha e toda a milicia local, assim como um batalhão de infantaria, em transito para o Rio Grande do Sul.

Optima impressão teve o ex-Major russo e hollandez da formatura daquella tropa que recebeu Sua Excelencia com as honras devidas á sua tão alta patente. Esplendida a apresentação de todos os corpos, homogeneamente muito bem fardados". Reforçou-lhe o aspecto da cavallaria a opinião que desde o Rio Grande trazia desta arma.

"O uniforme dos milicianos da Ilha, quer o da infantaria quer o da cavallaria, é azul claro; os soldados, bem providos de carnes, são homens bem feitos e seus cavallos melhores do que os do Rio Grande. Isto se deve

ao facto de comerem milho o que no Rio Grande succede apenas aos animaes domesticos”.

A proposito da cavallaria lembra Semple Lisle um facto que lhe chamou a attenção.

As redeas e freios dos indios rio-grandenses eram quasi exactamente como os dos tartaros turcos e mouros, de Marrocos, quando jamais houvera entre estes povos tão distantes, o menor contacto. Os estribos de uns e de outros é que se mostravam completamente diversos.

Muito exquisitos os do Brasil: de madeira, em forma de semi-circulo, onde o cavalleiro apoiava o dedo grande do pé, num ponto onde mal este cabia. Usavam os cavalleiros lóros tão compridos que os forçavam á extensão integral da perna.

Honras extraordinarias foram prestadas ao Almirante: sua subida de bordo foi assignalada por uma salva e o seu escaler ao passar pelos diversos fortes recebeu as honras reaes (sic!)

Tudo isto porque Sua Excellencia viera de Lisboa investido de missão regia da maxima importancia, a de fazer uma inspecção geral dos negocios do Brasil (!)”.

Ao seu escaler se seguiam muitos outros, os dos capitães das naus e officiaes ás ordens das altas patentes da esquadra.

No estado maior do Coronel João Alberto figuravam o nosso “ex-convict” e o commissario Black, convidados especiaes do governo catharinense.

Desembarcado o chefe da esquadra foram ambos a elle apresentados pelo proprio Miranda Ribeiro, mas

nenhuma conversa se entaboulo então, porque o General e o seu sequito se dirigiam á Igreja, afim de ouvir missa...

“Tal o protocolo portuguez que não admite se trate de negocio ou de assumpto algum, senão depois de findas as cerimoniaes religiosas”, affirma o nosso deportado para a Australia.

A Lisle coube a surpresa de encontrar, no Desterro, um official francez, daquelles milhares de fidalgos que a Grande Revolução esparramara pelos quatro cantos do Universo, e os reis haviam protegido.

Conhecera este nobre no exercito de Condé, no Rheno, e com satisfação com elle reatou as antigas relações “daquelle tempo saudoso em que se via honrado pela amizade e a confiança de altas personalidades”.

Apresentando-se ao Almirante Valle teve o nosso Lisle o prazer de nelle encontrar o mais acolhedor dos homens.

Leu com todo o interesse a carta de Veiga Cabral, e promettendo-lhe o valimento convidou-o a que o visitasse em sua capitanea.

Igual convite recebeu o nosso ex-major russo de certo capitão de mar e guerra, Thompson, inglez de nascimento, que mandou buscal-o, no proprio escaler.

Assim esteve em todos os navios da divisão, onde, depois, jantou com o Almirante que o tratou magnificamente e lhe offereceu passagem para o Rio de Janeiro, na sua propria nau, assim como ao menino Richard, e ao seu creação.

A bordo da capitanea servia outro official inglez "igualmente distincto pela elegancia das maneiras, trato e aspecto", o *Major-General da Esquadra* (sic) Philippe Hancorne.

Ficou-lhe o nosso Lisle immensamente grato ás atenções.

Tres semanas permaneceu o nosso "swindler", no Desterro, sempre tratado com a maior polidez pelo Governador e os principaes cidadãos da capita' catharinense. E' o que pelo menos affirma.

Divertiu-se bastante e de modo variado. Miranda Ribeiro apreciava immenso a musica e a dança. Assim organizou bailes frequentes e animados a que concorreram os officiaes da esquadra.

Como o almirante, em hypothese alguma, deixava de dormir a bordo, transportou-se o Governador para Santo Antonio, afim de o animar a vir a terra, visto como este logar se achava muito mais proximo do fundeadouro da esquadra.

Assim, o "grand monde" desterrense passou a visitar Santo Antonio, onde o tempo corria do modo mais agradavel.

Grande prazer, declara Semple Lisle, ter tido, com o conhecimento, então feito, do Major de Engenheiros, Joaquim Correa da Serra "homem de conhecimentos enormes, universaes, e cujo talento profissional já lhe havia angariado a mais brilhante situação",

Achava-se em Santa Catharina occupado em construir fortalezas: as de São João e de Santa Barbara, no Estreito.

Taes os seus predicados e dotes que ao pensar em sua pessoa jáma.s deixara de sentir que não lhe utilisassem melhor os talentos, em mais vasto scenario:

Sobre Santa Catharina, a unica cousa que o nosso "escroc" escossez achou para dizer, foi que, sendo a ilha notavelmente fertil e podendo, com pequeno esforço, converter-se em região de rica productividade, era no emtanto, muito pobre. Tal a preguiça dos catharinenses que nada exportavam! Pois, se até o gao destinado ao corte lhes vinha do Rio Grande do Sul!

Como isto é exacto! vac pela mesma bitola das outras verdades do ex-favorite da duqueza de Kingston.

A 31 de Outubro de 1797, no meio dos grandes divertimentos proporcionados pela sociedade catharinense, recebeu Lisle aviso de que devia embarcar, no dia seguinte, com destino ao Rio de Janeiro.

E, assim, promptamente, se preparou para a partida, realisada, contudo, a 4 de Novembro, por causa do tempo contrario.

Só a 18 de Novembro é que entrou a divisão do Chefe Valle, em aguas da Guanabara.

Vinha Lisle entusiasmado "com aquella quinzena de mar em camarote espaçoso e acciadissimo. Mesa optima a do almirante!"

Jamais conhecera melhor maritimo, melhor comandante e mais perfeito fidalgo!"

Tambem á vista de tanta nobreza de character resolveu com elle abrir-se e contar-lhe, por miude, todos os lances da attribulada vida.

Verificára, então, que S. Ex., homem que sabia julgar, por si só, sem insinuações de quem quer que fosse, não tinha “aquelles preconceitos mesquinhos, dominadores, das mentalidades tacanhas”.

“O facto de com elle me abrir, só me valeu vel-o redobrar de gentilezas para commigo”.

Assim sob a influencia de roscos presagios, entrou na muito heroica e leal cidade sebastiaunense da eterna chapa o ex-convict, escapo ao degredo australiano graças á revolta da tripulação da *Lady Shore*.

VII

Estada do "swindler" no Rio de Janeiro. Mentiras sobre mentiras. Rixas e questões complicadas. Informes sobre o Rio de Janeiro.

A PRESENTAVA-SE a sua situação delicadissima. Achara pois de melhor alvitre contar ao Almirante o que na patria lhe acontecera. Era isto intelligente tanto mais quanto varios de seus companheiros de travessia e arribada perfeitamente informados de tudo, não tardariam em proclamar *urbi et orbi* toda a verdade a seu respeito.

Logo, ao desembarcar no Rio, um delles, seu amigo, trouxe-lhe a noticia do que, a tal proposito, tinham outros inglezes espalhado cousas desagradaveis, noticias já chegadas aos ouvidos do proprio Vice-Rei.

Assim resolveu apresentar-se logo á presença do representante de D. Maria I, o Conde de Rezende, que o recebeu muito polidamente.

Deu-lhe não só licença para ficar em terra como até lhe disse que lhe mandaria preparar commodos em uma boa casa,

Do palacio vice-real foi o aventureiro ao episcopal onde o Bispo D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castello Branco não menos cordealmente o acolheu.

Uma coisa que nos torna muito suspicaz é esta affirmativa reiterada do aventureiro de que se viu sempre tratado com a maior amisade, consideração e carinho por todas as autoridades maximas do Brasil.

No Rio Grande do Sul, tivera o governador Veiga Cabral para com elle extremos de interesse paterno. Em Santa Catharina, o seu collega Miranda Ribeiro alojara-o em palacio a fazer-lhe mil finezas. O Almirante Valle enchera-o de attensões inacreditaveis, como a um dos magnatas do Globo.

Não soubera o Vice-Rei do Brasil o que inventar para lhe ser agradavel e o beneficiar. Assim tambem o Capitão General da Bahia. Ora está tudo isto tão em desaccôrdo com os habitos e modos reservados dos satrapas portuguezes que nos vemos em presença de um destes casos compendiados pelo nosso proverbio relativo aos pobres que se vêem, subitamente, em presença de demasiada esmola...

E depois conhecemos a força do mestre Simple Lisle. E' muito explicavel a psychologia do seu caso: escrevia o velhaco a autobiographia tendo em vista impressionar favoravelmente a opinião ingleza.

Allegando os bons tratos e as demonstrações de consideração, por toda a parte, dos fidalgos e altas patentes portuguezas, bem sabia que não iriam estas desmentil-o.

Nem talvez jamais viessem a certificar-se de que de seus nomes se tinha elle servido.

E assim com o respeito que, em geral, todos têm pela palavra impressa, poderia angariar alguns depoimentos valiosos e favoraveis, de gente bem collocada, e commover aquelles de quem pretendia angariar a benevolencia.

Quem de nós brasileiros crerá que os Capitães Generaes do Brasil, o Vice-Rei, os chefes de esquadras, hajam tão cegamente cerrado ouvidos ás denuncias dos proprios patricios do refinado patife, deixando influenciar-se por sympathia absolutamente fulminante, e inexplicavel, em gente tão reservada, para com estrangeiros, e hereges ainda por cima?

Assim temos como uma serie de descabeladas mentiras estas novidades do ex-major russo relativas á sua amizade estreita com os governantes do Brasil, do Sul ao Norte.

Quem por exemplo acreditará que o velhaco haja sido tratado como pretende por um homem como o Conde de Rezende?

Não fôra outro o Vice-Rei do Brasil, soturno, desconfiado, pouco ameno, amigo da violencia, despotico! Que o dissessem o futuro Marquez de Maricá e os seus amigos de palestras literarias!

Assim temos, de nós para nós, que todas estas affirmações do aventureiro visavam sobretudo o publico inglez, a armar effeito perante elle com vistas a possivel

melhoria de situação, em face do suspiradíssimo perdão geral de numerosas tranquièrnias de todo o genero.

Continuando a mendaz narrativa conta o imaginoso Semple Lisle que na casa a elle destinada encontrou com grande surpresa os antigos desaffectedos, companheiros de travessia australiana o Tenente Minchin e a mulher, que, ao vel-o, ficaram litteralmente petrificados.

Ingenosamente confessou-lhe o tenente que desde muito o suppunha na Europa. Queixou-se então amargamente do Vice-Rei que só lhe mandara dar, para o sustento e o da mulher, d'ariaimente, pataca e meia (480 réis).

Relatou-lhe ainda que dois outros officiaes, Drummond e Murchison, haviam contado ao Conde de Rezende o peor que d'elle poderiam relatar perversos inimigos.

Achou-o o aventureiro muito perturbado, porém, ao lhe revelar estas noticias graves.

Ao sahir encontrou-se exactamente com os dois accusados. Interpellados negaram-lhe *in totum* o caso, relatando-lhe que o contrario era a verdade. O depoimento contra elle, Lisle provinha de Minchin e fôra por este escripto ao Conde:

Correu o escossez a palacio, onde, do filho do Vice-Rei, ouviu a plena confirmação do facto.

A' vista disto resolveu fazer *mea culpa* completa, por meio de extenso relatorio, enviado ao Conde de Rezende e ao Almirante. Appellava para a generosidade de ambos, allegando quanto sua conducta fôra, sempre, no Brasil, inpeccavel,

Como resposta veio a mais favoravel decisão, mandando-lhe o Conde a chave de boa casa de residencia e pouco depois a de um camarote do Theatro da Opera! Contemporaneamente respondia-lhe o almirante enviando-lhe "bonito presente", em moda corrente e sonante.

Mas não parou ali a serie de gentilezas das mais altas autoridades fluminenses. O Bispo avisou-o de que, a qualquer hora, o palacio episcopal lhe estaria franqueado. E logo depois punha á sua disposição um carro!

Depois de impingir todas estas mentiras, ainda acrescenta o nosso faisario que taes distincções mortificavam sobrenhancira os seus patricios.

Sabedor de quanto era Lisle capaz, e lembrando-se do que fizera a Prater, o outro official indiscreto que lhe relatara as façanhas no Rio Grande do Sul e a quem severamente castigara — trancava-se Minchin a sete chaves e ao mesmo tempo pedia garantias de vida ao Vice-Rel.

Trouxe-o o *ex-convict* vigiado, dia e noite, pois "estava resolvido a castigal-o devéras como tanto merecia".

Continuando na serie das invencionices referenos o velhacaz, que, segundo certo boato, nem o Conde se dignara responder ao poltrão delator.

Corria ainda outra versão, porém, e muito mais grave: mandara-lhe Sua Excellencia um par de pistolas, lembrando-lhe que era um official de Sua Majestade Britannica. Assim cumprisse o dever de homem de brio, desafiando o perturbador de sua liberdade!

Intervindo o Almirante fez com que Lis'e lhe jurasse não atacar Minchin no Brasil. Pois assim mesmo, garantido como agora estava nunca mais teve o contumaz denunciador a coragem de pôr o nariz á rua por tal motivo incorrendo no maior desprezo da officialidade de terra e mar e dos fluminenses em peso" (sic).

Surge-nos ahi outra historia prolixa do insigne *swindler*: a proposito de haverem varios officiaes inglezes reclamado do Vice-Rei contra a exiguidade do auxilio que lhes arbitrara para se manterem no Rio, até partirem para a Europa. .

Convidado a assignar a representação relativa a esta queixa a tal se recusou, allegando a enorme generosidade das altas autoridades a seu respeito.

Não podia, não queria ser ingrato! Esta attitude valeu-lhe os maiores elogios e vantagens de seus amigos brasileiros.

E com effeito embarcou-o o Almirante para Lisboa numa fragata portugueza, o *Ulysses*, Commandante João da Costa de Cabedo, "um dos mais distinctos officiaes da marinha da Europa, a quem já devia a honra de me incluir entre os seus amigos", affirma.

Como o governo mandasse attribuir a este capitão uma somma correspondente ás passagens de'le Lis'e, do menino Richards seu protegido, e do criado, tomado no Rio Grande do Sul, quantia correspondente a um total de seis cruzados diarios, o bizarro marujo, ao receber o dinheiro, entregara-o logo ao seu passageiro.

A 24 de Janeiro de 1789 partia para a Europa todo o pessoal da *Lady Shore*, arribado ao Brasil, excepto elle, Lisle.

Postou-se á hora do embarque em frente á casa de Minchin que, aterrorizado, não ousou sahir, requisitando do "Ajudante General da Guarnição" uma escolta que o acompanhasse e protegesse.

Appareceram dois soldados e um cabo que o levaram ao caes sob as formidaveis gargalhadas de quantos presenciavam este impagavel sequito.

Depois deste ultimo e formidoloso carapetão passa o nosso Semple Lisle a contar aos seus leitores alguma coisa relativa ao Rio de Janeiro, "cidade grande, animada, bem edificada e a que rodeavam chacaras e jardins fidalgos".

Grande e comodo, o palacio vice-real, magnificamente mobiliado, nova e tremenda mentira, demonstrativa de quanto o aventureiro, provavelmente, nunca visitou o paço do Conde de Rezende.

Ruas bem calçadas as da metropole brasileira, mas sem a minima illuminação, mostrando casas geralmente boas, mas com janellas de rotula. Igrejas ricas e prodigiosamente numerosas.

Grandes fortunas havia na cidade carioca, o que revelava accentuado aspecto de bem-estar e onde a abastança se manifestava de muitos modos. Em materia de divertimentos publicos intellectuaes só conheciam os fluminenses os espectaculos da Opera, theatrinho sem valor.

As reuniões familiares realizavam-se, porém, muito numerosas e sociaes. Não pareceram comtudo, ao nosso *swindler*, os cariocas tão hospitaleiros quanto os demais brasileiros, sobretudo os rio-grandenses.

Impressionou-o bem a sua vivacidade e o modo humano pelo qual tratavam os escravos. Frequentemente, e ainda moços, ficavam elles, graças á generosidade dos amos, habilitados a resgatar a liberdade.

Das cariocas avançou Lisle umas tantas coisas injuriasas. De modo algum se mostravam paracigmas da castidade...

E cynicamente erotico, como sempre, aliás, escreveu precioso depoimento para quem algum dia tiver a pouco edificante lembrança de escrever a historia da *galanterie* em nosso paiz.

"As cortezãs da cidade são notavelmente exigentes quanto ao preço exigido pela remuneração de seus favores: querem presentes de vinte e, até, ás vezes, de cem *joes*".

Alfredo de Carvalho traduz *joe* por *meia peça*, o que nada significa. Conta-nos o dicionario de Webster que tal palavra é obsoleta; pertencia ao *slang* de fins do seculo XVIII, e designava uma moeda de quatro pence, hoje retirada da circulação. Uma libra esterlina valia pois sessenta *joes* (Rs. 3\$600).

Passando a outra ordem de assumptos escreve Lisle umas tantas sandices sobre a etiologia dos males frequentes entre os fluminenses. "Entre as esquisitices da gente deste logar convem enumerar o uso frequente, ou

antes incessante, de banhos mornos. Se isto é, ou não, salutar não sei dizel-o; os medicos que o façam. Convem contudo lembrar que dois achaques aqui se mostram extremamente vulgares: inchação das pernas que attingem ás vezes prodigiosas dimensões e as hydroceles, de espantoso volume. Occorrem ás vezes simultaneamente, vendo-se pacientes affligidos por intumescencias que, por vezes, vêm ter abaixo dos joelhos!”

Tinha aliás toda a procedencia esta observação do aventureiro. Quantos dentre os nossos antigos autores, que versaram materia medica fluminense, attribuiram larga parte de suas dissertações ao estudo aprofundado das inflammções frequentes, no Rio de Janeiro de antanho, do tecido cellular por infiltração serosa, os anasarcas tão citados pelos velhos tratadistas.

Da guarnição fluminense refere Lisle que ella consistia em duas companhias de aliás muito bellos dragões, da guarda vice real, dois regimentos de linha, e um batalhão de artilharia. Embora muito superiores á tropa do Reino, não supportavam estes corpos comparação com a propria milicia local, tres magnificos regimentos de brancos, negros e mulatos.

O corpo dos pardos então se apresentava de modo a exceder tudo quanto elle Lisle jámais vira em materia de equipamento.

Frequerentemente licenciados, bastaria contudo áquelles milicianos, que quasi v viam fóra da disciplina, uma ou duas campanhas, para provavelmente se converterem em bons soldados. Os pardos, gente de cabedaes, farda-

vam-se á propria custa; os seus uniformes eram azul claro, com forros e vivos vermelhos e passamanes prateados, o que ao todo dava aspecto notavelmente vistoso.

Explica o nosso ex-major a causa desta superioridade das fardas do terço dos Henriques sobre as dos bracos. Este corpo comprehendia gente rica e gente pobre; o dos pardos só arregimentava homens abastados que depois de haverem comprado a liberdade tinham prosperado graças á energia e á capacidade muito maiores do que a dos outros companheiros de armas.

Consistia a exportação fluminense em algodão, café, madeiras tintoriaes, fumo, ouro, açúcar, peles e couros. Era tudo isto transportado em 150 ou 200 navios que, outrora, se reuniam na Bahia antes de singrar para a Europa, juntos, por causa dos corsarios barbarescos e outros.

Agora não, iam por esquadras trimestraes.

Diamantes tambem sahiam do Rio, mas inferiores aos do Oriente porque estes, no dizer dos chemicos, eram inflammaveis e os do Brasil, não (*sic*).

Esplendido o crystal de rocha brasileiro, superfino para os empregos da optica.

Frutas em abundancia produzia o Rio mas não tão boas quanto as riograndenses.

Na capital brasileira eram os cavallos raros. Que differença com os do Rio Grande do Sul! Eram-lhes estes, superiores.

Impressionou-se Lisle com o *algodão de seda* fluminense que certamente deve ter sido a nossa paina. Pode-

ria encher o mundo este producto excellente, não fossem os cariocas invencivelmente vadios!

Depois de lembrar a sedição cousa de que a Guanabara podia abrigar todas as esquadras europeias, fala-nos o major da *Ilha de las Cobras* (sic), prisão de estado, praça fortificadissima, facilmente inexpugnável, severamente guardada e de acesso prohibido a estrangeiros. Tentaram alguns dos refugiados inglezes ingenuamente visital-a. Ali foram ter mas viram-se repellidos.

Naturalmente era esta uma excursão pe'a qual não sentia o nosso Lisle attractivo algum.

Lastimou o escapo da *Lady Shore* que não o enviassem para a Europa no navio em que partira o ex-commissario do navio-convict, seu amigo Black, acerca de quem ouvira os maiores elogios quer do Commandante Thompson quer de um nobre refugiado francez, antigo ajudante de ordens do famoso almirante da guerra americana, o Conde d'Estaing.

Era este fidalgo um commendador de Malta, o *Chevalier* de Drocourt, agora servindo na Armada Real Portugueza.

VIII

Partida do aventureiro para a Bahia. Sua estada ahi. Novas rixas e questões. Partida para Lisbôa.

A PRIMEIRO de Fevereiro de 1798 partiu Lisle para a Bahia num navio da divisão do Contra Almirante Francisco de Paula Leite, o *Ulysses*.

Sessenta dias durou tal travessia! e assim mesmo a esquadilha de guerra ainda entrou na Bahia de Todos os Santos onze dias antes da frota mercante a que comboiava.

Fôra o enorme atrazo devido, sobretudo, á necessidade da descarga, em pleno oceano, de um dos maiores navios da frota que ameaçava submergir-se.

Tocando sempre na mesma tecla, que lhe era tão util ferir, não perde Lisle a vasa de perante os leitores relatar que tambem na Bahia se apressara o Governador da Capitania em lhe dar casa na "Loxlier da Misericordia" (*sic*), e mandar-lhe convite para a sua mesa em palacio, acto de polidez reiterada de que se vira invariavelmente alvo em toda a sua jornada".

“Sabedor da estada, na cidade, do Tenente Minchin, julguei-me desobrigado da promessa feita para a permanencia no Rio de Janeiro e assim lhe escrevi uma carta em que lhe exprimia quanto não desejava que elle manchasse sua patente de official britannico”.

“Nella enchi-o de desaforos, chamei-o de desbriado em todos os tons e indigno de pertencer á nação irlandeza, distincta pela sua coragem”.

Tivesse vergonha, ao menos uma vez na vida, e accitasse um encontro de reparação pelas armas! Se se escondesse, como no Rio de Janeiro fizera, ficasse certo de que elle, Semple, mais dias menos dias o castigaria, onde quer que o visse, mesmo que o enxergasse á mão de Deus Padre!

Mas Minchin não dera resposta alguma a este cartel ou antes a unica offerecida fora confinar-se a bordo do navio em que viera do Rio.

Ao ver zarpar a frota, em que partia o seu perseguidor, fora que, pretextando achar-se muito escorbutoico, retirara-se secretamente para terra.

Na Bahia, conta-nos Lisle que os dias lhe correram a frequentar excellente roda de militares, em casa de importantissimo negociante chamado Lisboa, cujos salões, abertos a todos os estrangeiros de apparencia decente, viviam cheios da melhor sociedade local.

Foi ahi que o nosso ex-official de Potemkin conheceu o Conde Barbasini (sic), o antigo governador de Minas Geraes dos tempos inconfidentes.

Era Barbacena um grande amigo do governador bahiano D. Fernando José de Portugal e Castro, que o obsequiava de mil modos dando-lhe seguidamente esplendidas festas “ás quaes tive a honra de ser convidado”, não deixa Lisle de lembrar. Eram ambos estes fidalgos illustres, homens cultos, de bellos predicados literarios.

Assistiu Lisle a uma cerimonia religiosa de Quinta Feira Santa, que não sabe comtudo dizer-nos qual haja sido. Viu o Governador acompanhado de grande e luzido sequito de fidalgos, visitar todas as principaes igrejas da cidade. Seguindo-lhes os passos ficou attonito da opulencia dos templos bahianos onde as imagens se ostentavam cobertas de ouro e diamantes.

Affirma em seguida que muito o impressionou tambem o optimo aspecto dos negros da Bahia, gente forte e sadia. Soube que não só vinham de determinada região da Africa, de bella população, como eram incomparavelmente mais bem tratados do que os do Rio de Janeiro.

Passando, certo dia, numa das ruas bahianas, e pela porta de um bilhar, viu o aventureiro seu amigo Drummond sovado pelo patricio de ambos, o tenente Prater, caloteiro mór que destarte se excusava de saldar uma divida para com o aggreddido. Secundado por diversos individuos espancava o credor com os tacos da casa enquanto o dono do bilhar, certo homunculo grotesco, já o ameaçava com uma espada.

Tinha o nosso Lisle rixa velha com Prater a quem já no Rio Grande aggreddira. Assim precipitou-se den-

tro do bilhar. “Com um socco na pansa”, desarmeí logo “a burlesca imitação de homem, o tal da espada”, e fui ma'hando, com tamanho enthusiasmo” á direita e á esquerda, em pancadaria de cego, que dentro em pouco “limpei a sala, salvando o amigo daquelle mau passo”, narra-nos.

Nova aventura violenta coube-lhe: outra 'briga, agora com certo alfaiate, que, intimado a lhe entregar a commenda de um terno, foi apoquental-o em casa, o que lhe valeu uma serie de bengaladas!

Fugiu e o nosso major, “pontualissimo” em suas contas, como sabemos, perseguiu-o pelas ruas, furioso, sem se lembrar que se achava *in puris naturalibus*.

“Cabe-me rotar, particulariza, que, ao cahir em mim, bati em retirada tão depressa quanto possível”.

Esta historieta insignificante elle a não relataria, não fôra a serie de consequencias que veio a ter, em Portugal.

Cousa mais seria não tardou porém em lhe succeder.

Numa roda em que estava, certo official portuguez perguntou ao Chevalier de Drocourt, qual a sua opinião sobre a exequibilidade de uma invasão franceza na Inglaterra. Respondeu-lhe o cavalleiro de Malta que caso ella se desse encontraríam os francezes seria resistencia. Formava a tropa ingleza um dos melhores exercitos do mundo. Ahi um ouvinte grosseiramente exclamara:

— Ora, o exercito inglez nada, nada vale!

Quem assim falava era certo typo altamente protegido de um ministro do Reiro, em Lisboa. Presentes

estavam o Almirante Leite, outros officiaes generaes, muitas senhoras e cavalheiros.

“Assim, explica, o mestre Lisle, tive de diferir a vingança a ‘*al affronta*”.

Quiçá percebesse quanto o relato do desforço patriótico, que imaginara tomar, lhe seria levado e grandemente, ao activo, entre os patricios.

Pouco depois, affirma, applicava uma tunda em regra ao depreciador do exercito britannico.

“Embora a minha conducta merecesse geraes applausos, houve muito quem a censurasse, acerbamente. Ousara eu humilhar, deste modo, um portuguez, em sua propria terra!

Entre um dos mais acres censores achava-se o proprio almirante.

“Nunca me disse cousa alguma a tal respeito mas, dias depois, deu-me tão rude trato que, não fora a prudencia, eu o castigaria ali na hora. Fiz-lhe porém clara allusão de que quando chegassemos ao Tejo, onde ficariamos em pé de igualdade, saber-lhe-ia falar em lingua chã e exacta”.

Logo depois ouviu o bellicoso Major, de Drummond e do seu proprio criado, que havia uma trama para o assassinarem.

Na Bahia, da época, eram negros quasi nus e untados de oleo os assassinos profissionaes, os *bravi* locais.

Ja pois o nosso Lisle visitar certa dama de sua especial *sympathia* e Drummond o escoltava a guardar-lhe as costas, quando ao penetrar no saguão da casa da ama-

da esta, espavorida, lhe falou da espera que lhe estava preparada por numeroso grupo de sicarios.

Assim, e a pedido da alarmadissima dulcinéa, retirou-se de espada em punho. Ao entrar na rua onde morava viu-se assaltado pelos capangas. Um dos negros desfechou-lhe uma cutilada ferindo-o levemente. Mas como, providencialmente, estivesse Drummond pelas cercanias, e acudisse ao amigo, fugiu *in albis* a tropa dos scelerados.

“São os bahianos inexcedivelmente hospitaleiros, escreve Lisle; notavelmente alegres mas jogadores apaixonados. Vestem-se com toda a riqueza e bom gosto como jamais vira eu tamanha elegancia. Sua roupa branca, como a dos rio-grândenses, é sobremodo fina e alva”.

Viviam com grande sociabilidade, e de modo muito agradável, mas apenas se encontravam surgiam-lhes dos bolsos, inevitavelmente, os baralhos.

“São os seus jantares sumptuosos e distinguem-se pela variedade enorme das sobremesas, continúa, o que facilmente se explica em terra de açúcar tão bom e tão barato, e de frutas abundantes e deliciosas”.

Referindo-se ás duas cidades do Salvador, diz Lisle que a baixa, animada, cheia de armazens e lojas era tida como muito insalubre.

A gente elegante vivia toda na alta.

Estaleiros pequenos os da Bahia mas optimos, onde a construcção naval se praticava com perfeição.

Nos arredores da cidade, encantadores pelas chaccaras, as culturas e jardins, notava-se grande numero de elegantes quintas e casas.

Por toda parte se evidenciava o aspecto de alegria e de animação da paisagem.

“Certo dia, accrescentou o *ex-convict*, encontrei-me cara a cara com Minehin, apesar de toda a sua *prudencia*. Pois bem, não creio que dahi lhe tenha provindo motivos de gabar a sua boa estrella!

Tão desbriado era, porém, que, apesar das taponas e ponta-pés tomados, mandava, dias mais tarde, pedir ao aggressor que por elle intercedesse junto ao almirante portuguez. Recusava-se o Chefe da Esquadra a acreditar em seu escorbuto e pretendia prohibir-lhe a continuação da permanencia na Bahia.

E o supplicado, o nosso generoso Lisle, promptificou-se a interceder pelo poltrão seu castigado, obtendo o que elle desejava!

Pouco depois chegava á Bahia o Governador de Angola “homem querido por toda a parte por onde passava”.

Em sua comitiva viajava o fluminense Dr. Azeredo que, assim como o irmão, estudara medicina em Edimburgo. Haviam sido os dois primeiros brasileiros formados na Escocia.

Preparava-se Lisle para partir quando lhe appareceu certo Stewart, inglez procedente da India. Delle e de sua familia fez os maiores elogios aos portuguezes e

como o visse quasi sem dinheiro emprestou-lhe vinte libras.

Em retribuição foi Lisle apresental-o ao Governador, a quem pediu um passaporte para o novo amigo. Estava D. Fernando de máo humor e revelou-se muito aspero na recusa. Havendo-lhe Lisle respondido, alterado, por um triz se viu em maos lençoes. Outro não fôra o genio do satrapa portuguez! Cahindo em si acabou o bom magnata por offerecer-lhe um logar no proprio camarote da Opera!

Mas logo depois mudava Stewart de attitudes. E' que certamente até então ignorava as proezas do novo devedor.

“Se eu não tivesse sahido logo da Bahia, ali mesmo teria elle serios motivos de queixa de sua ingratição e falta de generosidade“, affirma o nosso *swindler*.

Era aquelle o homem que me levara a quasi brigar com o meu melhor amigo no Brasil, o Governador Geral, delegado e parente do Rei!. Encolerizado graças ás indignidades provocadas pela attitude do tal *parvenu* oriental, extorquirá-me uma carta dictada pe'la paixão!”

Era aquelle Stewart o mesmo homem capaz de, pouco depois e friamente, mandar tal papel ao Intendente Geral da Policia de Portugal, de quem em Lisboa o recebi a ler, entre outros documentos”.

A este tempo já enviara Semple uma carta ao Duque de Portland com a narrativa completa do caso da *Lady Shore* e a implorar-lhe a protecção poderosa.

No dia 1 de Junho de 1798 sahia da Bahia a bordo da bella nau de guerra, a *Prinzeza da Beira*, do commando do Capitão *Diego da Piva* (sic) modo mais ou menos phoneticamente britannico de graphar Diogo de Paiva. Pertencia este barco a um comboio de 115 navios quasi todos muito grandes.

Acabava este barco de ser lançado ao mar, de estaleiro bahiano. Verificou-se então que fazia bastante agua, motivo pelo qual necessario foi ser calafetado rigorosamente, depois de se lhe remover a carga toda.

"Circumstancia esta felicissima para o Rei e o nosso Commandante, annota o Major. Ao se deslocar uma das tres grandes caixas cheias de ouro que iam a bordo, e valendo enorme semma, verificou-se que soffrera uma effracção de onde lhe proviera notavel allivio.

Não occorrera o roubo a bordo da *Prinzeza da Beira* e com toda a probabilidade a Lisboa chegaria vasia! Assim se desencaminhavam os reaes quintos!

IX

Permanencia em Lisboa. Difficuldades sobre difficuldades. Deportação de Portugal para Gibraltar. Novas complicações ahi. Expulsão para Tanger.

COM cem dias de viagem (!) a 9 de Setembro attingia o navio do Comodoro *Piva* a barra do Tejo. Neste mesmo dia despachava o *ex-convict* segunda e solicita missiva ao Duque de Portland, a quem dizia pretender ficar esperando em Lisboa as ordens que lhe aprouvesse mandar.

Encerrando o seu depoimento desvalioso sobre o Brasil, affirmava o fogoso ex-major dos exercitos russo e hollandez depois de se gabar de já haver percorrido quasi todo o mundo (!) ser o mais attento observador.

“Do que vi e pude julgar é o Brasil o mais rico paiz do Universo. Outros haverá abundantes das cousas de conforto mas nenhum tão opulento em produzir os elementos indispensaveis á vida”.

Dos artigos de exportação achei o paiz muitissimo mais rico do que esperava.

E, no dizer dos proprios portuguezes, até agora não houve europeu que visse maior região brasileira do que eu (sic!)”

Trouxera á Europa bella collecção de especimens de madeira de lei do paiz.

As de marcenaria e construcção naval eram simplesmente esplendidas.

Jactavam-se os portuguezes, sem querer contudo dahi pretender superioridade para os seus maritimos, que, em igualdade de proporções, não havia nau britannica capaz de competir com as suas quando feitas com essencias do Brasil.

Apenas desembarcado escreveu Lisle ao Duque de Portland implorando-lhe novamente a protecção, assim como ao ministro inglez Walpole, plenipotenciario em Lisboa, annunciando-lhe a chegada e declarando-lhe que queria constituir-se prisioneiro.

Declinou o diplomata de tal proposta.

“Logo soffri as consequencias dos meus imprudentes conflictos e questões no Brasil” confessa á puridade o aventureiro. Dias depois era preso e trincado no Castello de S. Jorge de onde appellava desesperadamente, para a protecção do seu ministro e do bom consul Murray.

Era então Intendente Geral da Policia Portugueza o famoso Pina Manique, com quem, como todos sabem, não se brincava.

Mandou syndicar da causa do arresto e soube, com immensa surpresa, que fôra detido a requisição do seu proprio ministro !

Afinal esclareceu-se o caso graças ao consul britânico. Quem requisitara a prisão fóra o *gallant* Almirante Paula Leite, "para impedir-me de falar sobre a sua bella conducta na Bahia", garante o nosso *scindler*.

Afinal os representantes diplomaticos, por intermedio da influencia de Gomes Freire de Andrada, a futura e celebre victima de Lord Beresford, conseguiram de Manique a conversão da pena em deportação.

Tão gabola, tão pretencioso o velhaço que attribue tal decisão ao receio do "perverso" Intendente de Policia de ver o Principe Regente, movido pelos seus amigos, dar razão ao prisioneiro e repreendel-o pela arbitrariedade inutil e inconfessavel praticada.

Abrigou-se o trampoleiro em casa de um Guarda-Mór da Alfandega de Lisboa, certo Joaquim José de Abreu, que o tratou com a maior caridade e até lhe deu dinheiro para a viagem. Partindo dizia de Manique: "individuo capaz dos mais graves actos de crueldade e baixeza".

Eram os desaffectedos do Brasil que o enxotavam de Lisboa. Entre elles o tal a quem, na Bahia, castigara severamente por ter affirmado que o exercito inglez nada valia!

Desabafou-se o *escroc* em injurias sobre injurias aos portuguezes. Gente imunda! de inacreditavel preguiça! vivia pelas portas das casas a se espiolhar em publico!

Nem aproveitava o clima admiravel que a favorecia. Bronca, acreditava nas mais absurdas caraminholas de uma religião atrazadissima, crença que officialisava as mais

absurdas fabulas como as que se referiam a Santo Antonio.

“Extinguira-se, inteiramente, a fibra dos admiraveis navegadores de outr’ora. Da literatura lusa só se salvara Camões”.

“Não havia resquicio de espirito nem de humorismo nas letras portuguezas abafadas pela tyrannia lugubre da Igreja, cuja interferencia de espião insupportavel, na vida privada de todo o mundo, era a causa da profunda tristeza de toda a lugubre raça lusa”.

Do empobrecimento enorme do paiz nascera a recrudescencia geral do ciume masculino e da clausuração feminina.

Entre os camponios, servis e opprimidos, assim se subtrahiam as mulheres e filhas á luxuria dos fidalgos devassos.

Nos theatros de Lisboa, dos quaes um muito bonito aliás, não representavam mulheres. Os papeis femininos desempenhavam-n’os mocinhos, o que servia de incentivo a abominavel vicio muito frequente aliás no paiz.

Os navios de guerra portuguezes, magnificos quando novos, tinham curta vida. Ficavam logo defeituosos, “abaulados, com o perfil do dorso dos porcos”.

Dando-se ares de imparcialidade entendeu o nosso homenzinho iracundo interromper a sua diatribe ao falar das forças navaes lusitanas.

Na marinha portugueza, forçoso era confessar, havia muito que louvar. Maruja optima, forte, disciplinada, or-

deira, bem tratada e fel'z. Officialidade humana, energica, criteriosa e cheia de dignidade.

Mas no exercito!?! que exercito! Que infantaria de indecente aspecto! Ainda mais ordinaria se apresentava a cavallaria, digna do lapis terrivel de um Hogarth.

Tropa grotescamente armada, miseravelmente montada! Só se salvava o regimento de infantaria que trazia o nome illustre de La Lappe (*sic*), do celebre Fe.d Marechal e Capitão General de Portugal e sobretudo de Gomes Freire de Andrada, official de meritos excepcionaes.

Deportado foi-se o nosso Lisle a Tanger e depois a Gibraltar escapando, na viagem, dos assaltos da esquadra hespanhola.

No segundo destes portos encontrou a divisão de um dos mais famosos marujos de sua raça: John Jervis, recém agraciado com o titulo de Conde de S. Vicente e feito primeiro Lord do Almirantado por haver batido, no cabo deste nome, a frota hespanhola do Amirante Cordova, a que aniquilara.

Naturalmente não ousou o nosso Lisle criticar umas das maiores glórias britannicas do seu tempo, maritimo acima de quem a opinião publica collocava apenas Neison.

Fez-lhe estrondosos elogios embora a se queixar de seu procedimento para com elle, seu ardente admirador.

Como o General O'Hara, commandante da praça de Gibraltar, houvesse descoberto, ou inventado, uma conspiração, ali, ordenara a recruta geral, para a esquadra do Conde de S. Vicente, de quanto estrangeiro ou individuo suspeito se achasse naquelle momento na cidade.

Viu-se o nosso Lisle novamente preso, e de farda de marinheiro ás costas, e a bordo do O. H. M. S. Aurora!

Ficou desesperado ao saber que a seu respeito corriam coisas, perigosas. Procedia da guarnição de um corsario, afirmavam os maledicentes! E já Lord Saint Vincent estava informado do caso! Felizmente, graças a um capitão fidalgo da esquadra, Lord William Stewart and Newhouse, poudé obter ordem de soltura mas acompanhado de uma portaria de deportação para Tanger.

Em vez de se queixar do grande Almirante faz-lhe Lisle *et pour cause!* os maiores elogios.

Que homem prodigioso! Que trabalhador formidável! e que capacidade militar e technica de engenheiro naval! Que intelligencia cheia de recursos e expedientes de primeira ordem!

Este chefe infatigavel tinha, como o grande Frederico da Prussia, o dom de ser amado pelos subalternos e á altura das exigencias enormes que lhes impunha.

X

Estada do aventureiro em Marrocos. Aperturas em que se viu. Regresso á Inglaterra. Publicações a seu respeito. Razões por elle publicadas em defesa propria.

EM Tanger viu-se o aventureiro em enormes apuros. Acabara-se-lhe o dinheiro quando pretendia ir para a Allemanha ver se lá arranjava a vida. Ficar em Marrocos era coisa impossivel para um civilizado. A Hespanha, visinha, estava em guerra com a Inglaterra. Assim a conselho do humano consul Matra, mais uma vez recorreu á bondade do Duque de Portland.

A Sua Graça, implorou alguma solução para o seu caso. Permaneceria em Tanger á espera da resposta por algum tempo. Fimdo este prazo a fome e o desespero o levariam a accetar qualquer offerecimento.

De Tanger conta-nos Lisle horrores. Cidade imunda! Só Lisboa lhe levava a palma neste bello particular! Sem calçamento, composta de vielas estreitissimas, tinha em geral miseraveis casas, de tectos desnivelados, onde havia sempre agua em depósitos, a fazer goteira e a tornar os commodos horrivelmente humidos.

Os mouros, tão vagabundos quanto ciumentos, bestializados pelo opio eram as eternas sentinellas de mulheres que certamente não tentavam, de modo algum, quem conhecia o padrao da belleza britannica.

E os judeus tangerinos? Gente abjecta, maltratada, vilipendiada, eternamente opprimida, humilhada, servilissima e espoliada, victima das maiores extorsões das autoridades barbarescas e, no cmtanto, a trabalhar sempre na ancia de enriquecer, sujeitando-se a todas as degradações em troca do lucro.

A' selvageria dos mouros refere-se o nosso aventureiro em termos violentos descrevendo-lhes a barbaria, sob diversos aspectos, mas geralmente de modo pouco interessante.

Felizmente teve sempre em Tanger o conforto da hospitalidade do consul geral britannico e de seus collegas de corpo.

Afinal, em Dezembro, chegou-lhe o aviso de que, se quizesse, podia embarcar para a Inglaterra, mas sob custodia.

Acceitando a proposta fez a viagem de Tanger a Portsmouth, via Gibraltar e Lisboa, em navios de guerra.

Apenas desembarcado escreveu novamente ao Duque de Portland. Pedia-lhe que o deixasse apresentar-se livremente á justiça. Se isto não fosse possivel ao menos lhe deixasse o Governo de Sua Magestade permanecer na ala da prisão de Newgate reservada ás prisões de estado. Receava muito a brutalidade dos companheiros aventureiros da prisão commum por causa de sua denuncia dos

amotinados da *Lady Shore*. Semelhante canalha o considerava como seu antigo cúmplice traidor que, para se livrar do castigo, passara a ser o algoz dos seus camaradas.

Ao mesmo tempo enviava Lisle a Lord Spencer uma collecção de amostras de madeiras do Brasil.

Les petits cadeaux...

Iam as cousas ma! O Tenente Prater escrevera aos jornaes relatando a revolta da *Lady Shore*.

Neste depoimento accusava-o de impostura junto ao Governo do Rio Grande do Sul. E bem succedida graças á fraqueza do Tenente Minchin que delle tinha medo. Fora Minchin quem a elle Prater desmentira perante Veiga Cabral, affirmando que Semple era um gentleman de fortuna e posição, passageiro da *Lady Shore*, e não um presidiario de viagem para a Australia. Chegara ao ponto de aconselhar que Cabral o castigasse por estar a dizer a verdade!

Era Lisle realmente Major do Exercito Hollandez, reiterava ao governador riograndense o desavergonhado e covardissimo Minchin. Entretanto nada mais natural do que a surpresa dos officiaes do Rio Grande vendo o Major batavo sem um unico distinctivo militar!

Vira-se elle Prater forçado a dizer que Lisle nunca tivera farda, a bordo. Era porém exacto que o Commandante Hancorne o tratara como amigo, dera-lhe dinheiro e o apresentara á melhor gente do Rio de Janeiro. Mas Semple, jamais, ingrattissimo como era, se interessara em servir aos seus companheiros de desgraça!

Rudemente atacado retrucou Lisle pelos jornaes a publicar uma carta do seu inimigo, realmente vergonhosa, de peditorio de dinheiro e roupa, na Bahia e agradecendo-lhe beneficios prestados!

Contou então, e por niúdo, quanto lhe valera e o enroupara naquelle tempo. Continuando a responder ao seu accusador lembrava-lhe a covardia. Que official era este de Sua Majestade Britannica que no momento do perigo, em vez de acudir ao seu chefe, gravemente ferido, desaparecera para, depois de horas, ser encontrado, sob um beliche, no porão das prostitutas presidiarias da Australia? Não! toda a verdade seria descoberta! Havia testemunhas honradas presenciadoras do motim de bordo da *Lady Shore* que diriam toda a verdade, como o commissario Black, o Dr. Fyer, medico de bordo, o Tenente Murchison etc. Depois deste desabafo dous mezes esperou Lisle a licença para se apresentar em Londres á justiça real.

Recolhido á prisão de Tothill-Fields-Bridewell viu-se muito bem tratado pelo Director do carcere, o humano Mr. Fenwick, e sua familia.

Alcançou grandes regalias e licença para sahir durante o dia.

Um tal Kearsley publicou então um opusculo relatando-lhe as mil e uma velhacadas.

Precisou o nosso Lisle rebatel-o. Felizmente o fez com vantagem, pois o seu inimigo incluira entre as suas victimas diversos Lords a quem elle não lograra, como

provou por meio de certificados abonadores da innocencia.

Nesta occasião resolveu divulgar nova e publica confissão. E o fez em termos esmertamente espiituosos e cynicos, ao mesmo tempo.

“Devo declarar que não me preocupei com a pontualidade dos pagamentos e que quando precisava de dinheiro ia acccitando emprestimos de quantos eram amigos, verdade é que nunca mais do que alguns guineus. Também é verdade que varios alfaiates, achando-me tardonho em saldar as rrinhas contas, bastante me atropelaram.

Não devo ainda occultar que mil vezes me safei, e por um triz, das garras dos galfarros. E em algumas occasiões de modo muito pittoresco quando pretendiam levar-me á prisão dos devedores remissos”.

A tal proposito contou então algumas anedotas referentes a estas aventuras, como a fuga, cheia de peripecias, num carro de praça, perseguido por meirinhos, que se installaram na trazcira do vehiculo de onde sahiram horrivelmente sacolejados.

Tal o seu topete que se não pejou em narrar que certa vez enviara á casa de um seu homonymo, official do Exercito Inglez, respeitabilissimo, os “abutres da lei” que haviam coberto de vexames o pobre do homem de bem.

Em outra occasião tivera a audacia de disfarçar um judeu vendedor de roupas velhas levando-o a um tribunal como testemunha falsa!

Convertera-se em mystificador da justiça, e graças á

esta tendencia brincalhona delle t'nham os meirinhos londrinos verdadeiro terror.

Fora tudo isto, toda esta feição de espirito gaiato que delle acabara fazendo um *convict* destinado a Port Jackson! Os leitores que o desculpassem. Tudo devia á impetuosidade do temperamento!

Nascido de velha e nobre raça viera ao mundo desgraçadamente privado da riqueza de que a gente de sua classe geralmente dispunha.

Desvairava-o a ambição: os sonhos de grandeza acoçoados por amigos potentados devoravam-n'o.

Tudo perdera pela immensa soffreguidão do temperamento.

"Com enorme abundancia de fogosidade e nem um unico atomo de prudencia atirei-me ao mundo! amigos fizeram-me mil facilidades de credito; tive dinheiro a rodo e gastei sem conta.

A Amisade não me fechou a bolsa quando já eu devia muito: pagou-me as dividas. A ella recorri e alcancei recursos para novos gastos! Nascido entre a mais elevada gente do mundo entendi que a espada me abria as portas do Templo da Gloria.

Desde menino privei com homens dos mais celebres do meu tempo como o Principe Potemkin e o Principe de Ligne.

Taes as distincções por mim recebidas que embriagariam a qualquer homent do mais firme temperamento".

O Duque de Brunswick certa occasião delle dissera a um general inglez: "Fosse eu alfaiate ou sapateiro que a

Lisle não concederia credito a'gum, mas, como soldado, não hesitaria em lhe confiar o commando de todo o exercito prussiano (sic!!!)".

Terminando o seu confiteor declarava o nosso *swindler* que não queria implorar a compaixão dos leitores com quem tão lealmente se abria.

"Entre os meus erros ha muito o que desculpar, mais ainda o que perdoar e muito mais ainda o que deplorar".

Tão complexa era a natureza humana! Os homens de sua robustez viviam sob o imperio das paixões violentas que nas instigações ardentes da mocidade encontravam continuo e imperiosissimo ensejo á pratica da insensatez.

Os maus exemplos a isto se ajuntavam para produzirem deslumbramentos nefastos!

Alegre, honesto, ingenuo, generoso, deixara-se em moço arrastar pelos gozos: aos interesses materiaes desprezara; olhava para o alheio com a mesma leviançade pela qual avaliava o que era seu; os divertimentos só os obtinha á custa do dinheiro.

Contrahira dividas que não podia pagar; começara a usar de expedientes contra os credores; os companheiros de orgia ahi o abandonaram como um inpecilho á vida alegre!

Surgira a pobreza e o recurso a acções que sua consciencia repudiava, mas donde lhe provinham os meios de subsistencia.

Acaso lhe occorria um sorriso da sorte; voltava-lhe a instigação ao prazer causticado pela longa abstinencia. E

a desgraça volvia a pairar sobre o misero. Ahi "os bons amigos" fugiam e todas as portas se fechavam ao abandonado. Começava o clamor da calumnia; os mais benevolos nem ousavam approximar-se do velho companheiro de prazeres!

Continuando nesta dissertação *pro domo* chamava o nosso cavalheiro de industria a attenção dos leitores para um certo numero de circumstancias.

Acontecia, positivamente, que individuos de temperamento impetuoso, açulados pelos prazeres, ás vezes se convertiam em villões, ao passo que os frios, solennes e fleumaticos se mantinham honestos. Mas tambem havia excepções a esta regra.

Os taes sujeitos sem vicios, em geral não possuiam virtude alguma. A prudencia por elles alardeada não passava de pavoroso egoismo.

Pois então! se uma unica acção boa não bastava para firmar a reputação de um homem de bem, outra má, e unica, devia ser quanto bastava para applicar indelevel estigma de villania?

Abrissesem os verberadores ao defeituoso as portas da sociedade e não o perseguissesem nem o accusassem com o clamor da hypocrisia, causador infallivel de sua morte moral.

Quantas vezes, não eram os talentos e os predicados a causa da ruina de quem os possuia?

A inveja dos mesquinhos e a sua perfidia pretendiam arrastar o pobre homem superior á devassidão,

Adulavam-no os perfidos cara a cara, mas calunniavam-no, mal lhes voltava as costas. Esperavam o primeiro passo em falso para o desgraçarem.

Afinal em peroração eloquente terminava o nosso ex-major batavo-moscovita, ex-convict de Port Jackson, desfastio da Duqueza de Kingston, etc., etc., etc., como de tal estão informados os leitores da serie de capitulos agora terminada.

"Sediça observação é a seguinte: são geralmente pobres os homens de talento. Raros os que attingem altas posições!

Pudera! se contam exclusivamente com os recursos do proprio merito! Mal começam a demonstrar a elevação dos predicados, vêem-se investidos e bloqueados pelo exercito dos que, não tendo valor algum, não admittem que mais ninguém possa demonstrar qualidades.

Appareça, onde quer que seja, um moço de grande futuro, cheio de altos predicados de espirito, talento conspicio, mas pequena fortuna!

Estará logo á beira de inevitavel ruina.

Passa-lhe a vida a ser o alvo de continua emboscada submettida á ameaça de mil baterias mascaradas. Começam os "amigos" a lhe lisongear a vaidade, a lhe instigar a sensualidade, a convidal-o a participe dos prazeres.

Deixa-se arrastar pela tendencia ao fausto e afinal succumbe. E sobre sua ruina tripudiam e elevam-se os imbecis..."

Que desfecho teriam tido as attribuições do nosso impregavel Major, victima da impetuosidade, da inveja dos

seus talentos, da injustiça da sorte na partilha dos bens materiaes, eterno perseguido dos alfaiates e sapateiros?

E' o que infelizmente não podemos esclarecer aos leitores pela absoluta deficiencia da bibliographia ingleza ao nosso dispor.

Como "flecha do partha" desferia, ao finalizar o volume o pobresinho perseguido, um projectil contra o calumniador Prater. Habilmente a redobrar de audacia, perante o publico, reproduziu, na integra, o relato de seu inimigo, do motim a bordo da *Lady Shore*, mas ao mesmo tempo lembrou que elle Prater assistira a todas aquellas scenas porque dispunha da extranha e preciosa faculdade de poder ver atravez das espessissimas pranchas de carvalho que cercavam o seu posto de observação entre as mulheres *convicts*. Quanto ao seu digno comparsa, o Tenente Drummond, declarava: a corroboração de seu attestado ao aranzei do amigo Prater tinha muito valor. O medico da *Lady Shore*, o Dr. Fyfe, podia contar a quem encontrara, no dia do motim, escondido sob a sua cama, quando os marinheiros revoltados acabavam de matar o immediato do navio e ferir mortalmente o commandante.

Quem salvou a situação do nosso aventureiro veio a ser o relato do commissario John Black que, em 1799, e em Ipswich, imprimiu a sua *An authentic narrative of the mutiny on board of the ship Lady Shore*.

Nella fez a mais calorosa defesa do nosso Semple Lisle e a sua *Narrativa* com certeza veio trazer o allivio da pena do admirado: de Frederico o Grande e de Potemkin.

Nada sabemos do final da aventureosa existencia do *swindler* escossez.

Curioso porem que Alfredo de Carvalho haja, com pouca attenção, lido o final de suas proezas, limitando-se a notar que elle continuou a "attribulada vida em Tanger e outros lugares do norte da Africa". Isto quando o proprio Lisle jamais refere que tenha estado em logar algum africano, além da cidade marroquina.

** Este livro foi composto e impresso nas officinas da Empresa Grafica da «Revista dos Tribunaes», Rua Xavier de Toledo, 72 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 118 — S. Paulo, em Agosto de 1938.*